

FLÁVIO MOISÉS SOARES

50 anos de Coreia e Brasil:

Histórias, Imigração e Relações em São Paulo (1963 – 2013)

ASSIS

2020

FLÁVIO MOISÉS SOARES

50 anos de Coreia e Brasil:

Histórias, Imigração e Relações (1963 – 2013)

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestre em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade).

Orientador: Prof. Drº. Wilton Carlos Lima da Silva

ASSIS

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Laura Akie Saito Inafuko - CRB 8/9116

S676c Soares, Flávio Moisés
50 anos de Coreia e Brasil: histórias, imigração e
relações (1963 – 2013) / Flávio Moisés Soares. Assis, 2020.
101 f. : il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Prof. Dr. Wilton Carlos Lima da Silva

1. Coreanos. 2. Coreia - Migração. 3. Identidade. 4.
Cultura. I. Título.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: 50 anos de Coreia e Brasil: Histórias, Imigração e Relações (1963 - 2013)

AUTOR: FLÁVIO MOISÉS SOARES

ORIENTADOR: WILTON CARLOS LIMA DA SILVA

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em HISTÓRIA, área: História e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. WILTON CARLOS LIMA DA SILVA
Departamento de História / UNESP/Assis

Prof. Dr. PAULO CESAR GONÇALVES
Departamento de História / UNESP/Assis

Prof. Dr. ROGÉRIO DE CARVALHO VÉRAS
Programa de Pós-graduação em Sociologia / UFMA/Imperatriz

Assis, 06 de agosto de 2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais por sempre ficarem do meu lado e me apoiarem em momentos difíceis;

Ao meu orientador por me guiar e inspirar em momentos complexos na carreira acadêmica;

Aos meus amigos de graduação e pós que foi e foram apoios para momentos de dúvidas, e um agradecimento especial a Aline Michelini Menoncello: “não sei como conseguiria passar por isso tudo sem você”;

Aos funcionários da seção de Pós-Graduação da UNESP de Assis/SP por todo o auxílio prestado durante os anos de mestrado, especialmente José Lino Alves e João Paulo Zanette por estarem sempre prontos para me ajudar;

A todos e todas (i)migrantes por sua ambição, determinação, força e zelo ao sair de suas terras natais e explorarem o mundo. Vocês sempre foram a minha musa.

SOARES, F. M. **50 anos de Coreia e Brasil**: Histórias, Imigração e Relações. 2019. 101 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2020.

RESUMO

As relações são complexas quando entre pessoas, então imagine entre países! Quando tratamos das relações entre o Brasil e Coreia do Sul elas, felizmente, se manifestam de maneiras mais harmônicas. Desenvolveram projetos e negócios em conjunto e seus acordos comerciais movimentam milhares de dólares, porém o projeto mais valioso feito por essa relação foi a vinda de coreanos para o Brasil. Um projeto audacioso que, movido pelos dois governos trouxe os primeiros emigrantes para fazendas e que logo se mudaram para São Paulo, lá floresceram e se estabilizaram. Sua presença ajudou a criar a imagem de uma São Paulo plural e cosmopolita. Porém, nem tudo são flores. Essa comunidade passou por problemas em sua fixação e também causou atritos com os brasileiros e com outros imigrantes. E os tempos pós 2000 trouxeram uma nova roupagem para essas relações e criaram um modo de pensar e viver a cultura coreana para os brasileiros (e para o mundo). Com este trabalho apresentamos um panorama histórico dos dois países, o desenrolar do processo migratório, estudamos algumas das relações que permeiam a comunidade migrante e, por fim, apresentamos uma conclusão sobre essas relações.

Palavras-Chave: Coreanos. Coreia. Migração. Identidade. Cultura.

SOARES, F. M. **50 years of Korea and Brazil**: Histories, Immigration and Relations. 2019, 101 p. Dissertation (Academic Master in History) - São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2020.

ABSTRACT

Relationships are complex when between people, so imagine between countries! When it comes to the relations between Brazil and South Korea, they happily manifest themselves in more harmonious ways. They developed projects and businesses together and their commercial agreements move thousands of dollars, but the most valuable project made by this relationship was made by Koreans to Brazil. An audacious project that moved by both governments brought the first emigrants to farms and who soon moved to São Paulo, flourished and stabilized there. His presence helped to create the image of a plural and cosmopolitan São Paulo. However, not everything is perfect. This community experienced problems in its settlement and also caused friction with Brazilians and other immigrants. And post-2000 times brought a new guise to these relationships and created a new way of thinking and living Korean culture for Brazilians (and for the world). With this work we present a historical overview of the two countries, the progress of the migratory process, we study some of the relationships that permeate the migrant community and finally we present a conclusion about these relations.

Keywords: Koreans. Korea. Migration. Identity. Culture.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 APONTAMENTOS TEÓRICOS	12
2.1 Sobre a Imigração: no Brasil e no Contemporâneo.....	12
2.2 Sobre a Cultura, seus estudos e a Nova História Cultural.....	18
2.3 Sobre a Etnicidade e o seu Desenvolvimento Durante o Século XX.....	22
2.4 Sobre a Identidade e sua Mutabilidade Contemporânea.....	25
3 COREIA	29
3.1 A Guerra da Coreia: uma guerra entre irmãos.....	29
3.2 Pós-Guerra e tempos de “paz”.....	32
3.2.1 Coreia do Sul.....	33
4 BRASIL	36
4.1 Ditadura Militar.....	37
4.1.1 Políticas Econômicas.....	40
4.1.2 Política Migratória.....	42
4.2 Redemocratização e Novos Tempos.....	44
4.2.1 Economia.....	45
4.2.2 Política Imigratória.....	45
4.2.3 Brevíssimo Panorama da Migração Contemporânea.....	46
5 PROCESSO MIGRATÓRIO E FIXAÇÃO	48
5.1 Imigração Coreana para o Brasil: de uma “guerra entre irmãos” para ser vizinho de um ex conquistador.....	48
5.2 Primeiro e Segundo Períodos (1910-1962).....	51
5.3 Terceiro e Quarto Períodos (1963 - 1984).....	53
5.3.1 Motivos Governamentais.....	53
5.3.2 Primeiros passos da imigração oficial (1961-1963).....	54
5.3.3 Imigrantes para as fazendas.....	55
5.3.4 ...Mas é nas cidades que eles florescem.....	57
5.3.4.1 <i>Moradias</i>	58
5.3.4.2 <i>Associações, Educação, Igrejas e Família</i>	59
5.3.4.3 <i>Mundo do trabalho</i>	61
5.3.5 Bom Retiro dos imigrantes: um breve passeio histórico.....	63
5.3.6 Questões de Norte versus Sul no Brasil.....	67
5.3.7 Os Clandestinos.....	68

5.4 Quinto e Sexto Período (1985- 2013)	69
5.4.1 As Geração 1.5 e 2	70
5.4.2 Migrando Novamente: em Destino ao Mundo.	72
6 AS INTERAÇÕES	74
6.1 As relações entre os bolivianos e os coreanos no microcosmo do Bom Retiro.	74
6.2 Onda Hallyu	79
6.2.1 O que é hallyu?	80
6.2.2 Música e k-pop.....	80
6.2.3 Doramas / <i>K-dramas</i>	82
6.2.4 Tecnologias e Videogames.....	83
6.2.5 Conclusão: hallyu produção cultural do governo e novas mídias	84
6.3 O Centro Cultural Coreano do Brasil: um local para interagir.	85
6.3.1 Quem trabalha	87
6.3.2 O(s) espaço(s) físico(s)	87
6.3.3 Suas Atividades.....	87
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	92
ANEXO A	100

1 INTRODUÇÃO

A indagação inicial para esta dissertação surgiu durante um passeio pelo bairro do Bom Retiro na capital paulista, uma vizinhança famosa pelas lojas de coreanos, e a indagação foi “como e quando foi esse processo migratório e de fixação?”.

A partir da lapidação e concretização da questão inicial se formou e fomentou o desenvolvimento deste trabalho. Perguntas derivadas surgiram no processo – como “quem são esses coreanos?”, “porque escolheram o Brasil para fazer sua moradia?”, “como foi e é esse processo de fazer o lar aqui?”, “como são as relações entre coreanos e bolivianos no Bom Retiro?” ou “como são as questões Coreia do Norte e Coreia do Sul dentro da comunidade dos imigrantes?” - infelizmente nem todas poderão ser respondidas no ínterim destes capítulos.

Em busca da resposta ao questionamento e seus desdobramentos, deparamo-nos com uma comunidade de fãs de *k-pop*, *doramas* e outros produtos da onda *Hallyu* (tema que abordaremos mais adiante), onde muitos dos seguidores não são descendentes. As redes sociais, *blogs*, sites e ferramentas de buscas, são importantes fontes de informações e interações dentro das comunidades de fãs. Entretanto, questionamo-nos onde, fisicamente, haveria espaços para a reunião desses grupos. Assim surgiram entre as fachadas dos prédios e lojas paulistanas, em especial do bairro do Bom Retiro e arredores, lugares para essa interação, mesmo que esse não fosse seu intuito original – como restaurantes familiares, cafeterias ao estilo de Seul, a própria embaixada oferecendo cursos do idioma de sua terra-mãe, igrejas cristãs de coreanos, academias de *Taekwondo*, lojas de produtos típicos, as lojas de produtos eletrônicos e das lojas de moda fundadas pelos imigrantes coreanos.

Além de celebrações e de outros tipos de festividades, afinal “Para eles [imigrantes – não somente os imigrantes coreanos, mas todos eles], (co)memorar era [e é] uma forma de não esquecer, de manter viva a memória do lugar deixado. Com tais ações, destacavam também seu pertencimento e marcavam sua identidade étnica.” (RAMOS, 2010, p. 101). Surgiram diversos espaços como a Associação Brasileira dos Coreanos (ABC), Associação Brasileira de Educação Coreana (ABEC) Associação Brasileira de Universitários Coreanos (ABUC), Centro de Educação Coreana de São Paulo (CENEC/SP), o Consulado da República da Coreia, a Câmara

do Comércio Coreana, a Igreja Católica Coreana ou a Igreja Missionária Oriental de São Paulo (IMOSP) esses já estudados em trabalhos anteriores (ROGANTI, 2003; YANG, 2011); entretanto esses trabalhos ainda não respondiam ao questionamento inicial.

Todo e qualquer indivíduo que deseje estudar algum aspecto da vida humana – coletiva ou individual – precisa de um plano de ação composto do objetivo(s) e do(s) método(s) para alcançar ou responder a esse(s) objetivo(s); assim como foi dito por Tomanik (2004, p. 20) “[...] os métodos não são apenas formas de avaliar afirmações [ou questionamentos], mas também caminhos para se chegar a estas afirmações”.

Compreendemos que “os estudos asiáticos no Brasil se comparados com outros estudos étnico culturais – por exemplo, os estudos europeus ou os afro-brasileiros –, mantiveram uma posição relativamente marginal e secundária na academia brasileira” (PEREIRA, 2003, p. 105). Nessa perspectiva, especialmente quando se trata dos coreanos, optamos por revisar uma coletânea de várias produções escritas, principalmente, por brasileiros e coreanos (ou descendentes) a partir dos anos de 1990, para o estudo do tema.

Embora sejam trabalhos importantes para o estudo e compreensão do processo de imigração coreana para o Brasil, permite constatar que o assunto não é esgotado devido a sua complexidade e diversidade. Portanto pode-se afirmar que existe uma lacuna nos estudos do processo de imigração coreana, com relação a área urbana e sua relação com a sociedade brasileira (ROGANTI, 2003, p. 16)

Esse recorte temporal do levantamento bibliográfico para a pesquisa se mostrou relevante por já existirem textos sobre os coreanos em solo nacional e, conseqüentemente, demonstrar o enraizamento, participação e representatividade da comunidade coreana perante os brasileiros e suas instituições. E, em um momento pós-2010, a diminuição da lacuna dos estudos coreanos.

Como essa pesquisa flerta com a História do Tempo Presente, o uso de bibliografias, teses e dissertações de variadas áreas e mídias digitais de diferentes fontes virtuais se fazem presente em todo o corpo.

Em termos técnicos, a metodologia qualitativa dedutiva com procedimentos de análise bibliográfica e documental se mostrou a mais frutífera para o desenvolvimento deste trabalho.

Nesta dissertação, começamos com a apreciação daquilo que nos motivou a pesquisar esse objeto tão recente – para a historiografia nacional quanto para outros estudos sociais – para em seguida, partirmos para capítulos com os pormenores e especificidades necessárias.

O primeiro capítulo intitulamos de “Apontamentos Metodológicos e Bibliográficos”, onde assinalamos as teorias que norteiam a nossa inquirição. Optamos em dividir em quatro partes esse capítulo para a melhor compreensão das teorias: a primeira parte apresenta teorias da imigração, com enfoque no século XX e XXI; a segunda focaliza no debate sobre teoria da cultura; a seguinte gira em torno do desenvolvimento da etnicidade; e a última com o conceito de identidade.

Na divisão “Coreia”, tratamos das questões históricas, político-econômicos e sociais que a península coreana passou pelo período de Guerra da Coreia até o período de recorte principal desta dissertação. Este capítulo ostenta o dever de apresentar a Coreia para o leitor brasileiro que, em termos gerais, não tem contato com a história do local.

Na sessão “Brasil”, apresentamos um panorama amplo do desenvolvimento econômico, político e social do Brasil com o intuito de iluminar o caminho do leitor nas dinâmicas nacionais que permearam a migração coreana em território nacional.

Em “Processo Migratório e Fixação”, desenvolvemos historicamente o processo de migração, fixação, relações e situação atual da comunidade coreana, com um enfoque na maior colônia do país.

No capítulo “As interações” trabalhamos as duas principais interações que a comunidade coreana tem com outros grupos migrantes (os bolivianos e os paraguaios) e com os brasileiros.

Por fim, elaboramos as “Considerações Finais”, construídas como uma síntese de todo o trajeto de pesquisa e resultados desse esforço humano que é compreender a complexidade do processo migratório que o povo coreano fez e faz para o Brasil durante esses últimos 50 anos.

2 APONTAMENTOS TEÓRICOS

O tema da pesquisa se mostrou interdisciplinar e complexo, necessitando, portanto, de estudos separados das teorias com maior recorrência durante o levantamento bibliográfico e de fontes. E essas são: teoria da imigração, cultura, etnicidade e identidade.

Nos próximos parágrafos, atentamos a debater esses conhecimentos em relação ao tema da pesquisa.

2.1 Sobre a Imigração: no Brasil e no Contemporâneo

Desde que o homem existe, se mover, (se) mudar, se deslocar são partes da condição humana tão inerentes quanto o se alimentar ou procriar. Começaram usando seus pés e pernas, logo passaram a usar animais, depois barcos e carroças, em seguida transatlânticos, trens e aviões. A cada era, os meios de se mover ficavam mais rápidos que seus antecessores, mas os motivos de migrar continuavam se repetindo – fomes, pestes, guerras, desastres naturais e não naturais, fundamentos religiosos, etc. – e com o mesmo objetivo: melhores condições de vida para si ou seus familiares. Se fixar no novo espaço por vezes é tão difícil quanto o primeiro passo de deslocamento da terra pátria; ou nas palavras de Sayad (1998), “é o deslocamento de pessoas no âmbito físico, ultrapassando barreiras geográficas, se estendendo para o espaço caracterizado pelas relações sociais, culturais e econômicas”.

Segundo Bassanezi *et al* (2008), o Brasil passa por quatro grandes períodos migratórios¹: o primeiro com o final da escravidão, a busca por mão de obra livre assalariada, apoio governamental na forma de subsídios para imigrações; o segundo foi no período do Convênio de Taubaté (um acordo para proteger a produção brasileira de café), é o período do início da imigração japonesa; o terceiro é pós-Primeira Guerra Mundial e o quarto é pós-Segunda Guerra Mundial. E declinando durante o meio do século XX e perdendo muito de seu impulso a partir da década de 1970 – “seja pela prosperidade dos países da Europa, seja pela introdução da doutrina de segurança

¹ Nós afirmamos que são cinco períodos históricos, o primeiro período é o da imigração forçada que os africanos escravizados sofreram durante o período escravocrata nacional. Mas, levamos em consideração que o texto da autora tem um recorte pós-escravidão.

nacional decorrente do regime militar de 1967-1986” (LOPES, 2009, p. 169). Claro que após esses grandes fluxos migratórios a imigração continuou, mas sem números tão expressivos até “o biênio 2013-2014 (com os dados até outubro deste último ano) registra o maior ingresso e contingente de imigrantes desde a década de 1930” (UEBEL; RÜCKERT, 2017, parágrafo 62) que pode ser enquadrado como o quinto grande período migratório.

Em terras brasileiras e da América em termos genéricos, a (i)migração sempre fez parte da constituição dos humanos que a habitavam; diversas comunidades indígenas eram nômades; os portugueses (outros europeus² e alguns chineses³) saíam da Europa e se fixaram na nova colônia; escravizados eram trazidos a força da África para a América – mas, parafraseando Lopes (2009), aqueles “que aportavam por essas terras tinham seu lugar social bem definido: escravo ou colonizador, colono ou proprietário rural”, a ascensão social estava reservada aos aventureiros, profissionais liberais ou comerciantes e quanto ao indígena restou a expulsão ao lugar remoto ou a morte (p. 166).

Com o fim da escravidão legalizada, a necessidade de mão de obra (principalmente para o sistema agrícola), a necessidade de ocupar territórios e o desejo de “embranquecer” a pátria, o governo brasileiro iniciou relações diplomáticas para os futuros projetos imigratórios com diversas nações, no primeiro momento com nações europeias, mas, depois de alguns anos e experiências com os povos europeus, se firmaram acordos com nações asiáticas. Sobre isso, Lesser nos diz:

A princípio, políticas influenciadas pela eugenia favoreceram a entrada de trabalhadores alemães, portugueses, espanhóis e italianos como ‘braços para as lavouras’. Mas o medo da militância social e trabalhista e também as dúvidas sobre se os imigrantes da Europa Central seriam ou não assimilados (...) fez atenção se voltar para os grupos não europeus. Foi necessário, para tal, modificar a linguagem que associava o desejável à condição de europeu. A ideia de branquidão se tornou assim um componente importante para a inclusão na ‘raça’ brasileira, mas o significado de branco mudou radicalmente

²Segundo Mazer (2014, p. 2) os primeiros europeus não portugueses a emigrar foram os suíços para Nova Friburgo (RJ), em 1819, por decreto do imperador D. João.

³Os europeus entravam na colônia por diversos motivos e meios, como exemplos citamos a presença francesa no Nordeste; sobre os chineses, Campos (2015, p. 74) diz que eram vindos de colônias portuguesas na Ásia, como Macau e Cantão, vindos para trabalhar nas fazendas de chá do imperador depois da fuga da família imperial.

entre 1850 e 1950 [pelas experiências com imigrantes do Oriente Médio]. (2015, p. 24)

Os japoneses foram os primeiros a vir em grandes números para o território nacional, o governo nacional fez parcerias (com bancos e o governo japonês) e propagandeou o país como um lugar quase divino para os nipônicos, o projeto deu certo e, em 1908, inicia-se o processo migratório japonês para o Brasil. Sakurai nos diz:

Dentre os destinos dos imigrantes [japoneses], o Brasil é o principal (mais que os EUA) e o último. Aqui chegaram cerca de 250 mil japoneses, entre 1908 e final dos anos 1970, quando então a imigração diminuiu bastante. Nesse intervalo, o fluxo foi contínuo, com exceção do período entre 1942 e 1945 em razão da guerra. Ao Brasil foram enviadas famílias inteiras [e aptas ao trabalho], e não somente jovens do sexo masculino como na imigração para outras partes do mundo. (2008, p. 244)

Entre os povos do leste asiático, os japoneses são os que estão mais envolvidos com os brasileiros e que mais influenciaram no caldo multicultural e étnico que constrói o Brasil, em especial o estado de São Paulo – atentemos a esse fato pois será de importância para a fixação coreana. A migração em núcleos familiares foi uma das responsáveis para a facilitação do processo de fixação dos imigrantes, pois com os familiares e entes queridos ao lado, a viagem e estadia em uma terra que não se compreendia o que era dito tinha suas tensões aliviadas.

O mundo do século XX, e principalmente o do século XXI, causou mudanças em coisas e pessoas. Segundo Wrong (1968, p. 103), depois do século XIX – onde a imigração era com menores, ou sem, restrições – diversos países adotaram políticas imigratórias que, de uma maneira ou outra, visavam a filtrar o imigrante tanto em quantidade como em qualidade. Ainda segundo autor estadunidense:

Las cuotas que limitaban el número de individuos provenientes de cada país o pertenecientes a diferentes grupos raciales, las preferencias por inmigrantes con ciertas capacidades ocupacionales, las reglamentaciones gubernamentales más estrictas para el otorgamiento de la ciudadanía, y directamente la prohibición de la inmigración desde zonas cuyos habitantes no eran considerados como asimilables, se convirtieron en medidas normales. (WRONG, 1968, p. 103)⁴

⁴As cotas delimitavam o número de indivíduos de cada país ou pertencentes a diferentes grupos raciais, as preferências aos imigrantes com certas capacidades ocupacionais, definiam regulamentos governamentais mais rígidos para a concessão da cidadania e diretamente declaravam a proibição da imigração de áreas em que os habitantes não eram considerados assimiláveis; essas medidas tornaram-se as medidas normais (tradução nossa)

Segundo Martins (2013, p. 135), “No presente, o Brasil vive a maior onda de imigração, desde o grande fenômeno ocorrido no final do século XIX e início do XX”; e citando Baeninger e Sales (2000) e Seyfert (2007) nas últimas décadas do século XX, o brasileiro começa a emigrar – os EUA, Japão (conhecido como o movimento *dekassegui*) e alguns países europeus são os destinos favoritos –, enquanto que a imigração de angolanos, bolivianos e coreanos cresce. Os seres humanos, apesar das influências ocasionadas pelas imigrações e migrações e seus atores, se agarram em suas próprias culturas e costumes, característica essa, muito mais marcada em migrantes. O apego às suas tradições e história é expresso, política e socialmente, por instituições formadas por (i)migrantes e eventos promovidos pelos mesmos. Notamos que essas instituições e ações cumprem papéis duplos, enquanto preservam e lembram as raízes, mostram a comunidade que os acolheu as mesmas coisas.

As palavras de Kajimoto *et al.* completam a informação acima:

Em todas as culturas encontram-se instituições criadas e legitimadas por variados motivos e apropriações, onde as pessoas buscam seus interesses e costumes com os quais se identificam. Por esse motivo, estudar essas instituições pelo viés da memória e da identidade é importante para conhecer melhor o meio pesquisado e compreender a importância que essas ações têm para o desenvolvimento da sociedade que estão inseridas. (2017, p. 68)

Kajimoto pesquisou sobre as associações japonesas na cidade de Marília, interior do estado de São Paulo, entretanto sua afirmação pode ser facilmente aplicada a outras culturas de imigrantes pelo globo. Parafraseando Machado (2014, p. 36), a migração não existe como uma entidade única que acontece com diferentes pessoas, países e situações, existem movimentos, deslocamentos e sentidos particulares relativos a cada experiência. Portanto, mesmo que a criação de instituições estimuladoras da cultura nacional dos (i)migrantes seja comum a todos, cada uma é única.

Partindo da afirmação acima, apresentamos a de Perelmutter:

há uma prática cultural comum a todas as presenças imigrantes e que se manteve inquebrantável: à culinária. Se fôssemos traçar às presenças imigratórias que atravessaram o Bom Retiro [ou qualquer outra comunidade com (i)migrantes] através de suas respectivas cozinhas, não nos enganaríamos quanto ao dinamismo dos diferentes fluxos. Italiana, judaica, armênia, coreana, grega, boliviana – todas essas culinárias mantêm-se, lado a lado, disputando sua freguesia independentemente das respectivas colônias terem ou não se mantido vinculadas ao bairro. (2017, p. 139)

Cada ser humano é composto de uma coletânea de eventos e fatos particulares – ou referentes ao grupo que o indivíduo se sente pertencente – isto forma a personalidade do indivíduo, para as pessoas essa coleção vai ser chamada memória. Que pode ser criada artificialmente ou naturalmente, manipulada e, por diversos motivos, esquecida. Tais coleções de memórias fazem parte da construção da identidade do indivíduo. Pereira (2011, p. 47) nos apresenta a seguinte afirmação:

o processo identitário prossegue após a instalação dos indivíduos em um novo território. até porque uma característica intrínseca dos fenômenos de construção identitária é o fato de se realizarem constantemente, se transformarem ao longo do tempo, além de serem essencialmente plurais – as identidades –, visto que indivíduos e grupos assumem múltiplas formas de se identificar em diferentes situações concretas no decorrer de suas existências. (PEREIRA, 2010, p. 47)

Assim os grupos, tanto migrantes como o grupo receptor, mudam e se adaptam, absorvem, mesmo que a contragosto, características do outro. A primeiro momento, existe o estranhamento em relação aos outros, mas com o decorrer do tempo por diversos motivos – casamentos, acordos e relações comerciais, clubes, festividades, culinária, música, internet, etc. – as relações vão se tornando mais próximas. Mas a sombra do outro vai rondar essas relações, mesmo que veladamente (em exemplo, quando um brasileiro não descendente de japoneses chama um brasileiro descendente por “Japa” ou “Japonês”, se apaga a individualidade do segundo e o coloca como o outro, o estrangeiro, o não-brasileiro).

Em esforços para se integrarem à comunidade receptora, os migrantes costumam adotar nomes na língua nativa; no caso brasileiro, sendo nomes aportuguesados – como foi o caso de italianos que tiveram nomes como Giuseppe aportuguesados para José, Sofonisba para Nipa (PEREIRA, 2010, p. 49) – ou mesmo adotam nome brasileiros no lugar de seus nomes oficiais – ação que ocorre com frequência entre os coreanos em São Paulo, por exemplo, In Sung se apresenta como Jack (nosso prezado contato com o Centro Cultural). “Os imigrantes e seus descendentes tinham identidades brasileiras fortes, embora sempre mutáveis, a genética (no sentido científico, e não discursivo) nunca foi um fator importante, embora o discurso contivesse a palavra ‘sangue’” (LESSER, 2015, p. 23).

Entretanto nem todos os esforços do (i)migrante é capaz de lidar com determinados problemas. Preconceitos e a violência (verbal, física e psicológica) são

os mais comuns e os mais retratados na mídia, para Campos (2010) e Martins (2013) a mídia jornalística brasileira é racista (apresenta características do ideal de embranquecimento da população) e xenófoba. Ambos pesquisadores analisaram a produção de jornais e/ou revistas e ambos mostraram que o preconceito é enraizado na população nacional,

Racista, autoritária e guiada por profundos interesses econômicos, grande parte da elite brasileira fez da imprensa um de seus principais instrumentos para a realização de seu projeto nacional, de caráter fortemente assimilacionista e seletivamente xenófobo. Os imigrantes não são seres humanos, mas “braços”. Não migram, são “importados”. Devem ser parte de uma “multidão trabalhadora”, mas nunca os “perturbadores da ordem”. Devem ser “morigerados” e “industriosos”, mas, se reivindicam direitos, são classificados como “agitadores” e “anarquistas”. Devem ser “assimiláveis”, sob o risco de suas comunidades se tornarem indesejáveis “quistos étnicos”. O imigrante é um bode expiatório muito bem-vindo no Brasil, principalmente se age sobre ele, ainda mais além, o corte de classe. (CAMPOS, 2010a, p. 528).

O (i)migrante se enquadra como minoria pela definição de Koubi, – “A situação de minoria pressupõe a submissão, a inferiorização, a desvalorização do grupo considerado. Apreendida no registro da exclusão e do ostracismo, ela também podia traçar novamente os fenômenos de expatriação e de relegação.” (2004, p. 531) –, pois eles, em teoria, enfrentam os mesmos problemas de outros grupos já definidos como minoritários (os negros, por exemplo). Dizemos que é em teoria apenas pois – assim como dito, ainda, por Campos e Martins –, o negro pobre (que aqui pode ser substituído pelo venezuelano, boliviano, peruano, paraguaio) é dito como refugiado, causador de problemas sociais, responsável pelo aumento da violência, por superlotar o sistema de saúde e educação, roubar empregos enquanto o branco abastado – por muitas vezes europeu – e mais especificamente o não latino (MARTINS, 2013, p. 150) – ou estadunidense é visto como “‘estrangeiros’, carregando estigmas por vezes positivos como o do europeu civilizador e detentor de uma ‘cultura’ superior.” (CAMPOS, 2010a, p. 528-529). Como vemos grupos (i)migrantes apresentam problemas diferentes em relação a comunidade brasileira contemporânea “[uma] típica sociedade multiétnica – sob o escudo do mito da democracia racial, persistem na esteira da longa duração os preconceitos e os ideais de branqueamento cultivados desde o século XIX” (MARTINS, 2013, p. 151).

Nos momentos contemporâneos, o globo passa por um fenômeno de migração

em números expressivos, “A diminuição dos custos de transportes e o aumento do fluxo de informações são fundamentais, aliadas a crise internacional, para justificar tal fenômeno” (MARTINS, 2013, p. 139); e assim como pessoas a informação viaja rapidamente e junto com ele diversas culturas, etnias e identidades. E “ao final, o Brasil não se tornou nacional ou culturalmente homogêneo, mas ser brasileiro se tornou algo distinto” (LESSER, 2015, p. 25).

Tendo a compreensão da situação migratória atual podemos partir para o próximo tópico, onde exploramos os conceitos de cultura, etnicidade e identidade.

2.2 Sobre a Cultura, seus estudos e a Nova História Cultural

Culturas são tão diversas, assim como dinâmicas, quanto cada povo ou grupo social que habita, ou habitou o planeta. Uma definição exata, embora tentada ao decorrer dos anos, nunca foi possível de ser encontrada, portanto aqui decidimos adotar a concepção mais generalista de Santos (2006, p. 22-25), parafraseada, Cultura é tudo que caracteriza uma população humana que se divide em duas grandes concepções; a primeira remetendo a todos os aspectos de uma realidade social e a segunda, mais específica, voltada aos conhecimentos, crenças, língua, expressão e ideias de um povo.

Cuché (2012) aborda as relações entre cultura e os conceitos de aculturação, de hierarquia e de identidade. Sobre a aculturação, que se relaciona à ideia de contatos culturais, lembra que o mesmo designa um movimento de aproximação entre culturas e não um movimento de desculturação, dessa maneira, provocando mudanças nos modelos culturais de um ou dos dois grupos em contato. Não se trata, assim, nem somente de mudança cultural, nem somente de assimilação, nem somente de difusão cultural, mas de um processo mais complexo e completo, tal como fora estudado por Herskovits, Linton, Redfield, Bastide e outros.

Sobre a hierarquia cultural, o autor lembra que a cultura é um produto histórico que reproduz as relações sociais que, em geral, adquire diferentes valores sociais e

hierárquicos. Por esse reflexo da sociedade, aparenta-se uma ideia de que há culturas dominantes e dominadas; onde a classe social dominante é a “detentora” da cultura dominante,

Para Marx assim como para Weber, a força relativa de diferentes culturas em competição depende diretamente da força social relativa dos grupos que as sustentam. Falar de cultura “dominante” ou de cultura “dominada” é então recorrer a metáforas; na realidade o que existe são grupos sociais que estão em relação de dominação ou de subordinação uns com os outros. (CUCHE, 2012, p. 145)

A partir dessa hierarquização das culturas que nascem certos subtipos culturais, como a cultura popular, a cultura de massa, a cultura operária, a cultura burguesa, cultura de imigrantes, cultura da periferia, etc.

No tocante a identidade, o autor afirma que na estreita relação entre as concepções de cultura e de identidade, percebe-se que a noção de identidade também apresenta vieses distintos, podendo ser entendida como vinculação original de um indivíduo aos seus grupos (suas raízes), como resultado de um patrimônio genético (sua raça) ou como resultado de uma herança cultural (sua cultura). O que, na verdade, deve ser destacado em qualquer situação é a natureza social da identidade:

a construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. Além disso, a construção da identidade não é uma ilusão, pois é dotada de eficácia social, produzindo efeitos sociais reais (CUCHE, 2012, p. 182).

Outro aspecto significativo é que “uma cultura particular não produz por si só uma identidade diferenciada: esta identidade resulta unicamente das interações entre os grupos e os procedimentos de diferenciação que eles utilizam em suas relações” (CUCHE, 2012, p. 182); assunto que será retomado em momento pertinente.

Tanto a Cultura como seus estudos são de naturezas multidisciplinares, pois abordam temas como relações familiares, artes, música, etiqueta, religião e religiosidades, etc. em consequência os seus pesquisadores tendem a ser variados, como antropólogos, sociólogos e historiadores – interessante perceber que o mesmo acontece com a Etnicidade e com a Identidade – principalmente a partir dos estudos da Nova História Cultural.

Santos (2006, p. 8) explica que “cada realidade cultural tem sua lógica interna,

a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam” e, portanto os estudos das culturas são essenciais para compreender e dignificar o outro, suas necessidades, valores e combater preconceitos. E compreender as relações, “desiguais”, entre elas é necessário para a compreensão do mundo, em especial no contemporâneo. Em períodos passados se acreditou que algumas eram superiores às outras (e usaram isso como razão para dominá-las e subjugar-las), mas com os avanços dos estudos essas ideias foram combatidas e destruídas, entretanto, infelizmente, hoje em dia esses preconceitos ainda existem – felizmente de formas mais reduzidas.

Visando a compreender melhor esse conceito, apresentamos a classificação elaborada por Peter Burke (2008) que dividiu o desenvolvimento da História Cultural em quatro períodos: História Clássica (1800 a 1950), História Social da Arte (1930 a 1940), Redescoberta da História Cultural Popular (1950 a 1960) e a Nova História Cultural (dos anos 70 em diante). Começamos com os questionamentos acerca dos estudos culturais clássicos para a aplicação no nosso tema:

Os estudos culturais insistem sobre o fato que as culturas devem ser estudadas no contexto das relações sociais e do próprio sistema onde é produzida e consumida, sendo assim, extremamente ligada os estudos sociais, à política e à economia, produzindo instrumentos que nos permitem ler e interpretar com maior criticidade nossa própria cultura sem distinção entre ‘alta’ e ‘baixa’ cultura ou ‘acadêmica’ e ‘popular’. (NAPUTANO, 2012, p. 12)

Esse enfoque de estudar uma cultura no meio que ela é produzida e consumida não se mostrou interessante para esta dissertação porque percebemos a cultura como viva, transeunte entre a alta e baixa sociedade, entre o acadêmico e o popular, entre o sagrado e o profano – observemos como exemplo o funk carioca, nascido da inspiração do funk estadunidense, que começou em comunidades nos morros e depois partiu para os mais diversos níveis da sociedade carioca para em seguida partir para todo o Brasil. Em dias atuais, o acesso à informação – e a cultura – é quase que instantâneo para grande parte da população, portanto a teoria que determinada cultura é restrita a determinado grupo nos é irreal para o contemporâneo. Esses últimos exemplos, ilustram a Nova História Cultural a mais relevante para nossas análises pois a mesma propõe a penetração da cultura nas diversas camadas das sociedades, por considerar relevante as diferentes expressões/variações culturais

(como religiosidades, questões relativas a fala, etiqueta, esportes, consumo) e a valorização dos espaços e materiais – Cultura Material (vestuários, alimentos, arquiteturas e construções) – envolvidos nas mesmas e a valorização da memória (e sua relação com a História) para a formação de identidade (BURKE, 2008).

Atentemos ao fato de que as sociedades do presente são extremamente variadas,

Pensem, por exemplo, numa sociedade como a brasileira. A sociedade nacional tem classes e grupos sociais, tem regiões de características bem diferentes; a população difere ainda internamente segundo por exemplo, suas faixas de idade, ou segundo seu grau de escolarização. Além disso, a população nacional foi constituída com contingentes originários de várias partes do mundo. Tudo isso se reflete no plano cultural. (SILVA, 2006, p. 18)

Desse modo a definição de determinada cultura como detentora do título de “A Cultura Brasileira” é, praticamente, impossível. Mas uma outra forma de se encarar a cultura surge desse caldo: o multiculturalismo (também chamado de pluralismo cultural). Este é um conceito de que as culturas são diversas devendo ser respeitadas na sua essência e de que o contato entre elas é característico em nossos tempos. O Canadá e o Brasil, por exemplo, são países multiculturais. Muito devido aos diferentes grupos de imigrantes recebidos, mas também por observar outros fatores de integração, como a não subordinação a cultura dominante, e desenvolvimento de novas culturas a partir do choque cultural inicial.

Os mesmos avanços, citados na sessão anterior, que facilitam a migração também são os responsáveis pela criação e dinamização do multiculturalismo e de uma cultura mundial. Essa última se baseia nos conceitos de que diversas culturas contemporâneas compartilham de características comuns fundamentais (SILVA, 2006, p. 40) e essas estão a se dispersar para outras não contagiadas.

Em poucas palavras, o multiculturalismo afirma a existência de diversas culturas dentro de determinados limites e incentiva a convivência pacífica entre as mesmas⁵ e a cultura global afirma o avanço de uma cultura única que aos poucos vai

⁵Ver: SANSONE, L. O Estado e o multiculturalismo. in *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 57, n. 3, p. 4-5, setembro de 2005; IVENICKI, A. Multiculturalismo e formação de professores: dimensões, possibilidades e desafios na contemporaneidade. in *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 100, p. 1151-1167, julho de 2018.

se impondo e modificando outras culturas para o seu modelo.

Quando a cultura não foi capaz de diferenciar, a etnicidade “apareceu” para trabalharmos as diferenças.

2.3 Sobre a Etnicidade e o seu Desenvolvimento Durante o Século XX

O conceito de etnicidade descreve um grupo que se autodefine e é definido por outros como diferente, que se supõe algum tipo de identificação coletiva assim como um compartilhamento de uma história comum; portanto é um conceito não baseado na cultura, mas na relação/contraposição ao outro – ou seja, sempre relacional – sendo assim incapaz de existir em um grupo isolado.

Um conceito nascido na primeira metade do século XX, a etnicidade tem nas escolas anglo-saxônicas de Ciências Sociais seu berço. Em primeiro momento sendo apenas a contraposição do anglo-americano com o não anglo-americano; sendo

As duas primeiras definições não tautológicas da noção de que temos conhecimento são as de Wallerstein (1960) e de Gordon (1964) que, em contextos muito diferentes (a sociedade americana para Gordon e à África do Oeste para Wallerstein), utilizam o termo etnicidade para designar não a pertença étnica mas os sentimentos que lhe estão associados: o sentimento de formar um povo (sense of peoplehood) partilhado pelos membros de subgrupos no interior de fronteiras nacionais americanas, ou o sentimento de lealdade (feeling of loyalty) manifestado em relação aos novos grupos étnicos urbanos pelos africanos destribalizados (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 24)⁶

E se impõe nos anos 70 por levantes de caráter étnico em todo globo. Portanto, é uma característica dos tempos contemporâneos.

Partindo dos estudos de Poutignat e Streiff-Fenart – que apresentam a etnicidade em seis grandes definições: como dado primordial, como extensão do parentesco, como expressão de interesses comuns, como reflexo de antagonismos econômicos, como um sistema cultural e como forma de interação social – pretendemos apresentar um panorama do desenvolvimento desse campo de estudo.

⁶GORDON, M. *Assimilation in american life*. New York: Oxford University Press, 1978.

WALLERSTEIN, I. *Ethnicity and national integration in West Africa*. Cahiers d'Études Africaines, n. 3, p. 129-39, oct 1960

A primeira definição é baseada no conceito que o ser humano nasce ou adquire desde o nascimento os caracteres que constroem sua identidade étnica que o liga com passado e esses caracteres são transmitidos geração em geração. Ainda de acordo com os autores, essa definição ignora as situações econômicas e políticas em que o indivíduo está e não leva em consideração a ligação afetiva e emocional do mesmo com esses vínculos. A segunda está ligada a uma ideia biológica inata em que o indivíduo buscaria entre os seus o melhor parceiro genético, sendo assim, “Os sentimentos étnicos e os comportamentos que eles determinam enraízam-se, assim, numa tendência geneticamente programada para favorecer seus próximos em detrimento dos estranhos” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 93).

O terceiro grupo, expressão dos interesses comuns (ou teorias instrumentalistas), é baseado nos princípios de explicar situações de conflitos étnicos – não sendo muito úteis em cenários pacíficos – e tem uma separação em três categorias: de interesse, da escolha racional e do colonialismo interno. A teoria do grupo de interesse se baseia no conceito que a etnicidade é o sentimento de solidariedade do grupo emergente com interesses políticos, sociais, econômicos e/ou materiais em situações de conflito – como protestantes se unindo em detrimento de católicos; membros do movimento LGBTQ+; imigrantes italianos se unindo contra à sociedade *wasp*⁷ e assim formando associações de crime organizado (Cosa Nostra) (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 99); etc. – e assim vemos a etnicidade como mais uma maneira de ascensão social, econômica e promovendo o grupo em questão. Esta definição coloca a etnicidade como extremamente ligada a ideias e ideais políticos, portanto sendo, para os autores, *political ethnicity* e não podendo existir fora desse viés. Em outra via, o conceito de escolha racional baseada a partir da ideia da “escolha” individual visando a adquirir bens (materiais ou não) que não conseguiriam por estratégias individuais. É uma teoria focada no individual, que transforma os grupos étnicos em ajuntamentos de indivíduos visando à conquista de determinado bem.

Essa via tem seus problemas na questão de tratar todas as escolhas individuais como iguais, por não conseguir compreender o sacrifício em nome do grupo ou

⁷WASP é o acrônimo que, em inglês, significa "Branco, Anglo-Saxão e Protestante" (*White, Anglo-Saxon and Protestant*) que em geral são os portadores de poderes econômicos e sociais.

sociedades onde vantagens políticas e econômicas não são importantes – os autores citam o exemplo dos amishes⁸. De outra parte, o conceito de colonialismo interno “encara a etnicidade como uma forma de solidariedade que emerge em resposta à discriminação e a desigualdade e manifesta uma grande consciência política por parte dos grupos que buscavam reverter a lógica de dominação” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 103). As críticas a essa são que é o apogeu da incapacidade de explicar os grupos étnicos fora de situações conflituosas e sua profunda dependência das hierarquias políticas e econômicas. Em última análise “as teorias instrumentalistas não respondem à questão de saber de onde provém realmente a etnicidade” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 106).

A etnicidade como um reflexo dos antagonismos econômicos, é uma faceta que atrela as questões étnicas e raciais às questões de classe e capitalistas. E essa é sua fraqueza, ela somente funciona em sistemas capitalistas e não consegue explicar ascensão social de determinados grupos e não a de outros no mesmo espaço; além de apresentar a mesma incapacidade das teorias instrumentalistas.

A etnicidade como um sistema cultural relaciona à etnicidade com conceitos de cultura – mas a mesma como um conjunto de traços descritivos em vez de uma totalidade. A etnicidade aqui é vista “como um sistema cultural [quase linguístico] que permite aos indivíduos situar seu espaço em uma ordem social mais ampla” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 109) negociando intra e intergrupo ideias, histórias e percepções acerca do mundo e outrens.

E na última delas temos a definição de etnicidade como resultado da interação social do indivíduo, portanto, não sendo uma característica atrelada ao nascimento e inalterável, mas sim um processo, segundo os autores (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 111), “contínuo de dicotomização entre os membros e *outsiders*” – protestantes e católicos, imigrantes e nativos, umbandistas e cristãos, italianos e judeus, “Nós” e “Eles”.

Cada uma dessas teorias teve, e tem, diversos autores como seus defensores, entretanto não se “chegou verdadeiramente até hoje a permitir que se destaque uma

⁸Grupo cristão, dos EUA e Canadá, que vive aos moldes conservadores, evitando carros e outros maquinários contemporâneos e aqueles alimentados com eletricidade.

teoria geral da etnicidade” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 120). Embora que “o que diferencia, em última instância, a identidade étnica de outras formas de identidade coletiva é o fato dela ser orientada para o passado” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 13) e, em especial, a comparação (ou construção) com o outro e as fronteiras que surgem disso se tornam os mantenedores da etnicidade, assim defendido por Barth (2011). Esse é o conceito de *ethnic boundary*.

“Na medida em que um termo ‘étnico’ sempre foi utilizado para designar pessoas ‘diferentes de nós mesmos’ e na medida em que somos todos diferentes de outras pessoas, ‘somos todos étnicos’” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 23). Entretanto, os estudos étnicos deixaram todas as comunidades imigrantes estudadas com máscaras iguais, repetindo padrões sociais e comportamentos. Sempre colocando que as atitudes de italianos e japoneses, por exemplo, como iguais.

“Hoje as pessoas ‘têm’ determinadas etnicidades” (MACHADO, 2015, p. 12), com essa passagem Machado nos mostra que o mundo contemporâneo pede novas interpretações que os estudos padrões de etnicidade não conseguem mais abordar.

Quando a etnicidade não conseguiu mais ver as diferenças, as identidades se fizeram notar.

2.4 Sobre a Identidade e sua Mutabilidade Contemporânea

Atualmente, as pessoas são um conjunto de identidades mistas, que formam um conjunto “de mapas de diferenças que permitem [a elas] se locomover num mundo cheio de fluxos contraditórios” (MACHADO, 2015, p. 14). Assim como foi dito por Hall (2002, p. 14), “As sociedades modernas são [...], sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Esta é a principal distinção entre sociedades ‘tradicionais’ e as ‘modernas’”, essa é a sociedade de fluxos contraditórios e incessantes que força ao ator se tornar muitos e, ao final, pode ocasionar uma crise de identidade – assunto que trataremos mais adiante.

Nas sociedades tradicionais – como os antigos gregos e romanos – o passado

tem uma premissa guiadora (do e para o presente e futuro), quase que divina e carregada de simbologias, que acabava por gerar tradições; por outro lado, as sociedades modernas colocam as práticas sociais sobre constantes (re)avaliações a vistas de novas informações que chegam a seus membros.

Cuché (2012, p. 183) diz “A identidade existe sempre em relação a uma outra. Ou seja, identidade e alteridade são ligadas e estão em uma relação dialética. A identificação acompanha a diferenciação”, mas diferenças se tornaram tão complexas no mundo pós-moderno que chegamos a ter diferenças dentro das diferenças – imigrantes japoneses se dividem em japoneses e Okinawa, o movimento LGBTQ+ se divide em numerosas categorias e se fundem com outros movimentos como o feminismo, que por sua vez se parte outros grupos, e ao final tudo isso se mistura para formar o pertencimento de uma jovem lésbica descendente de okinawanos – que simplesmente a cultura e etnia não foram mais capazes de abraçar o todo (embora ainda que as relações entre eles sejam extremamente próximas e as influências transitem livremente pela fronteira). O conceito identidade entra com a função de “ser uma ferramenta que dava a possibilidade de pensar as diferenças dentro das diferenças” (MACHADO, 2015, p. 13). O mesmo fenômeno foi descrito por Hall (2002, p. 45):

cada [novo] movimento [social] apelava para a identidade social de seus sustentadores. Assim o feminismo apelava para as mulheres, a política sexual aos gays e lésbicas, as lutas raciais aos negros, o movimento antibelicista aos pacifistas e assim por diante. Isso constitui o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como *política de identidade* – uma identidade para cada movimento

E também afirmou:

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de *diferença*. (HALL, 2002, p. 21)

Completando o pensamento acima, “as velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno” (HALL, 2002, p. 7) que antes era um ser único. Para entender esse processo é necessário apresentar a evolução desse conceito desde a Era Moderna até os dias atuais.

No mundo Moderno, a identidade do sujeito era formada por ele e sua relação, de mão dupla com as pessoas importantes para ele, e assim era construído o seu aparato identitário; “a identidade, então costura [...] o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis” (HALL, 2002, p. 12). Para o homem pós-moderno essa não é mais uma verdade, rachaduras começaram a fragmentar seu aparato.

Ao final do século XX as rachaduras que se formaram nas fronteiras da identidade, começam quando o indivíduo, ou grupo, percebe que ele tem mais diferenças com aqueles que ele julgava como sendo “semelhantes”. Assim o ator entra na chamada Crise de identidade – uma descentralização do indivíduo tanto no seu eixo social quanto no seu eixo cultural – estruturada nas ampliações, modificações e fragmentações em paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça, religião, nacionalidade, e etc. Ainda, para Hall (2002, p. 13) o sujeito não tem uma identidade fixa ou permanente, assumindo para si máscaras identitárias para cada momento que vive; ele pode construir para si uma estória sobre si ou uma “narrativa do eu” que geram uma ideia, falsa, de identidade unitária e não fragmentada, para aplacar um pouco sua crise. Ou como dito por Hall (2002, p. 48), “as identidades nacionais [e outras] não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” e, completando, das vivências. Entretanto, à medida que a vida social

se torna mediada pelo mercado global, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos [...]. (HALL, 2002, p. 75)

Ou seja, no tempo contemporâneo no mundo globalizado somos bombardeados com diversas informações sobre diferentes culturas e tradições das mais diversas, cada uma delas tenta “capturar” as pessoas a sua maneira – afinal ter pessoas que seguem as mantêm “vivas”. É interessante notarmos que o mercado capitalista de consumo é um dos grandes difusores de culturas e tradições, por exemplo, temos o muito estudado “*american way of life*” - por meio do qual os Estados Unidos da América exportaram para o mundo todo seu estilo de vida, tradições e

simbologias que terminaram por serem adotados, em diferentes graus, em diversos países – que a partir de propagandas, músicas, filmes e outros “venderam” as tradições americanas. Em outras palavras, o consumismo/capitalismo ajuda a disseminar diversas culturas; diversas cidades no ocidente têm restaurantes com pratos típicos da culinária japonesa ou árabe ou indiana; as telas pelo globo todo reproduzem filmagens norte-americanas; música pop sul-coreana é ouvida por dezenas de milhares de não coreanos.

3 COREIA

3.1 A Guerra da Coreia: uma guerra entre irmãos

Com a derrota dos japoneses⁹ na Segunda Guerra Mundial foi devolvida a independência à Coreia; que estava como o segundo país mais industrializado da Ásia na época (a antiga metrópole era o primeiro), mas com uma moral nacional abalada e fisicamente marcada.

O contexto global era de um mundo pós-guerras com tensões políticas em alta e acordos diplomáticos delicados sendo estabelecidos. O mundo estava sendo dividido em duas ideologias: o capitalismo e o comunismo (tendo como seus maiores entusiastas os Estados Unidos da América e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, respectivamente); em outras palavras era o início da Guerra Fria. Garay Vera e Castro Arcos dizem:

Para varios sectores la Guerra de Corea era el preámbulo de la tan anunciada y temida III Guerra Mundial, vaticinio expresado de modo muy concreto en el pacifismo de Gabriela Mistral - reconocida con el título de Cónsul chilena en Nueva York (1953) - que inspirada en cientos de cartas de las más diversas personalidades, manifestaba su preocupación por la posibilidad de una nueva catástrofe internacional, donde el asunto coreano se percibía como modelo de prueba de una escalada beligerante de proporciones nucleares.¹⁰ (GARAY VERA; CASTRO ARCOS, 2016, p. 135)

A população estava assombrada pelo fantasma atômico, representado pelo medo das potências usarem armas nucleares em conflitos próximos ou para mostrar superioridade – durante a Guerra das Coreias se cogitou, pelo lado estadunidense,

⁹A Coreia foi uma colônia japonesa de 1910 a 1945, os japoneses investiram na construção de certas indústrias na península (visando a apenas interesses da metrópole), retiravam boa parte da produção agrícola, levaram moças e mulheres para serem “mulheres de conforto” (uma questão diplomática sensível até os dias atuais) e obrigaram o ensino de japonês como língua oficial aos conquistados. Sobre isso, SAKURAI (2008, p. 236-237) nos diz que a “A ideia do governo é transferir para os territórios conquistados a mesma estrutura administrativa existente no Japão, a começar pelas escolas e por órgãos de controle como a Polícia e as Forças Armadas. Para a manutenção de toda a estrutura nas colônias do Império Japonês, é preciso reforço ideológico: o culto ao imperador é a regra inicial”.

¹⁰Para vários setores, a Guerra da Coreia foi o preâmbulo da tão esperada e temida Terceira Guerra Mundial, uma previsão expressa de maneira muito específica no pacifismo de Gabriela Mistral - reconhecida com o título de cônsul chileno em Nova York (1953) - inspirada por Centenas de cartas das mais diversas personalidades, ela expressou preocupação com a possibilidade de uma nova catástrofe internacional, onde a questão coreana era vista como um modelo de teste de uma escalada beligerante de proporções nucleares (tradução nossa).

usar tais armas, porém, felizmente, essa ideia foi logo abandonada.

Como nos é dito por Visentini *et al* (2015), aquilo que viria a ser a Coreia do Norte já estava com bases sólidas do que viria a ser o socialismo Zuche – proposta de socialismo auto suficiente, representada por uma política de autopreservação que não pretende ser imposta a outras nações, embora tenha cooperação com vários estados em desenvolvimento (VISENTINI *et al*, 2015, p. 24) – , Kim Il Sung (avô do atual presidente da Coreia do Norte, Kim Jong-um) e vários membros do futuro Partido dos Trabalhadores já haviam estabelecidos contatos e apresentado as ideias socialistas, principalmente vindas da China, a incontável número pessoas, principalmente no norte da península.

De 1945 a 1949 a península coreana foi dividida entre os russos e os estadunidenses¹¹, por acordos diplomáticos decididos anteriormente, é de importância dizer que a nação não foi consultada sobre as diversas decisões tomadas pelos novos invasores, o que resultou em uma desaprovação do povo que fez protestos pedindo autonomia, alguns grupos pegaram em armas para tal. Com a marca de divisão feita no Paralelo 38, o norte ficou sobre a influência da URSS e o Sul sobre a influência dos EUA, obviamente cada um dos ocupadores adotaram políticas para que a população ficasse de acordo com sua visão econômica-política (socialismo e capitalismo, respectivamente). Era esperado um processo para reunificação da Coreia, mas a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas não permitiu que as Nações Unidas acompanhassem o processo para eleições únicas, em 10 de maio de 1948 a República da Coreia (Coreia do Sul) convocou eleições para presidente, com a vitória de Syngman Rhee, processo que a URSS também foi contra, em 25 de agosto do mesmo ano a República Popular Democrática da Coreia (Coreia do Norte) convocou suas eleições presidenciais, com a vitória de Kim Il Sung.

Como ambos os presidentes eleitos queriam unificar o país segundo sua ideologia, houve conflitos e perseguições tanto no Norte como no Sul, e a região do Paralelo 38, se tornou uma área de conflitos armados. No final de 1948 e início de

¹¹“A língua coreana recebeu uma grande influência da língua inglesa, resultando no konglish. O konglish consiste em palavras inglesas no coreano, embora as palavras não sejam usadas propriamente” (SILVEIRA, 2018, p.131) o que vai ser influente na disseminação da onda de cultura coreana – assunto que retomaremos nos próximos capítulos.

1949 os ocupadores retiraram seus exércitos da península, deixando um sul sem armas e treinamento e um norte com treinamento de guerrilha. Os norte-coreanos durante o período de ocupação nipônica tiveram muito apoio da China e da URSS para enfrentar os colonizadores, esse apoio vinha como armas, treinamento em táticas de guerrilha, abrigo e esconderijo para foragidos (VISENTINI *et al*, 2015; FERREIRA; SENHORA, 2013) e armas soviéticas. No ano seguinte, surgiram os primeiros conflitos da Guerra das Coreias.

Pequenos conflitos na região da fronteira já haviam acontecido, mas nada que deflagrasse uma guerra. O exército do Norte, com grande apoio chinês, foi o primeiro a se mover em manobras de guerra, em cerca de três dias depois Seul foi tomada em 1950. A invasão orquestrada pelo Norte chamou a atenção dos Estados Unidos para o conflito que se formara e o receio do avanço do comunismo fez com que interviesse em favor do sul. Conflitos e grandes batalhas se seguiram no correr do ano, o apoio norte americano fez com que o Sul recuperasse boa parte do seu território e conquistasse Seul (em 25 de setembro de 1950). As vitórias nos avanços do Sul levaram até a região da fronteira – e General Douglas MacArthur recebeu a autorização do presidente Truman para seguir além do Paralelo 38, enquanto a China fez um aviso dizendo que se o exército americano ultrapassasse a fronteira iria intervir diretamente.

As forças chinesas foram mobilizadas por Mao Tsé Tung, em outubro de 1950, para conflito com as forças das Nações Unidas, lideradas pelos americanos - aqui cabe salientar que a intervenção chinesa acontece também por retaliação ao governo americano por intervirem na questão entre o governo da República Popular da China e a República Nacionalista da China (Taiwan). Em 19 de outubro de 1950, Pyongyang, capital do Norte, foi tomada pelas forças do sul. O governo soviético a partir desse ponto mudou de opinião e começou a intervir mais ostensivamente no conflito, destacando aviões, soldados e mais munições e suprimentos para apoiar os norte-coreanos e chineses. A consequência de todas essas atitudes foi a derrota das forças da ONU em vários *fronts* até que se estabelecessem pela volta da fronteira entre as Coreias em meados de dezembro.

No início de 1951, Seul foi tomada pelos norte-coreanos novamente. O

acúmulo de derrotas fez com que MacArthur considerasse o uso de armas nucleares contra a China e a Coreia do Norte, mas a chegada do general Matthew Ridgway fez com que mudasse de ideia. Batalhas se seguiram, novamente, com os civis sofrendo os maiores impactos. MacArthur foi afastado do cargo e investigado por ter desobedecido a ordens presidenciais e infligidos a constituição americana, general Ridgway e depois o general James van Fleet assumiram o controle das forças dos capacetes azuis.

Em julho de 1951, começaram os diálogos para uma trégua, ao fundo, bombardeiros assolavam o solo e famílias de ambos os lados do Paralelo. Por mais dois anos esse impasse (sem avanços notórios em campo de batalha e uma população passando por uma crise humanitária) se seguiu; o armistício foi oficialmente assinado em 27 de julho de 1953, mas infelizmente nenhum acordo de paz entre as Coreias foi assinado até os dias atuais.

Hobsbawm (1995) considerou a Guerra das Coreias um subproduto da Segunda Guerra Mundial. Considerada uma guerra civil (DZELEPY; STONE, 1960), o evento que levou a população a enfrentar irmãos e vizinhos (KIM, 1991) em defesa de ideologias.

É possível dizer que o conflito ocorrido na península coreana era uma "encarnação" da Guerra Fria ou, nas palavras de Tessa Morris-Suzuki (2016), a grande "hot war" (guerra quente, tradução nossa) do período. Algo semelhante, guardadas as devidas proporções, viria a acontecer no Vietnã (1955-1975), novamente o sofrimento dos civis é gritante e marcante.

3.2 Pós-Guerra e tempos de "paz"

Após assinado o armistício, ambos os lados começaram a se reconstruir, o ônus da guerra para os dois lados, dois países destruídos e em ruínas. Dessas ruínas, materiais e morais, surgiu um forte sentimento de nacionalismo e orgulho, tanto ao norte como ao sul. O contato com tantos grupos étnicos, em especial os estadunidenses (que ficaram em território sul-coreano mesmo depois do armistício), como o ocorrido no referido século, ajudou a formar o espírito nacionalista.

A conjunção disso tudo levou, por vontade própria ou não, muitas famílias e indivíduos a saírem de sua terra natal. A alguns como ex-prisioneiros de guerra a quem foi concedida a chance de viver, para outros para esquecer o horror de uma guerra de irmão contra irmão.

Porém, focaremos na história e desenvolvimento do Sul visto que o Norte fechou suas fronteiras e comunicações com o exterior sendo assim difícil o acesso a dados.

3.2.1 Coreia do Sul

Sobre o grande desenvolvimento da Coreia do Sul no pós-guerra, destacamos, do ponto de vista econômico, a forte ajuda financeira que os estadunidenses forneciam (para assim incentivar o capitalismo e impedir o avanço das forças comunista do norte), uma reforma agrária e modernização do campo, em seguinte investimentos no setor industrial e o nascimentos dos grandes conglomerados e na virada do século investimentos pesados em tecnologia de ponta e produções culturais para massa; do ponto de vista político social, os anos de ditadura militar e os investimentos maciços em educação.

Baldasso (2016) organiza a reforma agrária executada em quatro principais objetivos: aumentar o poder do Estado ao eliminar a classe dos latifundiários, reduzir a influência do socialismo do norte, criar mecanismos para destinação da renda do campo para a indústria e modernizar o setor agrícola, pois, ainda segundo o autor, uma agricultura capitalista de alta produtividade é fundamental para o desenvolvimento econômico de uma nação.

Parafraseando Masiero (2010), seu forte crescimento econômico, por praticamente 50 anos, pode ser resumido da seguinte maneira: nos anos 50, uma reforma agrária e investimentos na indústria leve, como a têxtil, e foco na substituição de importações pelo produto nacional; a década de 1960, marca a manutenção da política de poucas importações, focando nos insumos necessários para o aumento da produção interna, e esforços para exportar; aos anos de 1970 a indústria pesada – siderurgia, automobilística e química – torna-se o foco de investimentos e seria

responsável pela continuidade do avanço das exportações na década de 1980; e de 1980 aos dias atuais, um forte incremento do setor de eletrônicos e computação caracterizou a Coreia do Sul como um país moderno e tecnológico que mantém suas raízes e alinhado com a globalização, fama que é mantida por produções culturais virtuais, criadas, segundo Leal (2018) pelos interesses do Estado, conglomerados de industriais e indústrias de entretenimentos.

Ainda segundo o pesquisador, o avanço do PIB coreano é mais proeminente em relação ao brasileiro apenas a partir dos anos 1980, sendo frutos das ações tomadas no período anterior.

A Coreia do Sul enfrentou tempos ditadura militar entre 1960 e 1987 (MONTEIRO, 2014, p. 18), embora o governo suprimisse qualquer oposição a ele, o desenvolvimento econômico foi uma marca forte do período. “Laços entre o Estado, o setor bancário e os chaebols (conglomerados de empresas multinacionais que atualmente dominam a economia sul-coreana e que prosperaram no período pós-guerra) foram a chave-mestra para dar suporte a tais planos [planos quinquenais]” (MONTEIRO, 2014, p.18), tais acordos levaram a um rápido desenvolvimento econômico. Nos anos de 1990, o país ao sul da península já constava como um dos mais desenvolvidos do mundo. Esse desenvolvimento econômico, levou o nome de “milagre do rio Han”.

Em 1987, a democracia volta ao poder e um novo momento de abertura cultural se forma, em pouco tempo, o fenômeno da onda Coreana – hallyu (hangul: 한류), movimento cultural de exportação de cultura (filmes, dramas, novelas e música) para o mundo, começando pela Ásia – começa a se espalhar pelo mundo. O período entre o armistício e cancelamento do mesmo pela Coreia do Norte em 2013 (TREVISAN, 2013) foi marcado por um grande desenvolvimento sul coreano, após investimentos pesado em educação, se tornando um dos Novos Tigres Asiáticos.

Porém, Toussaint (2017) diz:

Afirmo desde já que não considero a Coreia um modelo a seguir, por razões éticas, econômicas e sociais. A Coreia atingiu os resultados que conhecemos sob o jugo de um regime ditatorial, particularmente repressivo e protegido pelos Estados Unidos, no contexto da luta contra os regimes ditos socialistas.

A Coreia adotou um modelo produtivista que comprometia principalmente o meio ambiente. A via coreana não é recomendável, nem reproduzível (...).

Entretanto os resultados de desenvolvimento do país o fazem ser almejado como objetivo de outros países.

No âmbito da política exterior com o Brasil, os contatos se consolidam em 1962 com a abertura da Embaixada da Coreia do Sul na cidade do Rio de Janeiro e três anos depois uma embaixada brasileira é inaugurada na cidade de Seul. Já em 1970 é inaugurado o Consulado Geral na capital paulista, a essa altura já com comunidade coreana se concentrando e ascendendo socialmente.

4 BRASIL

O recorte temporal deste trabalho abrange o último ano do governo de João Goulart (1963-1964), conhecido como Jango, o período de ditadura militar e os anos de redemocratização até o segundo governo Lula. É um período de tempo complexo e conturbado sendo assim necessário uma apresentação, mesmo que sucinta, de seu panorama e o apontamento das evoluções dos pontos que nos são caros.

Já no governo de Jango devemos salientar que grupos conservadores já se organizavam nas sombras e visavam ao poder. Borges (2003, p. 32) afirma que “segundo os protagonistas da ação militar, já havia uma guerra revolucionária comunista em marcha no Brasil. Nesse sentido, 1964 é visto como um contragolpe ao golpe de esquerda que seria desfechado por João Goulart”.

Goulart procurava impulsionar o nacionalismo trabalhista através das reformas de base. Os setores mais conservadores, contudo, se opunham a elas e muitos as julgavam como sendo reformas comunistas.

Parafraseando Schwarcz e Starling (2015, p. 443), a falta de posicionamento do presidente em relação às revoltas dos militares (rebelião dos sargentos), uma inflação batendo em 79,9% e um crescimento de 1,5% deixou o governo com a imagem de que não tinha controle sobre a situação. Os investidores internacionais se afastaram, mas “o governo norte-americano entornou recursos nos estados em que governadores incubaram a ação de grupos golpistas - Minas Gerais, São Paulo e Guanabara” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 443).

Assim como na história da península coreana, no século passado, os EUA exerceram forte influência na formação do país, assim como fizeram durante os governos militares brasileiros.

Movimentos e passeatas, que ficaram conhecidas como Marcha da Família com Deus pela Liberdade, saíram pelas ruas da cidade de São Paulo, levando mais de 500 mil pessoas às ruas e ao coro diziam estar ali para salvar o Brasil de Jango, Brizola e do comunismo. Essa marcha - assim como os bate panelas e o camisetas amarelas do Brasil atual - eram formados por pessoas da classe média ou superiores avessas “ao protagonismo crescente dos trabalhadores urbanos e rurais”

(SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 443) e que temiam perder suas posições dentro da sociedade brasileira

Ainda segundo as autoras, o motim de 3600 marinheiros, movidos pelas terríveis condições da Marinha de Guerra brasileira (que não havia melhorado desde a Revolta da Chibata) e a prisão - ordenada pelo ministro da Marinha - de quarenta cabos e marinheiros responsáveis por organizar as festividades do aniversário da Associação de Marinheiros e Fuzileiros Navais. O presidente acabou por anistiar os revoltosos e assim estava armada a visão que uniria os quartéis nos princípios de que o presidente não deveria ficar no seu posto. O apoio dos EUA aos golpistas já estava a caminho.

Os golpistas e o congresso, quando declararam vaga a cadeira de presidente, esperavam que novas eleições fossem convocadas no ano seguinte e que a intervenção militar não se prolongasse além disso, entretanto haviam conspiradores entres os conspiradores e a ditadura se estendeu por 21 longos, tenebrosos e sangrentos anos.

4.1 Ditadura Militar

Entre 1º de Abril de 1964 até 15 de março de 1985, o Brasil viveu um dos seus períodos históricos mais difíceis para a sociedade, a Ditadura Militar.

A partir de um golpe militar, derrubou-se o presidente democraticamente eleito, João Goulart, e instalou-se o marechal Castelo Branco na posição política mais importante do país. De início, a intervenção deveria ser breve, mas se manteve por vinte e um anos. Duas décadas de controle estatal sobre a vida da população, a situação piorou, e mostrou suas garras, com os atos institucionais. Segundo Borges (2003, p. 23), “a debilidade da classe política e a fragilidade da sociedade civil contribuíram também para a permanência das forças armadas no domínio político do Estado”.

A partir do Ato Institucional 1 (AI-1) foi imposta a eleição indireta para Presidente da República, bem como foram dados poderes ao presidente para ditar a

nova constituição, fechar o congresso, decretar estado de sítio, impor investigação sumária aos funcionários públicos contratados ou eleitos, abrir inquéritos e processos para apurar responsabilidades pela prática de crime contra o Estado ou contra a ordem política e social, suspender direitos políticos de cidadãos pelo prazo de dez anos e cassar mandatos legislativos de deputados federais, estaduais ou vereadores.

Outros atos se seguiram, totalizando dezessete, embora ressaltamos os seguintes: AI-4, de 1966, (que estabelecia uma nova constituição em vigor); AI-5, de 1968, que dava ao presidente o poder de cassar mandatos, suspender direitos políticos, suspender o congresso – que foi feito, assim como foi feito a todos os partidos políticos, tendo o direito de permanecer apenas dois: Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), que era formada predominantemente por militares –, retirava o Habeas Corpus para crimes políticos, que em prática instaurou um regime de grande censura à imprensa, livros ou qualquer obra ou intelectual ou artista que o governo julgasse como “subversivo” “e instituiu, de forma clara e objetiva, a tortura e a violência física contra os opositores do regime” (PRIORI *et al.*, 2012, p. 201).

O período também foi marcado pelos diversos instrumentos e órgãos de fiscalização, controle e repressão dos subversivos, tais como o SNI (Serviço Nacional de Informação), o CIEX (Centro de Informação do Exterior), o CENIMAR (Centro de Informações da Marinha), a CISA (Centro de Informações da Aeronáutica); além, dos conhecidos, DOI-CODI (Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna) e DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) – o último fundado em 1924 com uma base em cada estado, mas seu uso se destacou durante as ditaduras do Estado Novo e a Militar.

Durante esse período a nação presenciou a falta dos princípios básicos da democracia, além de massiva censura e perseguição política. Vários direitos constitucionais foram violados durante a ditadura militar brasileira e inúmeras pessoas que se posicionavam contra o regime foram torturadas e mortas por alguns dos militares. Os desvios de verbas e outras corrupções de políticos e militares eram ocultas pela censura e desaparecimento de repórteres e jornalistas.

Esses era parte da Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento –

criada pela Escola Superior de Guerra (instituição formada no pós Segunda Guerra Mundial e com fortíssimas ligações com os Estados Unidos da América e o anti-comunismo), instituição que funciona até os dias atuais – era um leis e regimentos que aparentavam proteger o país de seus inimigos, mas na realidade serviu para transformar em “ ‘inimigo interno’ o atraso técnico (e cultural, na visão progressista), as desigualdades regionais e, também, aqueles que se colocassem como dissidentes desta premissa geopolítica” (ARAUJO, 2019, p. 62), Borges completa:

seguindo à risca os preceitos da Doutrina de Segurança Nacional, na qualidade de dirigente, as forças armadas assumiram a função de partido da burguesia, manobrando a sociedade civil, através de censura, da repressão e do terrorismo estatal, para promover os interesses da elite dominante assegurando-lhe condições de supremacia em face ao social. (2003, p. 21)

Palavras capazes de sintetizar o posicionamento e atitudes do governo durante essas décadas obscuras.

Utilizando uma máscara de verdadeira democracia, se valendo de uma imprensa manipulada, corrupta e/ou assustada, faziam discursos sobre altos investimentos em educação e alimentação (a fome era um fantasma real no Brasil do período). E com essa propaganda visava criar um imaginário de necessidade do governo militar como sendo a solução para o Brasil, no final era apenas uma lavagem cerebral que os militares faziam a bel-prazer nos cidadãos.

O ponto alto da Doutrina de Segurança Nacional foram os Atos Institucionais, que legalizaram e legitimaram as ações dos militares em termos políticos e estenderam seus poderes além do garantido pela constituição. Claro que a propaganda governamental os justificava como sendo necessários para combater os inimigos do país.

Felizmente movimentos sociais conseguiram se manter mesmos durante os períodos mais difíceis da ditadura e aos poucos a desestabilizaram.

Todo esse período é interessante e já foi estudado e analisado em diferentes visões por outros pesquisadores, mas aqui optamos por analisar as facetas econômica e da política exterior, visto que ambas são mais relevantes para o movimento migratório analisado nesse período.

4.1.1 Políticas Econômicas

O governo de Humberto de Alencar Castelo Branco (1964-1967) alinhou-se aos desejos dos EUA, para assim ter dólares injetados na economia nacional, depois o FMI e o Banco Mundial seguiram a atitude americana. A partir do Programa de Ação Econômica do Governo (PAEG) implantou-se uma reforma tributária, o Banco Central e Conselho Monetário Nacional, o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e o Banco Nacional de Habitação (BNH).

O período de Artur da Costa e Silva (1967-1969) - que foi eleito pela pressão da burguesia nacional e dos militares da linha dura nacionalista (VISENTINI, 2006, p. 146) - sofreu muito pela pressão estadunidense para a manutenção da antiga equipe econômica, que gerou os primeiros atritos e ameaças veladas dos americanos para o governo brasileiro (VISENTINI, 2006, p. 146), mesmo assim ocorreram as trocas. Seguindo-se projeto, o PAEG controlou os juros e diminuiu o aperto financeiro do país e incentivou a indústria pesada e de energia, criou empresas estatais em setores estratégicos. Com esses movimentos, gerou-se um crescimento do PIB em 9,3% em 1968 (p. 147).

O governo de Emílio Garrastazu Médici (1969 - 1974) pode ser caracterizado pela fala do presidente: “o Brasil vai bem, mas o povo vai mal”. A economia crescia a passos longos (cerca de 10% ao ano), o que apelidou o período de Milagre Econômico Brasileiro (1968-1973)¹², caracterizado, especialmente, pelos grandiosos projetos públicos e pelo crescimento econômico, decresceu a impressão amarga causada pelas medidas de segurança utilizadas pelo governo. Além do que, por eficiente propaganda e uma censura firme, criou-se um sentimento patriótico por todo território e assim os presidentes criaram um forte apelo entre a população, especialmente nas camadas mais populares. Mesmo assim, foi durante esse governo que os movimentos estudantis e operários começaram a se organizar e sair às ruas. Baseando-se nas mudanças construídas pelos presidentes anteriores, a economia estava estabilizada

¹² Parafrazeando Prado e Earp (2003, p. 219) o termo “milagre econômico” foi usado primeiramente da década de 1950 para a rápida e inesperada recuperação alemã pós Segunda Guerra Mundial e em 1960 para o crescimento igualmente surpreendente da economia japonesa. Na década seguinte, o termo foi usado para a economia brasileira e pela propaganda do governo militar.

entre empresas estatais na base, energia e infraestrutura, enquanto multinacionais produziam bens de consumo duráveis e as nacionais produziam os de consumo popular. Essa estruturação favoreceu fortemente a indústria automobilística, mas a contração de renda continuava acumulada na mão de poucos e os valores dos salários diminuíram. Para Prado e Earp (2003), o desenvolvimento econômico do milagre, também, foi um anestésico para a instalação do AI-5 e autoritarismos do governo.

Ernesto Geisel (1974 - 1979) assumiu um governo que herdou o Brasil pós-milagre, mas abarrotado de problemas estruturais. O forte investimento em transporte rodoviário, tanto para carga quanto para pessoas, em detrimento do ferroviário ou mesmo o hídrico, se tornou um dilema com a crise de petróleo no final de 1973¹³, pois todo o projeto de desenvolvimento nacional era baseado em combustível barato e investimento de capital estrangeiro. Como consequência, o consumo interno diminuiu agravando a crise. Para tentar resolver a situação, o governo iniciou medidas de industrialização visando a substituir as importações, implementação e diversificação de fontes de energia (hidrelétricas, usinas nucleares, prospecção e pesquisas petrolíferas), o Projeto Proalcool (como combustível alternativo e nacional para automóveis) e incentivou os investimentos em capacitação para novas tecnologias.

A economia de João Figueiredo (1979 - 1985) foi difícil pois, além de movimentos pela redemocratização, o país amargava dívidas contraídas pelos seus antecessores para o desenvolvimento de seus projetos, o mundo passava por outra crise de petróleo¹⁴, por uma “nova divisão internacional de produção e do desencadeamento de uma Revolução Científica-Tecnológica, que voltaram a ampliar a distância entre os países capitalistas avançados e os em desenvolvimento” (VISENTINI, 2006, p. 154) e pela decisão dos EUA de diminuição do apoio aos países periféricos. O acúmulo da dívida gerou desestabilização social e aumentos no custo de vida do cidadão. Esse último já via a redemocratização como uma saída para esses tempos negros.

Visentini conclui que “os militares deixaram o Brasil na posição de único país

¹³Como retaliação pelo apoio dos EUA a Israel durante a Guerra Árabe-israelense de 1973, os países árabes aumentaram o preço do barril de petróleo exorbitantemente.

¹⁴Essa motivada pela crise política seguida da Revolução Iraniana (1979) e pela Guerra Irã-Iraque (1980-1988).

ao sul do equador dotado de um completo e diversificado parque industrial (...)” (2006, p. 157), mas deixaram o país com uma sufocante dívida externa, a renda concentrada nas mãos de uma parcela ínfima da população e índices de analfabetismo, pobreza, doenças, fome e saneamento básico semelhante a dos países mais pobres do globo.

4.1.2 Política Migratória

O governo de Castelo Branco foi marcado “por uma aliança automática com os E.U.A. e para uma diplomacia de âmbito hemisférico e bilateral” (VISENTINI, 2006, p. 145), ou seja, focaram-se em alinhar com as decisões norte-americanas - como o envio de tropas e rompimento de relações com Cuba - e o abandono de uma diplomacia desenvolvimentista. Essa era a posição brasileira nos primeiros anos de Guerra Fria.

Na Administração de Costa e Silva, apresentou-se, assim como foi na sua economia, uma cisão com a administração anterior. Foram adotadas políticas visando a autonomia e o desenvolvimento nacional, a aproximação dos estados latino americanos e o afastamento das políticas pan-americanas, cooperação em acordos nucleares. Claro que tais atitudes desagradaram os americanos que tomaram atitudes para devolver o Brasil aos rumos do governo anterior.

A política internacional do governo Médici retornou ao bilateralismo com os EUA e sanou questões com os mesmos, importou tecnologias de polos capitalistas, aprimorou o campo tecnológico nacional, acordos comerciais foram selados e aproximaram-se dos países árabes produtores de petróleo. Sobre as relações com os estadunidenses, devemos salientar que o combate às guerrilhas de resistência à ditadura, enquanto governos de esquerda eram nossos vizinhos e outros estavam à beira de uma guerra civil, transformou o Brasil em um bastião da Doutrina Nixon na América do Sul.

Geisel aprimorou as relações com as nações árabes (entre outros motivos, para tentar contornar a questão do preço elevado do barril de petróleo). O desenvolvimento capitalista do Brasil na última década e o posicionamento de autonomia no cenário internacional levou a nação a se aproximar e comercializar com o bloco soviético, se aproximar dos Estados africanos (em um período conturbado em

diversos deles) e intensificar as relações com países produtores de tecnologias (como a Alemanha e o Japão). Na América do Sul, as políticas aproximaram as ditaduras brasileira e argentina (e facilitou as discussões sobre as hidrelétricas da Bacia do Prata) e visando a proteger as soberanias das nações que dividem a Amazônia, foi fundada a Iniciativa Amazônica. Novamente, vários desses posicionamentos não agradaram aos EUA (e os conservadores brasileiros). Sendo consequência, ou não, desse desgosto, foi durante esse governo que a imprensa internacional intensificou suas críticas ao governo brasileiro e às atrocidades cometidas por ele.

O último militar a ocupar o posto de presidente durante o período de ditadura militar por virtude da Guerra das Malvinas (1982) se aproximou ainda mais do governo autoritário da Argentina, além de intensificar as relações com os governos do Cone Sul. Por forte pressão dos norte-americanos, os processos de redemocratização no Cone Sul começavam, inclusive no Brasil. Na política além das Américas, país manteve suas relações em solo africano e intensificou a cooperação com o Oriente Médio e a China. Em última análise, a política exterior de Figueiredo ainda prosseguiu com o projeto de seu anterior.

Mesmo com todo o aparato de segurança nacional, a censura e outros mecanismos, movimentos populares – como o “Diretas, Já!” – e culturais foram surgindo por todo o país em especial nas capitais e aos poucos foram minando o governo; e em votação do colégio eleitoral, realizada em 15 de janeiro de 1985, foi escolhido Tancredo Neves, 75 anos, para presidente e as notícias que se seguiram não foram nada festivas. Saído de uma campanha cansativa, o político mineiro passou a sentir fortes dores abdominais e foi internado na véspera da posse. Trinta e oito dias depois, seu falecimento foi anunciado, no Hospital das Clínicas de São Paulo. Então José Sarney, eleito vice na chapa de Tancredo, tornou-se então o primeiro presidente civil depois de mais de duas décadas.

Durante todo o governo militar, o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) fiscalizava a entrada, permanência e saída de estrangeiros do país “além de operar em outros dois setores, o Serviço Secreto e o Serviço Especial de Vigilância. Assim, a criminalização dos imigrantes indesejáveis se tornava muito mais eficiente” (CAMPOS, 2015b). A Operação Condor - na qual os estados militarizados americanos

(Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai), com apoio estadunidense, realizavam operações fora de seus países para capturar, leia-se sequestrar, torturar e/ou executar, aqueles que eram considerados subversivos ou opositores dos regimes militaristas vigentes - trabalhou, secretamente, cruzando informações com o DOPS e a Polícia de Segurança Nacional na busca de imigrantes perigosos aos ditadores militares. Ainda segundo Campos, os argentinos foram os estrangeiros que mais sofreram investigações por parte da ditadura brasileira. Órgãos que apoiaram imigrantes e estrangeiros também estavam na mira dos investigadores,

Uma das organizações citadas pelo Exército é a Cáritas, um organismo vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e à Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) e que à época dava apoio aos refugiados que entravam no território brasileiro, em grande parte tidos pelo governo como subversivos. O próprio clero progressista, no entanto, era alvo da repressão militar, o que aumentava o estigma dos líderes católicos progressistas junto às autoridades do regime. (CAMPOS, 2015).

Apoiados pelas diretrizes de segurança nacional o governo restringiu a entrada de missionários, expulsou alguns deles e outros que trabalhavam com indígenas, camponeses e demais em situações sociais de risco.

Tanto a Argentina quanto a Igreja Católica foram importantes para a entrada e fixação dos imigrantes no país, respectivamente, como discutiremos no próximo capítulo.

4.2 Redemocratização e Novos Tempos

Quando torturas foram “descobertas” a rejeição ao regime começou a tomar mais forma entre a população. O fim do “milagre econômico” encorpou ainda mais a rejeição. O povo não estava mais suportando a falta de liberdade.

O governo optou por uma abertura “lenta, gradual e segura”, devolvendo aos poucos os direitos políticos a população, dissolvendo o bipartidarismo, reestabelecendo relações diplomáticas com países comunistas, anistiando presos e exilados políticos. Mas isso não era o suficiente.

Por fim, as greves de 1978 e o Movimento Estudantil deram a última motivação

necessária ao povo para que saíssem as ruas e clamassem “DIRETAS JÁ!”. Infelizmente as Diretas Já não obtiveram sucesso, as eleições não foram diretas e sim realizadas pelo Colégio Eleitoral, que colocou Tancredo Neves como novo presidente do Brasil – que faleceu antes de assumir, passando o cargo a seu vice José Sarney – mas felizmente já não era um militar.

Com a democracia já estabelecida, o primeiro presidente diretamente eleito foi Fernando Collor (que sofreu um *impeachment* por irregularidades), seguindo de Itamar Franco (vice de Collor), Fernando Henrique Cardoso, Luís Inácio Lula da Silva e, a primeira mulher presidente de nossa nação, Dilma Rousseff. Todos tiveram de lidar com problemas acarretados pelos desastrosos anos de ditadura militar, mas os que careciam de mais atenção eram a fome no nordeste (que só de fato foi reduzida nos governo do Presidente Lula) e a hiperinflação.

4.2.1 Economia

A ditadura militar deixou um legado de hiperinflação (242% ao ano) e tentar controlar esse monstro foi o objetivo dos governos democráticos. Foram necessários oito planos econômicos - Plano Cruzado (28 de fevereiro de 1986) e Plano Cruzado 2 (21 de novembro de 1986) do governo Sarney, Plano Bresser (12 de junho de 1987), Plano Verão (15 de janeiro de 1989), Plano Collor I (16 de março de 1990 a janeiro de 1991), Plano Collor II (31 de janeiro de 1991 a 9 de maio de 1991) e Plano Marcílio (10 de maio de 1991 a 26 de fevereiro de 1994) - mas só foi realmente controlado pelo Plano Real de 1994. Ou seja, dez anos de inflação galopante e trocas de preços mais de uma vez no mesmo dia.

O Plano Real foi desenvolvido por Fernando Henrique Cardoso, então Ministro da Fazenda do governo de Itamar Franco. Diferentemente de outros planos, que foram impostos, este plano foi implementado após muita conversa e negociações dentro do governo e congresso e a solicitação do apoio e adesão voluntária da sociedade.

4.2.2 Política Imigratória

O período pós ditadura apresenta uma legislação antiquada para a virada do século

Sobre legislação, apresentamos o pensamento de Lopes:

A legislação que atualmente rege a matéria de estrangeiros no Brasil é da época da doutrina da segurança nacional. Com o país em processo de industrialização, e com a população já praticamente concentrada nas cidades, já não havia interesse em atrair imigrantes, exceto os *qualificados*. O nacionalismo se convertia em anticomunismo e o se *protegia* das influências internacionais. Aos estrangeiros eram impostas várias proibições na área política, de associativismo e de atuação em áreas consideradas estratégicas” (LOPES, 2009, p. 169)

Mesmo que hoje os imigrantes não representem um temor aos brasileiros e ao nacional – e que os brasileiros estejam migrando em busca de melhores condições de vida – ainda se mantém o desejo de atrair a mão de obra qualificada.

Não podemos deixar de comentar a propaganda internacional de “vender a mulata” para turistas estrangeiros, assim como venderam a imagem do “Brasil, país do carnaval” e “Brasil, a terra do futebol” para os estrangeiros visando a incentivar o turismo.

4.2.3 Brevíssimo Panorama da Migração Contemporânea

O atual posicionamento brasileiro em relação aos imigrantes segue uma proposta de acolhida dos mesmos, especialmente quando vindos, por exemplo, de zonas de conflito, de desastres naturais, de pobreza extrema (causada por diversos motivos) e/ou perseguições políticas.

Os números de brasileiros que deixam o país têm crescido, levando a uma inversão do panorama histórico do Brasil apenas receber imigrantes. Esse movimento “inverso” se inicia com os *dekasseguis* rumando para o Japão nos anos 80 e 90, perpassando pelos brasileiros que rumaram para Portugal (e outros países europeus) e os Estados Unidos. O fluxo para o último permanece mesmo com as políticas do atual governo norte americano (presidente Donald Trump) de maior controle de entrada de imigrantes.

O país, nas últimas duas décadas, recebeu diversas levas de haitianos (por causa do grande terremoto de 2009 que deixou o país caribenho em uma acentuada

crise financeira e humanitária), africanos (principalmente angolanos), bolivianos - muitos vindos por imigração venezuelanos - depois que seu país entrou em uma grave crise econômica e política, levando a população (em especial a com menor renda) a buscarem novas oportunidades nos países vizinhos - e a de bolivianos - diversas vezes vindos pelo fluxo em cadeia e/ou em busca de um *eldorado*.

Sobre esses últimos, é notável a relação que os mesmos têm com a comunidade coreana. Diversos lugares administrados por coreanos se valem da mão de obra boliviana, uma relação trabalhista que por vezes se aproxima da escravidão, assunto que retomaremos adiante.

Essa relação tem raízes durante a década de 70 e o enrijecimento da política migratória para coreanos aportarem no Brasil; Assuntos que discutiremos no próximo capítulo.

5 PROCESSO MIGRATÓRIO E FIXAÇÃO

5.1 Imigração Coreana para o Brasil: de uma “guerra entre irmãos” para ser vizinho de um ex conquistador.

A diáspora coreana - assim chamada por Mera (2009), se valendo da definição dada por Gabriel Sheffer¹⁵, pois assim se foca em “una visión descentrada del fenómeno diaspórico, que pone el énfasis en los canales de comunicación existentes entre los polos diaspóricos, y no solamente en la centralidad del Estado Nación”¹⁶ - já aconteceu em períodos anteriores da história coreana, mas sempre foi carregada de diversos fatores materiais, ideológicos e/ou espirituais. Entretanto, aqui focaremos na diáspora que ocorre no período pós-Guerra das Coreias e no de reestruturação da sociedade (o processo de industrialização da Coreia do Sul) nos trinta anos seguintes ao conflito peninsular.

Objetivando a melhor análise do objeto, dividimos, assim como apresentado por Choi (1996, p. 234-235), a imigração coreana para o Brasil em cinco períodos, separados de acordo com os fluxos de imigrantes:

1. O primeiro período (1910 a 1956) é antes da oficialização do movimento migratório, quando os primeiros registros de imigrantes coreanos que chegaram ao Brasil se fazem no ano 1918 e depois em 1956 alguns prisioneiros da Guerra da Coreia (1950 - 1953) desembarcaram em terras nacionais com seus documentos dizendo serem japoneses (CHOI, 1996, p. 234); os japoneses já apresentavam números expressivos nos registros de imigrantes (LESSER, 2015, p.43-44).
2. O segundo é a fase de imigração semioficial (1962), quando um pequeno grupo de coreanos chega ao país.

¹⁵“*Les diasporas modernes sont des groupes ethniques minoritaires, issus de la migration, qui résident et agissent dans des pays d'accueil tout en maintenant de forts liens affectifs et matériels avec leurs pays d'origine – leurs patries (homelands)*” - “As diásporas modernas são grupos étnicos minoritários baseados em migrantes que residem e agem nos países anfitriões, mantendo fortes laços emocionais e materiais com suas terras de origem” (SHEFFER, 2003, tradução nossa).

¹⁶Uma visão descentralizada do fenômeno diaspórico, que enfatiza os canais de comunicação existentes entre os pólos diaspóricos e não apenas a centralidade do Estado Nacional (tradução nossa).

3. Fase oficial da imigração (em fevereiro de 1963 a 1971) nesse período os imigrantes, em cinco levas, vinham para o trabalho agrícola, porém por motivos como a falta de infraestrutura e problemas legais com as terras, não se fixaram e se mudaram para cidades, principalmente São Paulo. Os grupos das fases seguintes foram diretamente para cidades (CINTRA, 2010; OLIVEIRA; MASIERO, 2005; ROGANTI, 2003), onde já haviam se fixado amigos, familiares ou conhecidos. Ainda por Oliveira e Masiero, o golpe militar de 61 na Coreia do Sul levou muitos coreanos a emigrar. “O Brasil, naquela época, mais industrial e economicamente mais desenvolvido que a Coreia do Sul, apresentava-se como um opção possível” (OLIVEIRA; MASIERO, 2005, p. 6), eram os reflexos do Milagre Econômico Brasileiro (1969-1973) que incentivaram os números de imigrantes a se tornarem maiores – “Os sul-coreanos esperavam que a economia brasileira fosse capaz de absorver um grande número de novos imigrantes, mas as políticas de imigração de pós-guerra [que restringiam a entrada de imigrantes do leste asiático] dificultaram a entrada” (LESSER, 2015, p. 245) – e nos leva ao quarto período.
4. O quarto período (1972 - 1984), classificado como a fase clandestina; os anos anteriores tiveram um fluxo tão intenso de coreanos imigrando que, em 1969, ambos os governos (brasileiro e coreano) decretam restrições para controle deste fluxo. Era o período do Milagre Econômico, mas também eram os Anos de Chumbo. Segundo Oliveira e Masiero (2005, p. 6), “em 1970, devido à maior demanda de serviços pelos imigrantes coreanos, instala, em São Paulo, o Consulado Coreano” que virá a ser disseminador da cultura coreana na capital paulista. Em resposta ao controle mais rigoroso da entrada de imigrantes e como uma estratégia para se mudar para o Brasil, os coreanos se dirigiam à Bolívia ou ao Paraguai, onde ficavam alguns meses e depois se deslocavam ao Brasil ou à Argentina com vistos de turista emitidos pelo primeiro país em que estiveram, e aqui permaneciam de forma ilegal. Esses imigrantes coreanos passam, então, a se aproximar dos bolivianos que aqui estavam e/ou muitas vezes os traziam para trabalhar no mesmo ramo que esses coreanos se inseriram: o da costura.

A questão da permanência ilegal desses indivíduos é preocupante o bastante para o que o governo através de programas de anistia regularize a situação

dos mesmos e, aliado a isso, passar a saber o número de imigrantes em território nacional e facilitar os vistos de brasileiros residindo no exterior (cf. Brasil, 2009; MENDES, 2010; BRIGIDO, 2011).

5. O período correspondente da década de 1980 até os dias atuais, chamado de imigração em cadeia; um processo no qual os imigrantes vêm por convites de familiares e amigos já residentes no Brasil.

Nos atrevemos a afirmar a existência de uma sexta fase, iniciada nos finais dos anos de 1990 e se seguindo até os dias atuais; essa última caracterizada pela emigração dos descendentes para fora do país, principalmente para os EUA ou retornando à Coreia, e a chegada de novos imigrantes vindos pelo fluxo em cadeia.

Yang (2011, p. 132-133) optou por dividir os fluxos migratório em três fases: imigrantes pré guerra de origem coreana que vieram como imigrantes japoneses, prisioneiros da guerra da Coreia e, por último, os sul coreanos. Essa divisão é elegante, mas não abraça em completude os pormenores históricos desse fenômeno.

Sobre as características do movimento migratório (diaspórico) coreano citamos Mera:

Partindo dos ensinamento de Michael Bruneaux ¹⁷ sostiene como imprescindibles para hablar de Diáspora: 1) la población considerada se encuentra dispersa en distintos lugares; 2) la elección del país de destino se realiza en función de la estructura de cadenas migratorias que ligan a los migrantes con los ya instalados; 3) las nuevas poblaciones se integran en el país receptor sin asimilarse, conservando una fuerte pertenencia identitaria referenciada al país de origen. Esto implica la existencia de una vida asociativa activa por medio de la cual se implementan formas tradicionales de reproducción comunitarias. La conciencia y reivindicación de una identidad étnica o nacional se desarrolla a partir de un lento trabajo de la memoria llevado a cabo por las instituciones de la comunidad local; 4) Los grupos migrantes, dispersos, conservan y desarrollan relaciones de intercambio múltiples entre ellos, con el país de origen y con los otros polos migratorios. En este sentido, la diáspora supone que las estructuras familiares son el centro de la cadena migratoria. La familia y las iglesias se constituyen como lugares de memoria que reestablecen un orden de transmisión entre generaciones. La estructura familiar articula la vida del hogar, pero también la actividad económica o comercial. Así, la familia, la iglesia y la escuela son el centro del fenómeno migratorio al representar la base de la conciencia identitaria a partir de la transmisión de la lengua y otros hábitos culturales.¹⁸

¹⁷BRUNEAUX, M. *Diasporas et espaces transnationaux*, Ed. Economica, Paris, 2004.

¹⁸Começando com o ensinamentos que Michael Bruneaux mantém como essencial falar sobre diáspora: 1) a população considerada está dispersa em lugares diferentes; 2) a escolha do país de destino é baseada na estrutura das cadeias migratórias que vinculam os migrantes aos já instalados; 3) as novas populações são integradas no país receptor sem assimilação, mantendo uma forte identidade pertencente ao país de origem. Isso implica a existência de uma vida associativa ativa,

(MERA, [2006], p. 2-3)

Todas essas características, ou passos, foram demonstradas pelo grupo migrante estudado nessas páginas. Agora, para uma melhor visualização e compreensão do tema, dividimos em 3 seções que agrupam dois períodos migratórios cada uma delas.

5.2 Primeiro e Segundo Períodos (1910-1962)

Assim como feito por outros países do leste asiático (primeiramente a China nos séculos XIX e XX e o Japão no século passado), a recém-formada Coreia do Sul se utilizou da emigração para controle do crescimento populacional, reduzir o desemprego e receber o dinheiro que os imigrantes costumam mandar para familiares que ficaram para trás.

Segundo Choi (1991), Roganti (2003) e Yang (2011), em 1918 quatro famílias coreanas chegaram ao Brasil, entretanto, como nesse período a península coreana era colônia do império japonês, essas famílias foram registradas como japoneses - que haviam iniciado os processos migratórios oficiais em 1908. Yang completa dizendo que os mesmos permaneceram com o passaporte e cidadania japonesa até o dia de suas mortes.

Ainda segundo Choi e Yang é provável que outros coreanos tenham entrado casados com japoneses e tais informações não estariam disponíveis.

Como apresentado em capítulo anterior, o conflito entre recém dividida península coreana gerou um grande número de prisioneiros de guerra. Se estima cerca de 170 mil prisioneiros norte coreanos e chineses (PARK, 2017) estavam sob o poder das forças do sul.

através da qual as formas tradicionais de reprodução comunitária são implementadas. A consciência e a reivindicação de uma identidade étnica ou nacional são desenvolvidas a partir de um lento trabalho de memória realizado pelas instituições da comunidade local; 4) Grupos migrantes dispersos, conservam e desenvolvem múltiplas relações de troca entre eles, com o país de origem e com os outros polos migratórios. Nesse sentido, a diáspora assume que as estruturas familiares são o centro da cadeia migratória. A família e as igrejas são constituídas como lugares de memória que restabelecem uma ordem de transmissão entre gerações. A estrutura familiar articula a vida da casa, mas também a atividade econômica ou comercial. Assim, a família, a igreja e a escola são o centro do fenômeno migratório, representando a base da conscientização da identidade baseada na transmissão da linguagem e outros hábitos culturais. (MERA, [2006], p. 2-3, tradução nossa).

Com o final do conflito, prisioneiros de guerra foram enviados a Índia - um país neutro durante o conflito que ajudou com unidades médicas para cuidar dos soldados feridos e depois seus soldados supervisionaram os prisioneiros de guerra sem distinção de lados a resolverem questões relativas às suas repatriações - em seguida poderiam escolher novos destinos neutros para reconstrução de suas vidas.

A maioria (mais de 80 mil) decidiu se repatriar na Coreia do Norte, enquanto cerca de 22 mil resolveram ficar na Coreia do Sul.

Além desses, 88 - segundo Park (2017) e Yang (2011), 76 norte coreanos e 12 chineses - decidiram ficar em Nova Déli, na Índia, e depois se decidiram para onde ir - a lista continha E.U.A., Suíça, Argentina, Brasil, México e Índia, a preferência era pelos dois primeiros, mas somente os quatro últimos aceitaram receber os ex-combatentes. Sobre essa passagem, Park explica: "Almost two years after their arrival in India, 55 North Korean POWs embarked to Brazil to start life anew, and in the next year or so 12 followed suit to Argentina"¹⁹ - Yang separa esses POWs: eram 50 coreanos e 5 chineses.

Desembarcaram na cidade do Rio de Janeiro e foram recepcionados por coreanos que já moravam no Brasil, Yang destaca que as notícias da vinda desses homens era tema entre a comunidade nipônica. Três deles passaram pela Hospedaria de Imigrantes do Brás em 1956, como mostra o registro da mesma (Anexo A). Todos são vindos do norte da península coreana. Destaque a informação que dois deles (Kim Seok Him e Kim Koong Jin) são presbiterianos e apenas um (Seok Pae Hoon) é católico. E como veremos mais adiante o protestantismo tem função primordial na consolidação da colônia.

Por serem solteiros, dispostos a aprender a cultura brasileira e de forte sentimento de união entre os que já estavam e os que chegaram os ex-soldados não tiveram dificuldades em conseguir trabalho e se estabilizar. Casaram com brasileiras ou com japonesas, já que ainda não haviam moças coreanas. Yang (2011) afirma que alguns desses casamentos foram desfeitos quando chegaram as famílias migrantes do terceiro período.

¹⁹"Quase dois anos depois de chegar na Índia, 55 norte coreanos prisioneiros de guerra embarcaram para começar uma nova vida no Brasil, e no ano seguinte outros 12 embarcaram para a Argentina." (tradução nossa).

5.3 Terceiro e Quarto Períodos (1963 - 1984)

5.3.1 Motivos Governamentais

A guerra acabou, a península coreana estava devastada pelos conflitos, os irmãos agora estavam separados pelo paralelo de 38 e novos problemas se situavam para o recém-formado governo sul coreano. Entre eles a questão de uma superpopulação, citando Mera:

Para el Profesor Kim Il Soo²⁰ la principal razón de la política de emigración aplicada por el gobierno de Corea del Sur fue el problema de sobrepoblación, originado por los 2.3 millones de coreanos que regresaron al país al finalizar la II Guerra Mundial; por un millón de personas provenientes de Corea del Norte que se refugiaron en el Sur antes de estallar la guerra; por el incremento de la población a causa de las nuevas tecnología médicas importadas desde occidente y el mejoramiento general de la calidad de vida, especialmente en la alimentación. Para controlar y dar solución a este punto, se delinean dos tipos de políticas de Estado: por un lado, programas de planificación y control de la natalidad; por otro lado, una agresiva política de emigración. (2009, p. 313)²¹

A primeira década após assinatura dos tratados de imigração (1963-1974) é o período de ditadura militar na Coreia do Sul, onde qualquer ameaça de comunismo é perigosa e a população vivia sobre o constante fantasma de uma nova guerra (YANG, 2011, p. 142).

A política agressiva foi bem inspirada por outros países que se utilizaram da mesma para resolver suas questões com uma superpopulação. Migrantes do norte sofriam discriminação nas terras do sul que serviu de motivação para que se interessarem pela imigração - o dilema das relações entre norte e sul-coreanos será melhor explorado em próximos capítulos.

²⁰KIM, Illsoo. New Urban Immigrants The Korean Community in New York, Ed. Princenton University Press, New Jersey. 1981.

²¹Para o professor Kim Il Soo, o principal motivo da política de emigração aplicada pelo governo sul-coreano foi o problema de superpopulação, causado pelos 2,3 milhões de coreanos que retornaram ao país no final da Segunda Guerra Mundial; por um milhão de pessoas da Coreia do Norte que se refugiaram no sul antes do início da guerra; pelo aumento da população devido às novas tecnologias médicas importadas do ocidente e a melhoria geral da qualidade de vida, principalmente na alimentação. Para controlar e resolver esse ponto, são delineados dois tipos de políticas estaduais: por um lado, programas de controle de natalidade e planejamento; por outro lado, uma política de emigração agressiva. (Tradução nossa)

Choi (1991, p. 39) nos diz, em resumo, que os motivos para o governo militar optar pelo projeto migratório eram: controle das altas taxas demográficas, resolução do problema de desemprego, aquisição de moeda estrangeira e promover a cooperação com países não comunistas. Mera completa afirmando que as colônias também serviram para enviar,

grupos de familias de militares descontentos con la política del gobierno y grupos de fieles protestantes, pertenecientes a la clase media urbana coreana y con un buen nivel educativo. Como había sido pautado por los gobiernos estas familias se instalarán en zonas agrícolas. (MERA,2009, p. 317)²²

e aliviar, ou controlar, tensões na terra natal.

Depois de muitos debates entre membros dos governos e interessados, em 11 de julho de 1962 foi aberta a embaixada sul coreana em Brasília

O projeto das políticas emigratórias incentivou, nos anos 60, a ida para diversos países, como os EUA, Europa, Canadá, Austrália, Nova Zelândia e América Latina (especialmente para a Argentina e, especialmente, para o Brasil); Segundo Mera,

La elección de América Latina se debió a la grandeza del territorio y la riqueza en recursos naturales, la tranquilidad y la buena calidad de vida - especialmente respecto de la educación para sus hijos- y, sobre todo, a que representa un paso intermedio hacia el "sueño americano" ²³. (MERA, 2009, p. 10)

5.3.2 Primeiros passos da imigração oficial (1961-1963)

Claramente diversos nomes podem ser citados como responsáveis pelo projeto de imigração oficial que iria se estabelecer nos anos seguintes, mas Jeong In-gyu e Oh Eung-seo são os mais notáveis, o primeiro por acender e estimular a fagulha de imigração e o segundo, um funcionário do departamento trabalhista do Ministério da Saúde, por mover toda a burocracia e política para que a imigração engrenasse.

²² Grupos de famílias de militares insatisfeitos com a política governamental e grupos de fiéis protestantes pertencentes à classe média urbana coreana e com um bom nível educacional. Como havia sido acordado pelos governos essas famílias foram instaladas em áreas agrícolas. (Tradução nossa).

²³ Os motivos da escolha da América Latina podem ser resumidos em algumas variáveis, como a grandeza do território e a riqueza de recursos naturais, tranquilidade e boa qualidade de vida, principalmente a possibilidade de educação para as crianças. Mas também devemos destacar que, para muitas famílias migrantes, a América Latina representou um passo intermediário em direção ao "sonho americano". (Tradução nossa)

Na península, o Ministério da Saúde foi o órgão oficial responsável por encabeçar o projeto; ele assumiu o projeto pois outros ministérios estavam receosos de assumirem tal responsabilidade, inédita e complexa, ainda mais durante o estabelecimento e estruturação do governo militar coreano. E assim nasceu em 1961 a Associação de Emigração Coreana - segundo Yang (2011, p. 156) todo esse projeto oficial depois de iniciado recebeu (para bem e mal) muita atenção da sociedade coreana - e no ano seguinte uma delegação de 14 membros chega ao Brasil para “acertar alguns detalhes importantes, como adquirir terras e construir moradias para aqueles que seriam os primeiros imigrantes oficiais, cuja a vinda estava prevista para até março de 1963” (YANG, 2011, p. 148).

Han Guk-jin, na época líder da comitiva e vice ministro da saúde, constatou que o Brasil não era aquela terra paradisíaca - algo muito semelhante aquilo que se passou com os imigrantes japoneses no início de sua migração. Segundo o mesmo em seu diário, que foi apresentado e estudado por Choi (1991, p. 39), os 32 lugares que o governo brasileiro disponibilizou precisavam de muita mão de obra e o território era extremamente acidentado, o clima não era favorável aos coreanos e as boas terras estavam em posse dos japoneses. Mesmo assim o projeto seguiu.

Ainda sobre a comitiva, a maior parte de seus membros fez parte dos grupos migrantes nos anos seguintes. E para transportar essas famílias foram usados navios.

Assim como os japoneses tiveram o Kasato Maru como navio símbolo do início oficial da imigração, a comunidade coreana tem o Tjitjalengka. Esse foi o primeiro navio a trazer os imigrantes coreanos para o Brasil, além dessa as embarcações Tjisandane, Ruys, Tegelberg e Boissevain também transportaram colonos durante o período oficial. Segundo Yang (2011), todos esses navios eram de origem holandesa, pois os navios japoneses foram bombardeados durante a Segunda Guerra Mundial.

Quando aportaram, embora tenham sido recebidos com celebrações, os colonos encontraram diversos problemas para o processo de fixação nas fazendas.

5.3.3 Imigrantes para as fazendas...

O intuito do acordo político entre o governo da Coreia do Sul e o nacional era

para que os imigrantes fossem destinados ao trabalho agrícola e que novos imigrantes chegassem posteriormente para completar as colônias.

O projeto migratório era montado em grupos de famílias - de forma geral bem semelhante ao projeto executado entre Brasil e Japão no início do século passado - destinados para fazendas. Entretanto, os membros do grupo nunca antes haviam trabalhado no campo e a infraestrutura precária levaram os colonos a abandonarem as colônias e rumarem para grandes centros urbanos - curioso notarmos que o mesmo ocorreu tanto na Argentina como no Brasil, com os emigrados partindo para Buenos Aires e para São Paulo.

O primeiro problema, segundo Yang (2011), foi em relação ao local da fazenda que iriam. O destino inicial (que foi acordado por Kim Su-jo e Jeong In-gyo) era em Capão Bonito mas em vez disso teriam de ir para Miracatu (ambos no estado de São Paulo). O motivo foi que Kim Su-jo, usando de sua posição de representante para os trâmites legais no Brasil, visava a trazer membros de sua família e para tal modificou o nome do destino e de imigrantes, felizmente seu esquema foi descoberto antes da concretização do prejuízo financeiro.

Ainda segundo a autora, o segundo problema foi em relação aos vistos de onze militares que compunham a expedição, problema que só foi solucionado com a intervenção do embaixador Park Dong-jim.

Com toda a situação desse primeiro grupo resolvida, Kim Myeong-ik retornou a Coreia com o papel de representante e preparou as coisas para a vinda de familiares que haviam ficado na Coreia.

Embora hoje os coreanos sejam associados mais com a cidade de São Paulo, o projeto inicial da imigração contava com grupos para outros estados; como o caso da fazenda Ponte Limpa, segundo Yang, ou Ponta Grossa, segundo Choi, nas proximidades de Vitória, Espírito Santo, no ano de 1964. Assim como em outros casos, dentro da imigração coreana, as terras que foram disponibilizadas não eram apropriadas para o cultivo, não sem um bom investimento de capital (coisa que os imigrantes não tinham), o que levou os colonos a abandonar a região e partirem para Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo (CHOI, 1991, p. 50; YANG, 2011, p. 155).

Ainda no mesmo ano, ocorreram conflitos dentro do projeto migratório e questões contratuais entre os proprietários e os imigrantes, pois os últimos não

estavam ficando nas terras designadas. Tais questões foram levadas a julgamento e o Brasil acabou por não aceitar mais imigrantes coreanos, mas iria ainda cumprir a cota de 500 famílias do projeto inicial (até esse momento apenas 142 famílias haviam imigrado)²⁴.

Continuando em 1964, mais dois grupos de famílias chegaram no porto do Rio de Janeiro vindos de Busan. Todavia não tiveram recepções calorosas, pois ambos os governos não acreditavam mais no projeto, afinal nenhuma das fazendas prosperaram e o programa somente era seguido para atingir os números necessários para sua conclusão. Esses grupos já seguiam para o encontro de seus conterrâneos nas cidades.

Nessas cidades, Lee Cheol-hui desenvolveu a ideia ludibriadora de obter vistos de imigração para a Bolívia e quando chegassem ao Brasil, para fazer o trânsito, em vez de partirem permanecerem em território nacional. No mesmo ano a Bolívia se declarou favorável a entrada de imigrantes coreanos, entretanto o Ministério da Saúde saiu de cena deixando todo o projeto para iniciativas civis. E unindo as peças os imigrantes em São Paulo enviavam cartas convites emitidas pelo côsul boliviano da capital paulista para seus conterrâneos. As cartas seguiram até o ano seguinte, recrutando mais de 120 famílias. Ao mesmo tempo a imigração para o Paraguai e Argentina haviam sido autorizadas e padeceram do mesmo artil ludibriador (YANG, 2011, p. 155).

Mesmo com todas essas levas não se desenvolvendo nas fazendas, a última obteve êxito. Em 1966, organizados pelas Igrejas Católicas do Brasil e da Coreia do Sul, colonos chegaram em Paranaguá e Ponta Grossa.

5.3.4 ...Mas é nas cidades que eles florescem.

Como último suspiro do período de imigrações legais, ou oficiais (segundo Yang, 2011), houveram contratações de coreanos através de projetos de imigração de mão de obra qualificada para indústrias que cresceram graças ao milagre econômico brasileiro. Entretanto, a entrada ilegal de outros coreanos fez, sumariamente, a Coreia do Sul ser retirada dos editais de programas de emigração

²⁴OH, Eung-seo. **아마존의 꿈 (Sonho amazônico)**: recordando os quarenta anos da imigração coreana para o Brasil. São Paulo: Nammi Dong-a Ilbo, 2004, p. 68-69. *apud* YANG, E. M. A "geração 1.5" dos imigrantes coreanos em São Paulo: identidade, alteridade e educação. 2011. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

de mão de obra qualificada.

5.3.4.1 Moradias

A maior concentração atual em terras brasileiras é na capital paulista, onde há comércios (principalmente ligados a produção têxtil e de moda). Nos primeiros anos, a estadia se dava no bairro da Liberdade, já conhecido na época como a vizinhança dos orientais, japoneses e chineses já habitavam nessa localidade há décadas – interessante notar que, mesmo com o conflito passado entre as nações, os coreanos foram ajudados pelos japoneses que já estavam aqui, como no início do século o ensino do japonês era obrigatório na península coreana muitos imigrantes falavam *nihongo*²⁵, facilitando assim a comunicação entre japoneses e coreanos e a tradução e adaptação ao idioma e costumes brasileiros. Esse espaço onde se reuniram as famílias coreanas ficou conhecido como “Vila Coreana” (PERELMUTTER, 2017, p. 140) um local de aluguéis baratos e, segundo Truzzi (2001), uma maneira de passar anônimo perante a comunidade brasileira e assim evitar choques culturais.

A ascensão social por parte de um extenuante trabalho em família, levou a uma significativa melhora da qualidade de vida dos imigrantes em pouco tempo. Com o tempo se mudaram para outros bairros como o Brás, Aclimação, Cambuci e o Bom Retiro – mesmo que o último não tenha a preferência para ser residência –, que é atualmente conhecido como o bairro dos coreanos, mas a história do bairro o marca como um bairro de imigrantes – ingleses, italianos e vários outros estrangeiros no passado e hoje de várias famílias bolivianas, coreanas e judaicas (ROGANTI, 2003) – assunto que trataremos mais adiante.

Atualmente os bairros do Bom Retiro e Brás abrigam, segundo Cintra (2010), inúmeras fábricas e comércios de vestuários e relacionados administrados por coreanos, embora essa não seja a única fonte de renda da comunidade – outros comércios (em especial de produtos eletrônicos), restaurantes e profissionais liberais são fontes de renda, enquanto que as residências são nos bairros da Aclimação, Liberdade e Higienópolis (CHOI, 1996, p. 234).

Segundo Lesser (2015, p. 245) “a proeminência dos imigrantes japoneses e de

²⁵Idioma japonês.

seus descendentes também exerceu forte impacto quando outros asiáticos se estabeleceram no Brasil”, mas não foi somente dessa relação que floresceu a comunidade coreana. A união dentro da coletividade era, e é, muito forte em todos os níveis (familiar, social, cultural), não tardou para que associações e outras categorias de organizações sociais, empresariais e culturais tivessem um papel tão importante quanto.

5.3.4.2 Associações, Educação, Igrejas e Família

A criação de associações diversas pela comunidade coreana tem a primordial responsabilidade pela adaptação excepcional dos seus na capital paulistana. A manutenção da prática do *Kye* – uma espécie de consórcio coletivo visando a um objetivo, em geral capital para abertura de um comércio – por entre os colonos ajudou muitos a se estabilizarem (CHOI, 1996, p. 238; TRUZZI, 2001, p. 152).

Sobre o auxílio a chegada de novos imigrantes, o trabalho das igrejas protestantes é o mais acentuado, sendo os “pontos de condensação de toda uma rede intracomunitária de sociabilidade e solidariedade” (TRUZZI, 2001, p. 152) – algo semelhante como às sinagogas foram e são para os judeus ou os órgãos da igreja católica para seus membros –, Perelmutter (2007, p. 141) ainda nos informa que mesmo aqueles não crentes se rendem ao apoio que as igrejas dão aos recém chegados. Segundo as pesquisas de Mera (2009, p. 314) “los primeros emigrantes de Corea, aquellos que a principios de siglo se dirigieron hacia los Estados Unidos y a partir de la década del 60 hacia América Latina, en su gran mayoría ya eran cristianos antes de emigrar”²⁶, então já se é esperado que o fator religião seja um dos principais unificadores da comunidade.

Han Guk-jin, membro da primeira delegação que veio ao Brasil com intuito de acertar detalhes e conhecer a terra e se tornou membro do primeiro grupo de migrantes, fundou a Igreja Éden no Bom Retiro e se dedicou ao ministério pastoral até o 2009, quando faleceu aos 88 anos (YANG, 2011, p. 147). O protestantismo já era muito comum entre os imigrantes das levadas oficiais, tanto que ainda segundo Yang (p. 174) já era obrigatório nos documentos de imigração a presença de um pastor protestante em cada leva.

²⁶Os primeiros emigrantes da Coreia, aqueles que no início do século foram para os Estados Unidos e dos anos 60 para a América Latina, em sua maioria já eram cristãos antes de emigrar. (Tradução nossa)

“Eles [os coreanos] mantêm os serviços religiosos na língua natal, as atividades de recreação preservam os jogos coreanos, a culinária tradicional faz parte de seu cotidiano e possuem, em língua coreana, uma mídia bastante diversificada” (CINTRA, 2010, p. 130-131) com jornais e revistas abrangendo a vida na cidade e notícias da Coreia (tanto em *hangul* quanto em português).

Mesmo com toda a organização social desse período, a família ainda é a organização central para os imigrantes, segundo Yang (2011, p. 171) a organização social e cultural confuciana era muito forte na península. Entretanto, adicionamos mais uma motivação para essa centralização da família: o(s) modelo(s) de imigração - o primeiro modelo foi a imigração de famílias organizado pelos governos e em seguida a imigração em cadeia de parentesco assim como disse Choi:

No Brasil, os coreanos interessados em trazer familiares voltaram a estabelecer relações com as filhas e as irmãs casadas, como é normal no sistema familiar ocidental, estruturando assim uma “cadeia” de parentesco, o que é conhecido como imigração em cadeia. Entre os coreanos, facilmente podem se encontrar grupos de cinco, seis ou vinte e mais pessoas com relações de parentesco. Eles se mantêm aglutinados. Essa tendência de aglutinação é vista na infra-estrutura do trabalho na qual eles se dedicam. (CHOI, 1991, p. 131)

Completamos com a seguinte passagem de Lesser:

Os imigrantes coreanos geralmente têm uma visão globalizada de sua imigração e têm parentes próximos residindo em outros países, do Paraguai ao Canadá. De fato, é muito comum que coreanos sejam educados em um país para, subsequentemente, mudarem-se para outro a fim de trabalhar em um negócio familiar. Não é raro encontrar imigrantes coreanos que falam inglês, espanhol e português, além da sua língua nativa. (LESSER, 2015, p. 247).

Assim como os japoneses e judeus, os coreanos investem em muito na educação de seus descendentes “deles exigindo desempenhos escolares acima da média, aguçando-lhes o senso de competição” (TRUZZI, 2001, p. 158) e esse era um dos motivos que levou muitos imigrantes para se mudarem para as grandes cidades (YANG, 2011, p. 163). O ensino da língua materna era, e é, um dos principais pilares da educação dos mais novos, escolas de idiomas e as igrejas se encarregavam de ensinar a língua e cultura aos pequenos - entretanto devemos salientar que com o passar dos anos e a aculturação (podemos dizer, abasileiramento) dos mais jovens o uso familiar da língua coreana se precarizou. Os jovens participavam de grupos com amigos brasileiros, influências culturais externas (rádio, cinema, televisão, etc) onde o português era dominante.

Ainda, o abasileiramento também recai sobre os pais. Os negócios eram conduzidos em português e, mesmo que não intencionalmente, estavam expostos às mesmas influências culturais externas que seus filhos.

Sobre os negócios e trabalho e família, Choi diz:

Como a maioria dos coreanos imigrou em companhia de suas famílias, e aqui chegando se dedicaram, sobretudo, ao ramo de confecções, seus membros tendem a se manter unidos, quer por razões de parentesco, quer por razões profissionais, o que vem garantindo, ainda mais, a unidade grupal. (CHOI, 1991, p. 131)

Toda essa proximidade e a participação de todos os membros foi um dos motivos para a rápida estabilização social coreana.

5.3.4.3 Mundo do trabalho

Contrastando por ser uma imigração recente – “sendo a última ocupar a Hospedaria de Imigrantes do Brás, em 1978” (CINTRA, 2010, p. 128) –, a comunidade coreana se destaca por uma rápida ascensão social – motivada pelo “engajamento da família no trabalho e a capacidade de articular redes internas à colônia para facilitar a inserção na nova pátria” (TRUZZI, 2001, p. 151),

o espírito competitivo, o pragmatismo em torno de metas estabelecidas (criar o próprio negócio) e o enorme sacrifício exigido da família inteira (longas jornadas de trabalho, engajamento desde os mais jovens até os mais velhos e uma pauta mínima de despesas) são alguns dos aspectos que explicam a rápida prosperidade econômica dos coreanos que dominam às atividades econômicas do Bom Retiro (PERELMUTTER, 2017, p. 140)

principalmente com o comércio de roupas e têxteis, tendo clientes brasileiros e estrangeiros em suas lojas e fábricas.

Yang (2011, p. 163-167) separa o desenvolvimento das atividades econômicas em três estágios: “bendê”, costura e manufatura. O primeiro vem da coreanização do termo “vender” (ou em português coloquial, “vendê”) e caracteriza o período de venda de porta em porta de produtos coreanos - muitos dos quais vieram com os imigrantes ou eram enviados por conterrâneos -, nesta fase já se destacavam as roupas como

principal produto de venda²⁷.

Com o sucesso das roupas coreanas se iniciou o próximo estágio, o da costura, que começaram as fabricações das mesmas por algumas famílias imigrantes que continuavam a venda de porta em porta ou para outros ambulantes que revendiam para lojistas e/ou para o consumidor final. O total aproveitamento da mão de obra familiar e o empenho de seus membros ajudava a garantir o aumento dos lucros, o que ensejou o estágio seguinte.

O estágio das manufaturas só foi possível com o capital acumulado na fase anterior e a chegada de novos compatriotas com experiência na área de confecções que, aliados, abriram pequenas lojas - alugando espaços principalmente no Bom Retiro (as relações dos coreanos com os judeus e italianos que já habitavam esse bairro são melhores exploradas no capítulo seguinte) e no Brás.

Sobre o setor de confecções e a mão de obra migrante, Souchaud (2012) afirma que de uma população ocupada de 176.482 pessoas na Região Metropolitana de São Paulo, em 2000, que trabalham nesse campo somente 3,2% são migrantes internacionais e em grande maioria bolivianos, coreanos e paraguaios. Ainda segundo o pesquisador, a melhora no ensino nacional (e, por consequência, a busca por melhores oportunidades) e a melhor educação na Coreia do Sul e aquela que as famílias coreanas dispõem para seus filhos, desmotivaram os jovens migrantes internos (em geral nordestinos) e os migrantes das Coreias a seguir os ramos das confecções, enquanto seria um setor atrativo entre os migrantes da Bolívia e do Paraguai.

Como fruto da estabilização dos primeiros e entrada de mais coreanos (e a formação dos filhos dos primeiros em cursos superiores) se fez possível, e necessário, o fortalecimento e diversificação dos prestadores de serviços (restaurantes, salões de beleza, gráficas, escritórios de advocacia, médicos e etc.) voltados para a comunidade em si.

Para finalizar, apresentamos a seguinte afirmação de Hall: “As nações modernas são, *todas*, híbridos culturais” (2002, p. 62, grifo nosso). Afinal em todos os países do globo é possível de se encontrar diversos povos e culturas habitando as

²⁷A autora ainda destaca que alguns vendiam verduras, legumes e hortifrutis comprados nas feiras da madrugada ou que aqueles com capital abriam pequenos negócios relacionados ao comércio de produtos, especialmente alimentos.

mesmas fronteiras políticas, como exemplo, temos diversos imigrantes em diversos países – brasileiros nos E.U.A., em Portugal ou no Japão – refugiados pelos mais diversos motivos (em geral perseguidos em sua terra natal ou fugindo de conflitos ou crises humanitárias ou econômicas), multinacionais que acabam levando funcionários e conceitos para além de sua pátria mãe, e estamos envoltos por uma cultura fluída que circula por diversos meios e formas atingindo os mais variados grupos – sejam através de produções audiovisuais, jogos, comidas²⁸, esportes e espaços (físicos ou não). Iremos explorar melhor essa hibridização nos últimos capítulos de nosso trabalho, mas já podemos perceber seu funcionamento no bairro do Bom Retiro.

5.3.5 Bom Retiro dos imigrantes: um breve passeio histórico

Parafraseando Perelmutter (2017, p. 134), o Bom Retiro é, sem dúvida, dentre todos os bairros paulistanos o que mais representa à capacidade de absorção e síntese, sem discriminação, de práticas e valores dos grupos imigratórios que escolheram como seu segundo lar a capital paulistana, a essência do cosmopolitismo que diferencia a cidade de São Paulo das demais grandes cidades brasileiras.

Como falar da comunidade coreana paulista e não falar sobre o bairro que ficou mais caracterizado como “Pequena Seul” (VENCESLAU, 2017)? Entretanto não são apenas bolivianos, coreanos e judeus os atuais grupos étnicos a habitar e trabalhar no local, um antigo bairro de chácaras do século XIX.

Em seus princípios o bairro era composto de chácaras da elite paulistana, que se retiravam para suas terras aos finais de semana, eis o motivo do nome do lugarejo. Com a proximidade do final do século XIX o espaço foi se alterando graças às proximidades com o bairro da Luz, construção da *São Paulo Railway*, a chegada dos imigrantes e a modernização da capital do estado “A dinâmica impressa com a chegada da ferrovia, em 1865, ampliou o perímetro urbano da cidade até a Luz, resultando daí a formação do bairro do Bom Retiro” (PERELMUTTER, 2017, p. 128). Ainda segundo Perelmutter (2017, p. 128), a principal estação da ferrovia inglesa (Santos-Jundiaí) estava à divisa do bairro, de um lado da estrada de ferro (atual Bairro

²⁸Truzzi (2001, p.153) nos diz que um dos pontos fortes entre da integração entre grupos étnicos, no caso no Bom Retiro, embora possa ser aplicado em qualquer escala, se opera por base da comida/ culinária.

Campos Elíseos) foram construídos casarões, mansões, palacetes para os barões do café – algumas conservadas, e utilizadas, até os dias atuais (SÃO PAULO, 2017; BARROS, 2018) – e do outro lado as terras foram destinadas a loteamentos populares para a demanda exponencial de artesãos, comerciantes e operários das indústrias e fábricas que operavam e se multiplicavam a todo vapor com, principalmente, italianos como mão de obra.

As fábricas e indústrias foram as grandes responsáveis pela total urbanização daquele espaço bucólico. Fábricas de tecidos, bebidas, sapatos, espelhos, móveis, etc. e a sem número oficinas de fundo de quintal – além de comércios (fixos ou mascates) alteraram de forma permanente o espaço; “a possibilidade de trabalho oferecida por essas indústrias e [...] a proximidade com o centro logo fizeram do Bom Retiro um bairro de imigrantes, que chegou inclusive a abrigar, por cerca de cinco anos, a primeira hospedaria de imigrantes de São Paulo” (TRUZZI, 2001, p. 145). Desde essa época a localidade já apresentava pistas de sua vocação para a moda e têxtil.

Desde a chegada da estrada de ferro e das fábricas com seus operários, que esse bairro abrigava não nascidos no Brasil, em ordem cronológica, ingleses, italianos, sírio-libaneses, lituanos, armênios e portugueses já haviam morado naquelas terras. Entretanto, a partir dos anos 1920 e da ascensão do nazismo, o movimento imigratório de judeus cresceu vertiginosamente, tendo o bairro já habituado a receber europeus como seu destino. Os mesmos se adaptaram bem ao lugar, em partes por haver imigração judaica desde 1910 (e seu forte sentimento de solidariedade²⁹) e em outras por proximidade com outros povos europeus já estabelecidos, e em pouco tempo já haviam criado uma diversidade de instituições para sua proteção (sinagogas, hospitais), interação entre a comunidade (já estabelecidos, recém-chegados, com aqueles que ficaram), inserção na sociedade brasileira (como grupos de damas caridosas, clubes esportivos, uma associação de crédito, escolas, bibliotecas, etc.)³⁰. Indiscutivelmente, houve divergências e conflitos dentro da comunidade judaica, mas

²⁹Segundo Koubi (2001, p. 531-2) o sentimento de solidariedade tem por objetivo de contribuir para a manutenção da cultura diferenciada, para conservação e para preservação dos sinais distintivos da minoria. No caso os judeus, esses traços são a minoria afirmar sua diferença em relação à comunidade/cultura/sociedade dominante e por final leva à expressão/busca/desejo por veículos/mecanismos/instituições para a sua sobrevivência cultural.

³⁰Várias se mantêm ativas até hoje e, dentre as que fecharam as portas, seus documentos podem ser encontrados no Memorial da Imigração Judaica ou no Museu Judaico.

a mesma foi capaz de lidar com elas à sua maneira. Os primeiros que chegaram trabalhavam com o comércio ambulante e, depois de formar um certo capital, abriam pequenos comércios e em pouco tempo

a organização eficiente da comunidade erigiu instituições de assistência económica, social e moral que atuando como uma rede dentro e fora do Bom Retiro, efetivamente proporcionaram contatos, oportunidades e recursos que facilitaram em muito a inserção e o estabelecimento das famílias na nova sociedade. (TRUZZI, 2001, p. 149)

e mais algum tempo o bairro já apresentava características de um enclave étnico judeu.

Perelmutter (2017, p. 129-130) ainda nos apresenta que a virada do século XIX para o XX levou ao novo bairro a educação formal com diversos grupos de educação do nível básico ao nível superior. Movimento iniciado com a presença da comunidade judaica que, por fim, conferiu um “caráter distinto de outros bairros operários congêneres da capital paulista” (TRUZZI, 2001, p. 147)

Nos períodos anteriores aos conflitos que mudariam o mundo, as relações entre judeus e italianos eram boas “e, na opinião de muitos, as enchentes frequentes [do rio Tietê] que castigavam o bairro os uniram muito” (TRUZZI, 2001, p. 153). As questões do período da Segunda Guerra, trouxeram um tempo mais difícil para os judeus, pois os italianos apresentavam influências do e pelo regime de Mussolini. Durante o início do período militar, os moradores do Bom Retiro foram taxados como pertencentes aos movimentos de esquerda, em boa parte devido ao desenvolvimento do teatro *ídish* e de organizações judaicas. Entretanto esse viés da história do bairro não cabe ser tratado aqui.

Mesmo tendo iniciado a imigração nos anos 60, os coreanos somente chegaram ao Bom Retiro na década de 70 atraídos pela proximidade com o centro, boa circulação de transportes e a proximidade com a estação ferroviária. Parafrazeando Truzzi (2001, p. 151), há indicações de que os judeus, por estarem há mais tempo no Bom Retiro e trabalhando com comércio e têxteis, haveriam contratado coreanos para suas costuras, domiciliar sob demanda ou como vendedores para seus produtos. Com o passar dos anos, muitos acumularam capital para abrir seus próprios negócios.

Como podemos observar, o desenvolvimento dos judeus e dos coreanos no bairro estudado é extremamente semelhante em diversos aspectos.

Para os comerciantes não coreanos do bairro, os comércios coreanos são os principais responsáveis pelo “revigoramento e dinamismo do comércio na região do Bom Retiro nos últimos 15 anos” (PERELMUTTER, 2017, p. 140), fato inclusive já notado pela grande mídia. Nas palavras da professora Yun Jung Im do curso de Língua e Literatura Coreana da USP, em uma entrevista para a Folha de São Paulo:

A comunidade coreana passa por uma mudança muito grande, especialmente dentro do Bom Retiro, que está ficando menos coreano e, paradoxalmente, mais coreano. Menos porque parte dos que trabalhavam com confecção não estão mais ali, e mais coreano, visualmente, porque foram abertos, graças ao hallyu, negócios ligados à Coreia, como os muitos cafés. (CONSIGLIO; PASSOS, 2018, adaptado).

Que serve para confirmar o que já havia sido dito pelo jornal Agora:

Uma nova geração de imigrantes e seus descendentes têm dado uma cara moderna e sofisticada à parte coreana do Bom Retiro (região central). Cafeterias, restaurantes e um comércio diversificado são os caminhos adotados por aqueles que não enxergam nas confecções o único negócio possível. (CARDOSO, 2017)

Também vemos a exemplificação do conceito de Cuche de que “a cultura torna possível a transformação da natureza” (2012, p. 10) pelo homem visando a sua adaptação ao meio. Notemos o mesmo comportamento em outros enclaves étnicos em São Paulo³¹.

Sobre as relações, na contemporaneidade, entre os coreanos e judeus no bairro apresentamos o seguinte pensamento de “diferentemente do que aconteceu entre os judeus e italianos, nas décadas de 1920 a 1940, a sociabilidade não está mais sendo tecida nas ruas e nem através de relações de vizinhança, mas na esfera de negócios” (PERELMUTTER, 2017, p. 142), e “quando entre crianças, nas escolas do bairro” (TRUZZI, 2001, p. 155) visto que o bairro mudou seu caráter de residencial para comercial e que as populações judaicas estão abandonando o bairro, ficando para trás os mais religiosos ou novos judeus (ambos visando à proximidade às sinagogas da região). Truzzi (2001, p. 157) também observa que o coreanos repetem o mesmo processo de aluguel e compra de imóveis que os judeus fizeram com os italianos – pagam pontualmente e quando desejam comprar fazem boas ofertas, muitas vezes acima do valor de mercado – e assim novamente ajudam na modernização do bairro e “aposentadoria” dos judeus que os filhos não seguiram os

³¹ Como o Bairro da Liberdade com suas luminárias em estilo oriental, *toris*, restaurantes típicos (contemporâneos ou tradicionais) e festivais, ou o Bixiga com suas cantinas italianas e festividades religiosas.

passos do comércio.

Atualmente, a comunidade coreana se relaciona laboralmente, principalmente, com a comunidade de bolivianos (e paraguaios), os empregando (muitas vezes de maneira indireta) em suas cadeias relacionadas a confecções, restaurantes, ou como prestadores de serviços menos especializados.

5.3.6 Questões de Norte *versus* Sul no Brasil

Esse é um ponto delicado dentro da comunidade coreana brasileira, pois as cicatrizes da guerra são marcantes entre os mais velhos.

Como dito anteriormente, norte-coreanos que decidiram por ficar ao sul depois da Guerra da Coreia sofreram com a discriminação e viram nas políticas migratórias uma oportunidade de construção de uma vida melhor.

Recém-chegados sofriam preconceitos – e um pouco de ostracismo – dos seus compatriotas. Park nos conta:

When the first South Korean immigrants arrived in Argentina almost a decade later, Kim [prisioneiro de guerra, estudado pelo autor] was at the port to welcome them and helped them get settled. He even served as the first president of the Korean Association in Argentina.

A few other North Korean POWs, especially those in Brazil, took a similar initiative, even when South Korean newcomers tagged them as “the prisoners” or “the communists”. Yet many POWs preferred to quietly blend in to local society and slowly disappear from the eyes and memories of all. They wanted to get away from the trauma of the war and the atrocities witnessed at Geojedo POW camp. The POWs sought to live free of ideologies and prejudices.³² (2017)

Dado que nos confronta com uma realidade comum as testemunhas das desumanidades que a humanidade comete consigo própria. Levando as mesmas a esconder seu passado para que possam ter um presente/futuro mais calmo e pacífico.

O premiado cineasta coreano Cho Kyeong-Duk veio à América do Sul no intuito de gravar um documentário com esses ex-prisioneiros de guerra, ainda vivos, que

³²“Quando os primeiros imigrantes sul-coreanos chegaram à Argentina quase uma década depois, Kim estava no porto para recebê-los e ajudá-los a se instalarem. Ele até serviu como o primeiro presidente da Associação Coreana na Argentina.

Alguns outros prisioneiros de guerra norte-coreanos, especialmente os do Brasil, tomaram uma iniciativa semelhante, mesmo quando os recém-chegados sul-coreanos os rotularam como “os prisioneiros” ou “os comunistas”. No entanto, muitos prisioneiros de guerra preferiram se misturar silenciosamente à sociedade local e desaparecer lentamente dos olhos e memórias de todos. Eles queriam fugir do trauma da guerra e das atrocidades testemunhadas no campo de prisioneiro de Geojedo. Os prisioneiros de guerra procuraram viver livres de ideologias e preconceitos” (Tradução nossa.).

desejam voltar para sua terra natal. O diretor afirma sobre os migrantes em uma entrevista:

Eles se tornaram um pouco brasileiros, mas não deixaram de ser coreanos. Ao mesmo tempo, não são bem aceitos nem na Coreia (tanto a do norte quanto a do sul), nem pela comunidade coreana no Brasil, que chegou aqui dez anos depois, com a primeira onda migratória oficial. Todos os veem com desconfiança. Pense no sofrimento que isso representa para eles. (GUERRA, 2013)

Como um adendo, em 2001 o Itamaraty estabeleceu relações diplomáticas com a República Popular Democrática da Coreia. No ano de 2005, o Brasil recebeu uma embaixada da Coreia do Norte. Assim se tornou um dos poucos países democráticos que possui uma embaixada (nas Américas, somente Cuba e Brasil possuem tal instituição) e em 2009 foi aberto a embaixada brasileira em Pyongyang (BRASIL, [2020]).

5.3.7 Os Clandestinos

Nos anos 70, cadeias migratórias já solidificadas mantiveram fluxo a esses países, contatos feitos por empresas sul-coreanas levaram imigrantes para as nações árabes, a Guerra do Vietnã e relações com os EUA levaram alguns coreanos até uma terra assolada por conflitos semelhantes aos que seus pais, ou eles mesmos, haviam presenciado (com o conflito encerrado, diversos rumaram para países do Sudeste Asiático). Esse último parâmetro nos leva a apontamentos que serão retomados e concretizados pela geração 1,5, pelos filhos e, principalmente, netos dos primeiros colonos oficiais.

Parafraseando Roganti (2003), a imigração de sul-coreanos em grupos para o Brasil, atendendo ou não a projetos oficiais dos respectivos governos, foi intensa até o início dos anos 70. Graças ao sucesso que famílias coreanas estavam tendo em São Paulo, incentivou cerca de 2000 coreanos imigrarem ilegalmente para o Brasil via Paraguai entre 1971 e 1972 (YANG, 2011, p. 165). A partir de 1973, o governo brasileiro passa a restringir os movimentos migratórios e assim muitos coreanos, individualmente, passam a usar uma rota de imigração com entrada pelo Panamá, seguindo para países vizinhos (como o Paraguai e a Bolívia) e posteriormente, de forma clandestina, migram para o Brasil (ou Argentina ou os EUA). Yang (2011, p. 156-157) complementa afirmando que nas décadas seguintes ao endurecimento da entrada de coreanos surgiram os “corretores de imigração” (*brokers for immigration*),

que eram pessoas que vendiam cartas de chamamento individual para o Brasil a quem estivesse na Coreia.

Assim muita gente entrou de maneira ilegal e a eles se somam aqueles que entravam nos países vizinhos (Argentina, Bolívia, Paraguai), atravessavam a fronteira terrestre e rumavam Brasil adentro.

Esses imigrantes ilegais, assim como milhares de outros, foram beneficiados pelos programas de anistia promovidos pelo governo federal no decorrer dos anos.

5.4 Quinto e Sexto Período (1985- 2013)

Este é o período caracterizado pela imigração em cadeia já estabilizada e saída de jovens brasileiro-coreanos – aqueles das gerações 1.5 e os de segunda (e terceira) geração – do país em direção a países mais desenvolvidos e pela disseminação da cultura sul-coreana entre os brasileiros.

Yang (2011, p. 130-131) dividiu os grupos de coreanos, após anos 90 e 2000, em cinco categorias baseando-se no motivo/objetivo, prazo de estadia e época que veio:

- os imigrantes coreanos e seus descendentes já de nacionalidade brasileira;
- funcionários de instituições governamentais e de empresas coreanas (geralmente alocados em grandes e importantes centros urbanos);
- estudantes universitários de graduação, que estudam língua portuguesa (em sua maioria), e pós-graduandos em retorno para continuar os estudos brasilianistas. Geralmente estão em grandes centros urbanos;
- missionários protestantes, vindos da Coreia do Sul ou dos EUA, em especial para trabalhar em áreas carentes e comunidades (especialmente na cidade de São Paulo) ou nas regiões amazônicas;
- composto por adolescentes (10 a 18 anos) que vêm treinar futebol em cidades do interior de São Paulo e ficam em alojamentos compostos unicamente de coreanos e assim, segundo a autora, formando uma “pequena Coreia”.

Ainda segundo Yang, a comunicação entre esses grupos nem sempre é

existente ou, quando existe, continuada visto que são perfis diferentes (tanto geracional quanto profissionalmente diferentes) e seus tempos de permanência são diferentes - sendo apenas o primeiro grupo permanência fixa.

Por outro lado, as comunicações entre a comunidade coreana e aqueles com quem compartilham espaços é mais ampla e diversificada. Sobre isso, Mera (2009, p. 323) diz:

Los resultados generales de la encuesta muestran que Brasil es el país donde más rápido pierden las características étnicas: prefieren la lengua local para comunicarse con amigos y padres y tienen valoraciones positivas con respecto a la población local. Paraguay por el contrario es el país donde se percibe un menor grado de integración y un sólido mantenimiento de las costumbres de los padres: prefieren comunicarse en coreano antes que en español, es donde se percibe mayor distancia y valoraciones negativas con respecto a la población local. Argentina se ubica en una situación intermedia entre ambos extremos: el porcentaje de los que sólo hablan en coreano con los padres es menor que el de los paraguayos pero sustancialmente superior que el de los brasileños³³

Assim retratando a extrema diferença nas relações que as colônias apresentaram em relação aos locais. No caso brasileiro, as relações foram facilitadas, como vimos, pela colônia japonesa e pelas boas relações construídas com outras comunidades migrantes e, atualmente, pelo Hallyu.

Como foi e é forte o incentivo a educação que se estabelece no seio das famílias coreanas, as aulas de inglês são comuns desde jovens (uma característica já visando à realização do sonho de se mudar para os EUA).

5.4.1 As Geração 1.5 e 2

Esses são aqueles que imigraram muito jovens, em seus primeiros anos e geralmente nos anos 1960, e crescem entre duas culturas. Esse foi um fenômeno ocorrido em todas as colônias coreanas do final do século passado, assim como dito por Mera (2009, p. 325):

³³Os resultados gerais da pesquisa mostram que o Brasil é o país onde as características étnicas são perdidas mais rapidamente: elas preferem o idioma local para se comunicar com amigos e pais e têm avaliações positivas em relação à população local. O Paraguai, por outro lado, é o país em que há menor grau de integração e manutenção sólida dos costumes dos pais: eles preferem se comunicar em coreano do que em espanhol, é onde há maior distância e avaliações negativas da população local. A Argentina está localizada em uma situação intermediária entre os dois extremos: a porcentagem de pessoas que só falam coreano com os pais é menor que a dos paraguaios, mas substancialmente maior que a dos brasileiros. (Tradução nossa.)

La existencia de la generación 1.5 en todas las comunidades del mundo da cuenta de la identidad de la diáspora. Las personas pertenecientes a este grupo experimentan un sentimiento de identificación entre sí, aun proviniendo de lugares y culturas muy dispersas como pueden ser Brasil, Argentina y EEUU. Ellos internalizan un juego de valores que articula los de la sociedad de origen, los de la sociedad receptora y los de su grupo vivencial. Esta condición de integración es parte del complejo fenómeno de relaciones humanas donde estas personas circulan cotidianamente³⁴

Essa geração já estabelecida nos centros urbanos, no caso brasileiro São Paulo, manteve os negócios dos pais. E segundo Yang (2011, p. 167), “podiam se livrar da responsabilidade de participar das tarefas necessárias à subsistência junto de seus pais”, pois eles já estavam mais estabilizados economicamente e, geralmente já teriam funcionários, coreanos ou não, contratados. A não necessidade de trabalhar facilitou a vida desses jovens que podiam se dedicar a seus estudos e atividades sociais.

Ainda segundo a autora, mesmo que muitos dos filhos dos imigrantes tivessem sucesso em suas áreas de graduação, são poucos os formados que seguem esse rumo, a maioria retorna para os negócios de seus pais. Característica que a pesquisadora observou tanto na geração 1,5 como na segunda, mas em ambos os casos a explicação é financeira – ganha-se mais no negócio da família que em uma empresa de terceiro ou em um consultório.

Segundo Im *et all* (2009), a segunda geração ainda tem a igreja como ponto de encontro para os jovens – além é claro da escola – pois a mesma apresenta atividades para eles em cada faixa etária que possuem. Os familiares e responsáveis são incentivadores dessa participação pois a mesma forneceu o fortalecimento de seus vínculos dentro da comunidade.

Os autores citam a globalização, produções audiovisuais, internet (componentes do Hallyu, como veremos mais à frente) e a proeminência de marcas coreanas no mercado brasileiro, em especial de eletrônicos, como os fatores para a coreanização dos jovens.

Essa é uma geração mais motivada a manter relações com brasileiros e não

³⁴A existência da geração 1.5 em todas as comunidades do mundo é responsável pela identidade da diáspora. As pessoas pertencentes a esse grupo experimentam um sentimento de identificação entre si, mesmos provenientes de lugares e culturas amplamente dispersos, como Brasil, Argentina e EUA. Eles internalizam um conjunto de valores que articula os da sociedade de origem, os da sociedade receptora e os de seu grupo experiencial. Essa condição de integração faz parte do complexo fenômeno das relações humanas em que essas pessoas circulam diariamente. (Tradução nossa)

coreanos, tanto as de amizade como as de casamentos. Uma geração, de maneira geral, que se equilibra entre sair com seus amigos da comunidade e amigos brasileiros, assim como se interessar por coisas que acontecem aqui e aquelas que acontecem na Coreia.

A mesma pesquisa ainda apresenta que a maioria dos entrevistados já visitou a Coreia anteriormente (em sua maioria para visita de parentes ou turismo) confirmando a manutenção dos laços com aqueles que ficaram ou com a terra de seus antepassados. Ainda sobre a manutenção de laços, a maioria deles aprendeu a língua coreana em casa com os familiares e se manteve nos níveis básicos ou intermediários e seu uso era basicamente doméstico ou na igreja. Interessante destacarmos que esse era o mesmo caminho seguido pela comunidade japonesa, mas a falta de contato com a evolução da língua no Japão – e o maior fluxo de imigrantes das camadas mais pobres da população – fez com que o Brasil se mantivesse com um idioma japonês “camponês” do século XX, enquanto que a globalização e o Hallyu tem mantido o idioma coreano atualizado com o que se fala na península.

5.4.2 Migrando Novamente: em Destino ao Mundo.

O processo migratório da Coreia para o Brasil está estável, assim como a comunidade, e os filhos dessa comunidade já observam o mundo como um local acessível para imigrarem em busca de melhores oportunidades. Geralmente, tais oportunidades se encontram em países desenvolvidos. Assim sendo, geram um fluxo migratório para tais países e, conseqüentemente, realizam o sonho americano de seus avós. O forte desejo de ascensão social que motivou e fez muitos crescerem no passado agora serve de principal combustível para a chama de reemigrar.

As instabilidades políticas e/ou econômicas enfrentadas pelo Brasil, e de maneira geral por toda América Latina, nas décadas finais do século passado serviram de impulso para as primeiras re-imigrações dentro da comunidade coreana.

Além dos EUA, muitos retornam para Coreia do Sul onde ainda têm parentes e o nível de vida é melhor, os estudos e manutenção do idioma nativo (em especial pela primeira e 1,5 gerações) facilita em muito esse retorno.

Quando se trata da segunda geração, Im *et al* (2009) demonstra que a maioria dos jovens quer se mudar para outro país, em sua maioria pela busca de melhores

condições de vida ou somente por sair do Brasil³⁵, entretanto esses mesmos jovens não desejam viver na Coreia.

Se tais movimentos serão como os *dekasseguis*, somente o tempo dirá.

³⁵ Os autores sabem que o ímpeto da juventude pode ser o motivo do desejo de mudança.

6 AS INTERAÇÕES

Nesse capítulo visamos analisar três pontos das relações entre os coreanos e os brasileiros. A primeira passagem sobre as relações entre duas comunidades migrantes dentro do microcosmo do Bom Retiro. A segunda sobre a onda de produções sul-coreanas que tomou de assalto o mundo pop. E a última sobre um local que apresenta a cultura coreana para os brasileiros.

6.1 As relações entre os bolivianos e os coreanos no microcosmo do Bom Retiro.

Antes de nos aprofundarmos nesse tópico, gostaríamos de frisar que não é somente em oficinas de costura que as relações entre bolivianos e coreanos se dão. Como dividem espaços comuns, as relações acontecem em locais como restaurantes e outros tipos de comércios, pelas ruas do bairro e afins. Entretanto, as relações mais consolidadas estão ligadas ao mundo têxtil. Esse espaço é também compartilhado com outros grupos migrantes, em especial o dos paraguaios – segundo grupo migrante mais exponencial (Figura 1) – que trabalham no mesmo setor que boliviano; A escolha pelo foco nos bolivianos se dá pelo motivo que os mesmos ocupam majoritariamente o imaginário popular como trabalhadores e costureiros para os coreanos (SILVA, 2012; SOUCHAUD, 2012). E que as trajetórias de ambos grupos migrantes, bolivianos e paraguaios, se misturam nas ruas do Bom Retiro.

A fronteira entre a Bolívia e o Brasil sempre gerou movimentação de seus povos e produtos de um lado a outro, entretanto o fluxo de bolivianos para as regiões mais afastadas da fronteira se intensificou a partir das reformas estruturais que o país natal sofreu durante o século XX. Naquele século a Bolívia passou pelo Tratado de Petrópolis – no qual o território que hoje é o Acre foi vendido ao Brasil – e outras perdas de territórios para o Chile e Paraguai. A democracia boliviana foi conturbada passando pelo decorrer do século XX por golpes militares e somente conseguindo se estabelecer nos anos de 1980.

Parafraseando Baeninger (2012), o crescimento econômico brasileiro, agregado a crise financeira global, que afetou a maioria dos países da região, fez com

que o Brasil – e outros países latino-americanos (em especial a Argentina) – se tornasse um dos locais mais atraentes para encontrar trabalho ou criar os filhos. As cadeias migratórias formadas por familiares aqui já instalados também contribuem para esse crescimento exponencial. Infelizmente, os números do IBGE (Figura 1) levam em conta apenas os imigrantes legais, os ilegais não aparecem na pesquisa – possivelmente atingindo o dobro em números totais.

Figura 1 - Censo demográfico por nacionalidade

Nacionalidades	1991		2000		2010	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Bolívia	5.994	8,74	6.967	7,20	22.132	13,46
Paraguai	6.897	10,06	11.156	11,53	19.953	12,14
Estados Unidos	4.263	6,22	7.502	7,75	15.343	9,33
Argentina	6.389	9,32	8.546	8,83	10.597	6,44
Portugal	4.027	5,87	3.978	4,11	9.091	5,53
Japão	2.030	2,96	4.712	4,87	7.823	4,76
Peru	2.051	2,99	4.501	4,65	7.111	4,33
Uruguai	6.098	8,90	5.667	5,86	7.044	4,28
China	1.758	2,56	3.080	3,18	5.922	3,60
Itália	1.768	2,58	3.782	3,91	5.592	3,40
França	1.660	2,42	3.029	3,13	4.567	2,78
Espanha	1.114	1,62	1.948	2,01	4.544	2,76
Colômbia	822	1,20	2.059	2,13	4.371	2,66
Alemanha	1.965	2,87	3.231	3,34	4.138	2,52
Grã-Bretanha	1.062	1,55	1.813	1,87	2.771	1,69
Chile	5.124	7,47	1.901	1,97	2.569	1,56
Coréias	3.287	4,80	1.622	1,68	2.525	1,54
Angola	818	1,19	2.067	2,14	2.388	1,45
México	286	0,42	631	0,65	1.868	1,14
Libano	1.364	1,99	2.479	2,56	1.671	1,02
Venezuela	564	0,82	1.183	1,22	1.594	0,97
Suíça	661	0,96	1.038	1,07	1.106	0,67
Holanda	447	0,65	767	0,79	1.091	0,66
Cuba	74	0,11	892	0,92	1.078	0,66
Equador	257	0,37	545	0,56	1.057	0,64
Demais nacionalidades	7.769	11,33	11.656	12,05	16.475	10,02
Total	68.550	100,00	96.752	100,00	164.420	100,00

Na capital paulista, a maior concentração dos bolivianos é nos bairros do Bom Retiro, Brás e Pari, mas é possível encontrar imigrantes por toda a São Paulo e em cidades aos seus arredores (como Osasco, São Bernardo do Campo, Diadema, Santo André) em menor número (SILVA, 2012, p. 21).

Como vimos, o bairro sempre foi um refúgio familiar, primeiramente de abastados, depois de diversos grupos migrantes, em seguida – parafraseando Zarpellon (2017, p. 143) - de famílias coreanas que desciam dos navios voadores e permaneciam unidas na vontade de prosperar nos negócios de atacado e, agora, as famílias bolivianas ocupam esses espaços e se aglomeram entre todos os seus para produzir em casa ou nas oficinas ou nas lojas. Na totalidade, observamos que a força que move todos esses trabalhadores vem das raízes familiares. Os primeiros imigrantes (geralmente solteiros) logo traziam seus pais e familiares e assim reuniam a família.

Assim como todos os outros grupos, os bolivianos se organizaram em associações e receberam apoio de outras (em especial das de cunho religioso) para ajudar na fixação. Em especial Silva (2012, p. 22) destaca a Associação de Residentes Bolivianos, fundada em 1969 por profissionais liberais, a Associação Gastronômica Cultural e Folclórica Boliviana Padre Bento (de 2002) e a Associação Cultural de Grupos e Conjuntos Folclóricos Bolívia/Brasil, essa última formada em 2006, todas com o intuito de divulgar a cultura boliviana para os brasileiros e a quem mais interessar e, assim, combater os estereótipos que a comunidade boliviana, como um todo, recebe por parte da grande mídia.

Os (i)migrantes enfrentam problemas diferentes por sua cor de pele e posição social dentro da comunidade brasileira e dentre os próprios migrantes. Como dito por Abrahão:

O processo de recepção e acolhida, em qualquer sistema político, apresenta um cenário de resistência que transita entre o simbólico e o concreto. Conceitos e Preconceitos tomam conta de parte da população que vê no imigrante um invasor do espaço que não lhe pertence, também o desconhecimento e a não valorização da cultura do outro evidenciam a situação. (2018, p. 14)

No bairro do Bom Retiro, são claras as diferenças sociais entre os bolivianos e os coreanos que residem e trabalham pela região. “É a partir de 1975 que as oficinas de costuras de coreanos começam a se multiplicar em São Paulo” (MAZER, 2014, p. 200), principalmente na região do Bom Retiro e arredores, sendo a principal mão de obra de bolivianos. Silva (2012, p. 20-21) acrescenta, que foi durante os anos de 1980 que se estabelece o perfil característico dos bolivianos (jovens de ambos os sexos com nível de escolaridade médio e solteiros) atraídos pelas promessas de melhores

salários – importante termos em mente que essas promessas não eram feitas apenas por coreanos, mas por brasileiros e outros bolivianos.

Com o enriquecimento dos coreanos e a acumulação de capital, eles investiram em um sistema atacadista de pronta entrega de suas mercadorias, que demanda muita mão de obra, maquinário, matéria prima e aviamentos. Com essas necessidades, em especial a primeira, as relações coreanos e bolivianos se intensificaram.

Como diversos coreanos entraram ilegalmente no país durante os anos de 1970 - vindos especialmente das nossas fronteiras com o Paraguai, a Bolívia e a Argentina – vieram vários outros imigrantes ilegais e a situação de marginalidade fez essas comunidades étnicas estarem sempre próximas. Tal proximidade em diversas vezes era, e é, levada para o mundo do trabalho. Para os imigrantes bolivianos, assim como para todo o imigrante contemporâneo de forma genérica, sempre restam os trabalhos que os naturais do país-destino já não querem mais fazer e/ou aqueles informais e/ou o comércio.

Os coreanos, mesmo tendo iniciado a migração com o objetivo de serem agricultores, se estabeleceram e frutificaram no comércio. Aos bolivianos, os trabalhos de costureiro, por ser uma profissão que não atrai o brasileiro, é a (quase que) única alternativa. Desde o começo, a profissão para eles foi marcada pela informalidade e subcontratação.

A informalidade e a subcontratação nas confecções atacadistas perduram até os dias de hoje, mantidas por empresários desejosos de lucros máximos se valendo de custos de produção controlados, algumas vezes chegando a condições análogas à escravidão - onde diversas vezes mulheres e menores de idade também trabalham (CARVALHO, 2014). Muitas vezes os próprios bolivianos comandam às “senzalas”, mas coreanos já foram presos e condenados por essa mesma prática, que nem sempre é voltada aos bolivianos (ANTAR, 1999).

Por outro lado, já foi levantado que o boliviano nem sempre se vê na situação de escravidão, pois, segundo Doña Alicia:

Eu não acho que seja escravidão, como estão dizendo. Os bolivianos não são forçados, costuram voluntariamente. Costuram muito para ganhar mais, são pagos por peça. Somos pessoas muito trabalhadoras e muito humildes e no nosso país simplesmente não há oportunidade. (SUWWAN, 2011)

A situação no país natal faz com que alguns vejam a situação degradante com que vivem no Brasil como algo normal e tolerável para se ter um emprego e “renda”. Merçon (2015) afirma que as mesmas condições fizeram os bolivianos se arriscarem com “coiotes” (atravessadores) e usarem documentos falsificados. Felizmente não são todos que se sujeitam a tais tratamentos, Suwwan (2011) nos apresenta o caso de uma família que fugiu de uma oficina e buscaram apoio da polícia:

Trabalhava 17 horas por dia e não podia levantar para ir no banheiro. Vi minha mulher e meus filhos chorando, e não podia fazer nada, estava sem saída. Se defendesse minha família, poderia ir preso [por ser imigrante ilegal]. Não sei o que meu patrão pode fazer conosco, mas precisamos recuperar nosso dinheiro [que o patrão havia retido].

Muitos desses imigrantes não são totalmente alfabetizados em seu idioma nativo, ou em espanhol, e têm dificuldades em aprender o português que os tornam alvos ainda mais fáceis para os “escravocratas”.

Como a história já mostrou outras vezes, culpar o trabalhador/imigrante pela situação em que o mesmo vive é errado, a situação é muito mais complexa e o “senhor da casa grande” é quase inalcançável. Segundo o Centro Pastoral do imigrante, através das palavras do Padre Mario Geremia:

São Paulo está saindo na frente, as autoridades estão vendo que a "culpa" não é precisamente do dono da oficina, que muitas vezes é desinformado e tenta ajudar o próximo, ainda que reproduza padrões de exploração. Estamos conseguindo focar no grande fornecedor e nos grandes lojistas, que exploram essa situação. (SUWWAN, 2011)

O pároco reconhece que muitas vezes o imigrante vem para trabalhar com algum familiar, amigo ou outrem que o valha que tem a intenção de melhorar a vida do compatriota, além de perceber que quem mantêm essas oficinas insalubres são grandes marcas e lojistas que desejam as peças mais baratas possíveis.

Merçon (2015) e Zarpellon (2017) nos dizem que a necessidade das grandes redes multinacionais e das lojas do Bom Retiro (que diversas vezes abastecem lojas nacionais e estrangeiras), com a política de pronta entrega, gera uma grande demanda para as oficinas e que as mesmas recorrem a mão de obra latino-americana, principalmente a boliviana.

Embora os ambientes de diversas oficinas de costuras sejam ruins, às vezes beirando o desumano, não podemos desconsiderá-las como locais para a inserção e ascensão social dos imigrantes

por que a informalidade e flexibilidade da organização das oficinas também facilitam a integração no mercado de trabalho (primeiro trabalho obtido pelo

apoio dos membros do grupo familiar ou étnico), a capacitação profissional (grande parte chegam como ajudante, sem conhecimentos na costura), a realização de um projeto migratório (seja no próprio lugar: tornar-se dono de oficina; seja no país de origem: compra de um lote ou casa), para quem, frequentemente indocumentado, sem conhecimento do mercado de trabalho e com um domínio fraco da língua e dos usos da sociedade do país de destino, teria poucas chances de ficar na cidade de São Paulo. (SOUCHAUD, 2012, p. 80)

Quando se trata de moradias, os coreanos têm acesso a melhores localizações; como o relacionamento dos coreanos em relação aos judeus é antigo e próspero, enquanto locatários e inquilinos de imóveis, a relação permanece viva dos anos 60 até hoje. Quanto aos novos imigrantes, eles buscam outros locais, em geral, periféricos às ruas principais do bairro³⁶. Residências que, provavelmente, já abrigaram famílias coreanas no passado, onde muitos possuem oficinas próprias ou de onde deslocam-se para trabalhar nas oficinas dos arredores.

Para concluirmos esse tópico, gostaríamos de frisar que não é somente em oficinas de costura que as relações entre bolivianos e coreanos (ou brasileiros) se dão. Como dividem espaços comuns, as relações acontecem em locais como restaurantes e outros tipos de comércios, pelas ruas do bairro e afins, além dos festejos promovidos pelas associações bolivianas.

6.2 Onda Hallyu

Entre os anos da década de 1980 e os da primeira década dos anos 2000, a cultura pop (principalmente voltada para aos jovens e adolescentes) era carregada de influências e produtos japoneses – décadas anteriores também haviam recebido suas influências nipônicas, como filmes de samurai, mas não as exploraremos a fundo nesse trabalho – em especial animes e mangás³⁷. Não poderíamos deixar de mencionar as artes marciais (sendo o *karatê* e Judô as que eram, e são, as mais famosas, com o Brasil medalhista olímpico nas mesmas), tecnologia, séries de *tokusatsu*³⁸, alimentação e afins. Na década seguinte, um fenômeno semelhante se

³⁶A ocupação de edifícios desocupados e participação em movimentos sociais que lutam por moradia digna aos mais necessitados são requisitados por outros tantos – independentemente de nacionalidades.

³⁷Exemplificamos os sucessos mundiais da saga *Dragon Ball*, de Akira Toriyama, e *Pokémon*, de Satoshi Tajiri.

³⁸Abreviação de *tokushu kouka satsuei* (filme de efeitos especiais), são produções com atores reais

apresenta e estabiliza na cultura pop nacional: a Onda Hallyu, formada por produções sul coreanas.

6.2.1 O que é hallyu?

Hallyu³⁹ é o nome da onda de produções culturais coreanas que começaram a se espalhar pelo mundo na década de 1990; começando com os países vizinhos à Coreia do Sul, depois para os EUA e em seguida para a Europa e América Latina. É nesse movimento que estão os mais diversos grupos musicais (k-pop, k-indie, k-hip hop, etc.), doramas ou *k-dramas* (em uma mistura única de série com novela). Junto com eles outros aspectos da cultura pegam carona, como a alimentação, organização familiar e social, história, mitologia e religião, esportes etc.⁴⁰. Essa onda está para a coreanidade tal qual os animes e *mangás* (principalmente na virada do milênio) estavam/estão para a japonesidade – existe também o Manhwa, os quadrinhos sul coreanos, são pouco conhecidos fora da Coreia.

6.2.2 Música e k-pop

Quando se trata de K-pop, a onda se torna um tsunami que até o governo surfa, como visto na seguinte passagem:

O governo do país também se aproveita da moda da onda coreana, e utiliza fortemente os grupos de k-pop para divulgar a imagem do país, incentivar o turismo e se infiltrar no mercado internacional, com o ministério da cultura tendo um departamento exclusivo para o K-pop. (SABBAGA, 2017).

e ainda por essa:

que abusam de efeitos especiais. Como exemplos, citamos *National Kid* (1964, na TV RIO), *Ultraman* (década de 1970, na Rede Tupi), *Jaspion* (década de 1980, na Rede Manchete) e *Power Rangers* (décadas de 1990 e 2000 em diversas redes de televisão) mostrando assim que a produção televisiva japonesa está na cultura brasileira a muito tempo.

³⁹Hangul: 한류; Hanja: 韓流.

⁴⁰Exemplos: *Kingdom*, um drama de época durante a dinastia Joseon (1302-1897), onde uma praga (capaz de erguer os mortos à vida) assola o país e o príncipe herdeiro é enviado para investigar a mesma. A produção apresenta costumes do período, além de figurinos condizentes. (KINGDOM, 2019); Arang e o Magistrado, outra obra de época durante a dinastia Joseon, a jovem Arang é assassinada e como um fantasma volta para o mundo dos vivos, em seguida faz amizade com um magistrado e então juntos tentam encontrar e levar à justiça o assassino. A série apresenta estrutura social e figurinos da época, além de mitologias. (ARANG, 2019). Ambas as séries também apresentam à proximidade que a cultura coreana tem com o morrer e o além vida.

Sweden Laundry, um drama que acompanha uma jovem, sempre deixada de lado pela mãe e pelos irmãos, com um sonho de abrir uma lavanderia. A jovem tem o poder de ver os problemas das pessoas quando toca em suas roupas. A produção apresenta a estrutura familiar dos tempos atuais e as pressões que os jovens coreanos têm de enfrentar (SWEDEN, 2014).

Proveniente de uma cultura sempre estereotipada e orientalizada, o K-pop insere características externas à sua cultura e edita uma mercadoria com a embalagem pop não agressiva ao mercado para vencer as travas de uma indústria monolítica. Compreendamos que pelos últimos vinte anos, o K-pop tornou-se uma indústria apoiada pelo governo e produzida para ocupar o topo das paradas. [...] A barreira idiomática é compensada pela questão visual. O K-pop é uma febre que movimenta milhões de amantes e é acessível aos ouvidos e impulsionado por uma megamáquina promocional. Com uma mercadoria que não corre aos modelos do que se têm como pop, os sul coreanos repensam o “chiclete” musical reunindo elementos de hip hop, techno e rock.

O K-Pop utiliza da língua inglesa, além de características visuais que mesclam muito do extremo oriental com o que vemos uniformemente dentro do pop hegemônico, e esse conjunto de aspectos torna o K-Pop um rival do Pop anglo-saxão. (SILVEIRA, 2018, p. 129-130)

E assim o estilo se propaga e adquire novas legiões de fãs pelo mundo com uma velocidade típica do tempo da internet e redes sociais. Silveira completa, “O K-pop está adaptado ao capital, através dele, conseguiu atingir ao nível em que se encontra hoje. Na estrutura de mercado mundial, sem fronteiras para serem destruídas, o pop coreano é inclusivo e valoriza toda a diversidade, que avança sem limites” (2018, p. 132).

Os sons coreanos invadiram também os eventos que antes eram dedicados à cultura pop japonesa, primeiramente com apresentações de bandas *covers* (em 2012 o Anime Friends já possuía concursos de *covers* coreanos), em seguida eventos maiores trouxeram bandas de k-pop e posteriormente artistas coreanos encheram estádios nas principais cidades brasileiras⁴¹ (URBANO, 2017, p. 6).

Os primeiros artistas k-pop vieram ao Brasil no ano de 2011, para julgar um concurso de *cover* de dança e atraíram mais de quatro mil pessoas. Ainda no mesmo ano mais um evento reuniu mais cinco mil fãs - atividades que mostram aos empresários o entusiasmo e fervor dos fãs brasileiros (URBANO, 2017, p. 12). Em 2012, o rapper PSY estourou no *Youtube* com o videoclipe “Gangnam Style”, e a K-pop deixa de ser algo de um grupo mais restrito e se torna *mainstream* (ou seja, se torna tendência) com diversas reportagens e holofotes por diversas mídias nacionais. No ano de 2013, o cantor PSY veio ao Brasil durante o carnaval de Salvador para uma campanha publicitária e participar de um trio elétrico, àquela altura o *rapper* era considerado o dono do vídeo visto mais vezes na história do *YouTube*. Ainda em 2013

⁴¹Infelizmente não iremos nos aprofundar sobre esses shows, pois os mesmos ocorreram além de nosso recorte historiográfico. Mas, a título de curiosidade, ainda segundo Urbano (2017, p.10), foi a empresa JW8, pertencente ao empresário Jonhy Wang (descendente de segunda geração de coreanos) que trouxe as primeiras bandas sul coreanas para o Brasil (as outras visitas eram para eventos ou eram cantores solos, ou de uma mesma gravadora, ou eram membros únicos de banda).

a *Korea Foundation for International Culture Exchange* (KOFICE) e o Ministério da Coreia do Sul para Cultura, Esportes e Turismo realizaram o “2k13 Fell Korea” para celebrar o cinquentenário da imigração coreana com diversas apresentações musicais e eventos culturais e no final daquele ano a, até então, mais admirada banda Super Junior levou 8 mil fãs para verem seus shows.

6.2.3 Doramas / *K-dramas*

Como citado anteriormente, o gênero é uma combinação de séries (e minisséries) e telenovelas, tendo como as características gerais episódios de, em média, uma hora de duração, temporada composta de 8 a 25 episódios com arcos narrativos fechados dentro desses episódios (geralmente sem temporadas seguintes), tendo público-alvo o jovem feminino, com poucos núcleos e atores e com horários de exibição à noite (URBANO; ARAÚJO, 2017, p. 2591). Essas produções têm algumas semelhanças com as novelas mexicanas, o que facilitou o consumo por parte dos brasileiros e outros latinos americanos.

Historicamente, esse formato nasceu no Japão durante a década de 1950 e se espalhou pelo extremo oriente em 1980 e não demorou para que cada país produzisse seus próprios *doramas* com suas características e temas regionais. Agora apresentamos a Tabela 1, produzida por Urbano e Araújo comparando as versões japonesas e coreanas:

Tabela 1 - Características das produções japonesas e sul-coreanas

Países	Japão	Coreia do Sul
Formato	<i>Doramas</i>	<i>K-dramas</i>
Gêneros	<ul style="list-style-type: none"> ● <i>Home dramas</i>: foco na estrutura familiar da sociedade japonesa ● <i>Trendy Drama</i>: enfoque no cotidiano e nas questões contemporâneas do Japão moderno. ● <i>Cartoon Drama</i>: narrativa adaptada das histórias dos 	<ul style="list-style-type: none"> ● Épico/Histórico ● Escolar/Romance/Comédia ● Policial/Ação ● Fantasia ● Médico ● Terror/Suspense

	mangás e animes.	
Características Temáticas e Culturais	<ul style="list-style-type: none"> • Foco no cotidiano/questões da sociedade japonesa contemporânea (no caso do <i>trendy drama</i>) • Corrente <i>nihonjinron</i>, ressaltando as especificidades japonesas/<i>cool japan</i>. • Aproximação cultural com os públicos locais e, em menor escala, regionais, dado o foco nas questões japonesas. 	<ul style="list-style-type: none"> • O foco se desloca da narrativa/gênero e recai nos <i>idols</i> da música <i>k-pop</i>. • Corrente confucionista, garantindo diálogo com os públicos regionais, mas dialogando com a cultura televisiva global, a partir de sua categoria de gêneros. • Aproximação cultural com públicos regionais e globais, dada sua estratégia singular de hibridização.

Fonte: Adaptado de Urbano e Araújo (2017, p. 2590-2591).

A partir da tabela acima, podemos notar a maior variedade da produção coreana quando se trata de gêneros, assim conseguindo atrair mais público (consequentemente facilitando sua venda para outros países) e sua interação com o *k-pop* agregando mais valor a ambos os produtos de entretenimento.

6.2.4 Tecnologias e Videogames

Como visto anteriormente, as plataformas de áudio e vídeo são grandes divulgadores e facilitadores de acesso aos produtos culturais. É “a *Netflix*, o *Crunchyroll*, *Drama Fever* e *Viki* que os dramas de TV (doramas e k-dramas) acompanhada de animes e demais produções audiovisuais asiáticas encontram seu local mais evidente e legítimo de ancoragem” (URBANO, 2017, p. 5), mas é impossível de se negar como o *YouTube* (e o acesso a uma internet de alta velocidade, conhecida como Web 2.0) ajudou a espalhar outros produtos da Hallyu, afinal com uma pesquisa rápida é possível ver documentários sobre a Coreia, *streams* de jogos, aulas de hangul etc.

A produção de jogos eletrônicos de grandes sucessos pelo Brasil e no Mundo

– por exemplo: Mu Online (Estúdio WebZen, lançado em 2001 na Coreia do Sul), Ragnarok (Gravity Corporation, lançado em 2002), Gunbound (Softnyx, lançado em 2002) e Grand Chase (KOG Studios, 2003) - é praticamente uma marca (e prova) da inovação e dinamismo da indústria de tecnologia coreana. Entretanto o primeiro jogo coreano a adentrar ao Brasil e se tornar um sucesso, segundo Urbano (2017, p. 11), foi o *Pump it Up* (um jogo de dança onde o jogador deve pisar em placas em uma plataforma sem errar segundo as instruções de um monitor) produzido pela Andamiro em 1999 e desembarcou no mesmo ano para uma feira de tecnologia e já em 2001 ocorreu o primeiro torneio nacional de jogadores. Ainda segundo a autora, e como já era esperado, o jogo possui diversas músicas de k-pop no seu sistema.

Os avanços tecnológicos e a popularização de dispositivos móveis nos últimos anos levaram as empresas a adaptar jogos para tais plataformas, assim alguns videogames tiveram um segundo fôlego, por exemplo: GunBound M (Softnyx e DargomStudio, lançado em 2017) e Ragnarok M: Eternal Love (Gravity Corporation, lançado em 2018).

6.2.5 Conclusão: hallyu produção cultural do governo e novas mídias

Acreditar que toda essa produção cultural é apenas para divulgar a cultura sul-coreana e agradar os fãs é acreditar em meias verdades. Toda essa indústria é voltada para o capital.

As empresas fazem pesquisas de mercado e treinam seus *k-idols* a exaustão para a produção de bandas ideais. Carvalho (2019, p. 34) apresenta, baseada numa produção oficial do governo sul-coreano (MINISTRY OF CULTURE, SPORTS AND TOURISM, 2011), o seguinte fluxograma (Figura 2) utilizado pelas empresas de entretenimento para a criação de suas *boys* ou *girl bands*:

Figura 2 Fluxograma da criação de k-idols



Continuando, segundo a autora, esse é um mercado que move milhões de dólares por todo o globo então é improvável que essa construção de artistas seja cessada nos próximos anos, ou mesmo décadas.

Os *k-drama* promovem a divulgação dos estilos de consumo e de viver sul-coreanos movendo fortunas de consumidores ansiosos para se vestir, comer, possuir os mesmos eletrônicos e até mesmo se parecer com seus ídolos (GALLI, 2014).

O grande desenvolvimento na produção de eletrônicos e softwares – entenda-se principalmente videogames – por si só gera grandes cifras e é um dos principais produtos de exportação econômica do sul da península.

6.3 O Centro Cultural Coreano do Brasil: um local para interagir.

Sendo uma iniciativa do próprio governo coreano, a instalação de K.C.C. acontece por todo o globo – com um total de 32 centros culturais espalhado pelos cinco continentes. Sendo o brasileiro, fundado em 23 de outubro de 2012 pelo Ministério da Cultura, Esporte e Turismo da Coreia (문화체육관광부) – através do Korean Culture and Information Service (KOCIS), instituição pertencente ao ministério que todos os centros culturais estão submetidos – durante as comemorações dos cinquenta anos

de imigração coreana para o Brasil, visando incentivar à cultura coreana para os brasileiros – anteriormente era enviado um representante coreano para o trabalho de divulgação da cultura prática encerrada com o K.C.C.

Segundo o site do KOCIS, o período de 2011 a 2015 é aquele onde mais centros culturais são abertos pelo globo, um total de 12. é interessante notarmos como os centros são abertos de acordo com as imigrações de coreanos e com a política internacional coreana; os primeiros abertos com o Japão (território com muitos imigrantes coreanos ainda do período colonial) e E.U.A. (responsável pelo território conhecido atualmente como Coreia do Sul e um dos principais destinos para imigrantes até os dias atuais) e assim se segue.

Levando em consideração que são uma instituição governamental o K.C.C. do Brasil não tem nenhuma relação oficial com outras associações de imigrantes coreanos, embora o contato e parceria para eventos exista de forma não oficial. Entretanto o maior foco e objetivo da instituição é apresentar cultura coreana para brasileiros, ou seja o outro, para realizar intercâmbio cultural bilateral e que a intenção de preservação da cultura dentro da comunidade de imigrantes seria uma questão sensível às associações, como a Associação Brasileira de Coreanos e – como foi apresentado por diversos pesquisadores estudados neste trabalho (PERELMUTTER, 2017; ROGANTI, 2003; TRUZZI, 2001) – o desenvolvimento da cultura dentro da colônia é feito pelas escolas, núcleos familiares e, em especial pelas igrejas.

Todas essas características tornam o KCC do Brasil um local único para a compreensão da coreanidade que está disponível para o outro – brasileiro – que o procura.

Ademais, os K.C.C. têm muito em comum com instituições como a Japan Foundation – com um diferencial de que a primeira não tem ímpetos acadêmicos, ficando este a cargo do Centro Educacional Coreano (localizado na embaixada) – ou a Aliança Francesa.

O público-alvo é de jovens, por serem os maiores consumidores de Hayllu e frequentadores de redes sociais, principal meio de comunicação do K.C.C. com os brasileiros.

Ainda por meio de suas redes sociais e sitio eletrônico, é divulgada a revista eletrônica (web-magazine) KOREA webzine ; a sua primeira edição é de fevereiro de 2018 e apresenta textos curtos e bem ilustrados – típicos para publicações digitais – sobre assuntos variados, como por exemplo cultura (tradicional e jovem), história, viagens e atualidades da Coreia do Sul. Toda a publicação é em inglês, assim podendo

atingir o maior público possível. É uma publicação criada e vinculada ao KOCIS.

6.3.1 Quem trabalha

As visitas ao recinto e o trabalho de campo nos colocaram a par da organização da administrativa do K.C.C. Os cargos administrativos são preenchidos por imigrantes ou descendentes de imigrantes, todos falam português (na maioria das vezes como segunda língua). Entre os professores muitos são, além de imigrantes, convidados diretamente da Coreia do Sul para lecionarem alguma nova atividade ou enriquecer uma já existente por um ou dois semestres. Brasileiros trabalham em atividades auxiliares, atendimento em geral ao público e na manutenção do espaço físico.

6.3.2 O(s) espaço(s) físico(s)

O imóvel, alugado pelo ministério, fica localizado na Alameda Barros a altura do número 192, no bairro de Santa Cecília; mas entre o final de 2018 e início de 2019 a sede será movida para a Avenida Paulista, visto que a avenida é o cartão-postal da Cidade de São Paulo e torna-se com o passar dos anos um ponto de referência para a cultura paulistana – por exemplo o Parque Tenente Siqueira Campos (Trianon), o MASP (Museu de Arte de São Paulo) e que no seu vão acontecem aos finais de semana uma feira de antiguidades e outros, no domingo a Paulista é vedada a circulação de veículos automotores e é tomada por pedestres em passeios familiares, com animais de estimação e/ou com amigos, além de ciclistas, skatistas, entre outros, na mesma avenida se encontra a Japan House um espaço dedicado a exposição do Japão contemporâneo aos brasileiros.

Funcionando de segunda a sábado das 10 às 17 horas. Assim como milhares de empresas e diversos órgãos, o K.C.C. tem páginas em redes sociais por onde divulgam curiosidades sobre cultura, as próximas atividades que a serem desenvolvidas e fotos das já desenvolvidas e etc.

6.3.3 Suas Atividades

As atividades são variadas e tentam abarcar o presente e o passado da península. Segundo a mesma classificação que é apresentada por eles⁴², separamos as atividades em Eventos e Aulas/Seminários. O primeiro se caracteriza por não ter uma continuidade, ou seja, são datas comemorativas (como o festival da colheita) ou eventos pontuais – dos quais destacam-se os dias de Cultura Coreana, onde cada edição uma atividade diferente apresenta uma faceta da cultura. O segundo tem continuidade e formar frequentadores mais assíduos ao K.C.C. – aqui enquadramos os cursos de culinária, de idioma e cultura coreana e as aulas de taekwondo.

Uma terceira atividade, um tanto desconhecida, é enviar membros da imprensa brasileira para a Coreia do Sul com o intuito de fazerem material para ser divulgado em meios nacionais comunicação.

⁴² Separação encontrada no site da instituição: <http://brazil.korean-culture.org/pt/welcome> . Acessado em 18 de junho de 2018. Entende-se que, Eventos são atividades especiais desenvolvidas em um dia ou mais, não ultrapassando uma semana, onde podem ocorrer workshops e outras atividades em um cunho mais recreativo; quanto que aulas/seminários possuem um cunho educacional mais forte e são atividades que tendem a repetir com frequência.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi apresentado, nos debruçamos em uma vasta referência que passou por diversas áreas do conhecimento humano – sendo uma imigração recente, os historiadores ainda não se atentaram à mesma, embora outras ciências já o tenham feito – como economia, saúde, arquitetura, comunicação etc. Ressaltamos que tal constatação é uma faca de dois gumes, pois, de um lado, nos brindou com uma diversidade de abordagens sobre a comunidade coreana e sua imigração, mas por outro evidenciou a falta de contato dos historiadores com a História do Tempo Presente – assim dando a áreas como a antropologia, sociologia ou jornalismo o trabalho do fazer história desse tempo (sobre o jornalismo existem debates intensos na sua relação com o fazer história tanto do tempo presente como o do passado, entretanto tal debate não cabe aqui).

Depois de analisados os documentos e as referências nos deparamos com as respostas de nossas indagações iniciais.

O processo migratório foi complexo e dividido em períodos bem demarcados. As primeiras vindas (1º período) não chegaram a ter números significativos, mas as histórias e memórias dos motivos de imigração são emocionantes.

Nos períodos seguintes, é notável que o projeto oficial – imigração era destinada ao campo (como outros projetos do governo brasileiro) – falhou e foi rápida a estabilização dos coreanos no centro urbano de São Paulo e o apoio que os mesmos receberam dos japoneses (por terem o saber de como era ser estranho nessa terra quente onde ninguém entendia sua língua).

O processo de imigração legal se mostrou uma surpresa durante as pesquisas e ajudou a pensar nas construções de relações entre esses ilegais (e a comunidade como um todo) com os bolivianos e paraguaios. Michael Bruneaux (2004) apresentou as definições seguintes como necessárias para tratar do tema de migrações e migrantes: a escolha do país de destino é baseada na estrutura das cadeias migratórias que vinculam os migrantes aos já instalados; as novas populações são integradas no país receptor sem assimilação, mantendo uma forte identidade pertencente ao país de origem. Isso implica a existência de uma vida associativa ativa, através da qual as formas tradicionais de reprodução comunitária são implementadas.

A consciência e a reivindicação de uma identidade étnica ou nacional são desenvolvidas a partir de um lento trabalho de memória realizado pelas instituições da comunidade local. Grupos migrantes dispersos, conservam e desenvolvem múltiplas relações de troca entre eles, com o país de origem e com os outros pólos migratórios. Assim como foi apresentado durante o trabalho, a comunidade coreana apresentou essas características.

As relações entre os coreanos e bolivianos eram, e são, basicamente de trabalho. Muitas vezes similar à escravidão em oficinas de costuras montadas em espaços irregulares; não que todos os coreanos pratiquem de tais atos, mas uma constante é a definição do asiático como patrão e o latino como o seu empregado.

Mesmo dentro da própria comunidade é notável que norte-coreanos escondam suas origens para evitar o preconceito de seus “conterrâneos”.

Enquanto isso, nos últimos anos de nosso recorte, temos a ascensão do *Hallyu* e o desenvolvimento dos interesses da grande massa pela cultura coreana. Claro que essa disseminação de cultura levou a construções de novas identidades para os seus adeptos, nas palavras de Kajimoto *et al.*:

A identidade e a cultura são construídas por aquilo que tem significados para os indivíduos, ou seja, que é originada deles, e construída pelo processo civilizatório que une os sujeitos em grupos e comunidades. Algumas comunidades, porém, podem ser formadas por meio de uma instituição dominante, que são aquelas instituições que só vão assumir qualquer condição quando e se os atores sociais internalizarem a sua vivência, o que vai resultar na construção do seu significado e papéis sociais, ou seja, os papéis que cada indivíduo assume na sociedade influenciam o comportamento das pessoas dependendo do que elas vão vivenciar em um determinado momento. (2017, p. 71)

E assim nasceram os *k-popers*, aqueles que são “fãs de carteirinha” de diversas expressões da onda *Hallyu*. Esses, em sua maioria jovens, se tornaram o expoente da disseminação da cultura coreana não somente em São Paulo como em todo o país. Eles se esforçam para sentir-se coreanos, se esforçam para sua *coreanidade*.

O termo coreanidades é fundado no conceito de japonesidades (LOURENÇÃO, 2011, p. 27), ou seja, é a delicada, complexa e múltipla organização da identidade e pertencimento a cultura coreana, sendo essa cultura baseada em uma Coreia real ou imaginada por aqueles, descendentes biologicamente ou não, que a coletam e absorvem – assim como dito por Hall (2002, p. 13) a identidade do indivíduo é

construída histórica e não biologicamente.

Entretanto aqui temos um diferencial em relação as japonesidades, os coreanos, principalmente os mais novos (e a geração 1.5), são parte de uma imigração extremamente globalizada – com meios de transportes mais rápidos, acesso mais fácil a informações da terra natal e comunicação com outros imigrantes – e com investimentos altos do governo coreano em disseminar a sua cultura através das mídias, e assim tem acesso mais fácil a contextualização política e cultural de sua terra natal e mantêm o idioma em sincronia.

Assim como os descendentes têm acesso a essas informações os não descendentes também fazem uso dela. Em “personificação” disto temos diversos portais eletrônicos dedicados e administrados e escritos por brasileiros – e em sua maioria das vezes para brasileiros –, por exemplo: BRAZILKOREA, Love Code (LOVE..., 2019), Papo Coreia (PAPO..., 2019), além de canais no Youtube, páginas em redes sociais e blogs pessoais.

Partindo do princípio que, como a japonesidade, a coreanidade é aprimorada por uma aproximação de uma Coreia virtual, imaginada e/ou idealizada e como sua contraparte deve ser “alimentada”.

As relações que produzem a coreanidade são vias de mão dupla, tanto para indivíduos quanto para a sociedade. Obviamente, os descendentes e comunidades, sofrem influências da brasilidade – Lesser lembra que somos um povo multicultural, marcado por incorporar o que é estrangeiro a nossa cultura e personalidade e onde os grupos de imigrantes “se tornaram brasileiros ao incorporar a cultura majoritária, mas permaneciam como grupos distintos” (LESSER, 2015, p. 25) – por estarem vivendo entre os brasileiros. Na outra pista, a comunidade coreana apresenta, a partir de indivíduos e associações (no sentido mais amplo da palavra), ondas da sua cultura, como festas, K-pop, k-dramas, comidas típicas, entre outras atividades culturais, esportivas, religiosas e morais. Tais relações levam a coreanização do não descendente e a descoreanização do descendente, em diferentes graus e temporalidades. Assim como disse Hall (2002, p. 62): “As nações modernas são, todas, híbridos culturais”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, F. **Bolivianos residentes na zona central do município de São Paulo:** situação de moradia e saúde. Dissertação de Mestrado (Programa de mestrado profissional em Promoção da Saúde), Centro Universitário Adventista de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: https://cdn1.unasp.br/home/2019/05/30125248/Dissertação-19-Felipe_Abrahão.pdf. Acesso em: 31 jan. 2020.

ALBUQUERQUE, A. B. Indústria e educação: um breve histórico do desenvolvimento da coreia do sul. In: 3º SIMPÓSIO ELETRÔNICO DE HISTÓRIA ORIENTAL. **Apresentações.** Disponível em: <https://simporiente2019eo.blogspot.com/p/industria-e-educacao-um-breve-historico.html>. Acesso em: 05 ago. 2019.

ANTAR, N. Coreano é preso em SP acusado de explorar paraguaios em trabalho escravo. Folha de Londrina, 28 set. 1999. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/geral/coreano-e-preso-em-sp-acusado-de-explorar-paraguaios-em-trabalho-escravo-205099.html>. Acesso em: 25 jun. 2019.

ARANG e o Magistrado. Direção: Kim Sang-ho; Jung Dae-yoon. Coreia do Sul: MBC, 2012. Disponível em: <https://www.viki.com/tv/7265c-arang-and-the-magistrate>. Acesso em: 08 fev. 2019.

ARAUJO, G. C. C. A Segurança Nacional No Regime Militarista. **Observatorium:** Revista Eletrônica de Geografia, v. 10, n. 1, p.60-78. jan/abril.2019.

BAENINGER, R.; SALES, T. Migrações Internas e Internacionais no Brasil: panorama deste século. **Travessia, Revista do Migrante**, São Paulo, ano XIII, n. 36, jan.-abr. 2000.

BAENINGER, R. (org.) **Imigração boliviana no Brasil.** Campinas: Núcleo de Estudos População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

BALDASSO, T. O. **Reforma Agrária, Modernização da Agricultura e Industrialização na Coreia do Sul.** 2016. TCC - Faculdade de Ciências Econômicas, UFRGS, Porto Alegre, 2016.

BARROS, C. Palácio dos Campos Elíseos reabre como centro de empreendedorismo. **Veja São Paulo**, 13 abr. 2018. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/blog/memoria/palacio-campos-eliseos-reforma/>. Acesso em: 19 dez. 2018.

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade:** seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 187-227.

BASSANEZI, M. S. C. B.; SCOTT, Ana Silva V.; BACELLAR, C. A. P.; TRUZZI, Oswaldo M. S. **Atlas da imigração internacional em São Paulo 1850-1950.** São Paulo: Editora Unesp, 2008.

BORGES, N. A doutrina de Segurança Nacional. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. A.

N. (Orgs.). **O tempo da ditadura**: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 13-42.

BRASIL. **República Popular Democrática da Coreia**. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, [2020]. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/ficha-pais/5046-republica-popular-democratica-da-Coreia>. Acesso em: 02 fev. 2020.

BRAZILKOREA. [Brasil]: 2019. *Website*. Disponível em: <https://www.brazilkorea.com.br/>. Acesso em: 23 set. 2020.

BRUNEAUX, M. **Diasporas et espaces transnationaux**. Paris: Ed. Economica, 2004.

BURKE, P. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.

CAMPOS, G. B. de. **Dois séculos de imigração no Brasil**: A construção da imagem e papel social dos estrangeiros pela imprensa entre 1808 e 2015. 2015. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015a.

CAMPOS, G. B. O terrorismo do Estado brasileiro contra os estrangeiros durante a ditadura civil-militar (1964-1985). In: **Dois séculos de imigração no Brasil pela imprensa**. [s. l.: s. n.], 2015b. Blog. Disponível em: <https://midiacidade.org/o-terrorismo-do-estado-brasileiro-contra-os-estrangeiros-durante-a-ditadura-civil-militar-1964-1985/>. Acesso em: 08 nov. 2019.

CARDOSO, W. Nova geração de coreanos dá ar moderno ao Bom Retiro. **Agora**, 23 abr. 2017. Disponível em: <http://www.agora.uol.com.br/saopaulo/2017/04/1877826-nova-geracao-de-coreanos-da-ar-moderno-ao-bom-retiro.shtml>. Acesso em: 20 dez. 2018.

CARVALHO, F. V. **Hallyu wave**: reflexos da Diplomacia Cultural Sul-Coreana nas relações bilaterais com a China. 2019. 88 f. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2019.

CARVALHO, J. Zara é responsabilizada por trabalho escravo no Brasil. **Exame**, 15 abr. 2014. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/negocios/zara-brasil-e-responsabilizada-por-trabalho-escravo/>. Acesso em: 25 jun. 2019.

CHOI, K. J. **Além do arco-íris**: a imigração coreana no Brasil. 1991. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

CHOI, K. J. Imigração coreana na cidade de São Paulo. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 40, 31 jan. 1996, p. 233-238.

CINTRA, M. Coreanos. In **A Imprensa Imigrante**: trajetória da imprensa das comunidades imigrantes em São Paulo. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010, p. 129-132

CONSIGLIO, M.; PASSOS, P. Conheça coreanos que escolheram São Paulo não só para viver, mas também para transformá-la. **Folha de São Paulo**, 18 de ago. de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2018/08/1979233-como-coreanos-escolheram-sao-paulo-nao-so-para-viver-mas-tambem-para-transforma->

la.shtml. Acesso em: 18 dez. 2018.

CUCHÉ, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 2012.

DZELEPY, E. N. STONE, I. F. **A verdade sobre a Guerra da Coreia**. Rio de Janeiro: Andes Editorial, 1960.

FERREIRA, R. de C. de O.; SENHORAS E. M. Guerra da Coreia: Sessenta anos de um conflito latente (1953-2013). **Folha de Boa Vista**, Boa Vista, 27 maio 2013. Disponível em: <http://works.bepress.com/eloi/301/>. Acesso em: 18 ago. 2017.

GALLI, G. Jovem passa por 10 procedimentos cirúrgicos para parecer oriental no RS. **G1**, 27 maio 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/05/jovem-passa-por-10-procedimentos-cirurgicos-para-parecer-oriental-no-rs.html>. Acesso em: 23 set. 2020.

GARAY VERA, C; CASTRO ARCOS, J. Chile y la guerra de corea. un episodio de la política exterior chilena. **Revista de Relaciones Internacionales, Estrategia y Seguridad**, Bogotá, v. 12, n. 1, p. 131-157, jan. 2017. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1909-30632017000100006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 08 fev. 2019.

GUERRA, F. Sul-coreano filma ex-soldados exilados no Brasil e inspira encontro de coprodução. **O Estado de São Paulo**, 21 out. 2013. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/cinema,sul-coreano-filma-ex-soldados-exilados-no-brasil-e-inspira-encontro-de-coproducao,1088179>. Acesso em: 20 set. 2019.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HATUGAI, E. **A medida das coisas**: Japonesidades e parentesco entre associados da Nipo em Araraquara. 2011. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos (SP), 2011.

HOBBSAWN, E. J. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IM, Y. J. et al. **The Second Generation of Koreans in Brazil: A Portrait**. 2009. Disponível em: <http://international.ucla.edu/korea/article/112638>. Acessado em 29 set. 2020

IVENICKI, A. Multiculturalismo e formação de professores: dimensões, possibilidades e desafios na contemporaneidade. *In*: **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 100, julho de 2018, p. 1151-1167.

KAJIMOTO, N.; CAVALCANTE, L. E.; VITORIANO, M. C. C. P. Informação, Memória e Documento: estudo sobre as associações japonesas em Marília, São Paulo. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, [S.l.], v. 10, n. 1, abr. 2017, p. 67-85. ISSN 1983-5213. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/16474>. Acesso em: 16 jul. 2018.

KEBBE, V. H. **Um jornal entre Brasil e Japão**: a construção de uma identidade para

japoneses no Brasil e Brasileiros no Japão. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos (SP), 2008.

KIM, M. **Bala não tem olho**: a guerra civil da Coreia contada pelos ex-combatentes. 1991. Trabalho de Conclusão de Curso (Departamento de Jornalismo e Editoração) - Escola de Comunicações e Artes, USP, 1991.

KINGDOM. Direção: Kim Seong-hun. Coreia do Sul: Netflix, 2019. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80180171>. Acesso em: 08 fev. 2019.

KONTIC, B. **Inovação e redes sociais**: a indústria da moda em São Paulo. 2007. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. DOI:10.11606/T.8.2007.tde-14112007-141115. Acesso em: 18 fev. 2020.

KOUBI, G. Entre sentimentos e ressentimentos: as incertezas de um direito das minorias. In: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. (Orgs.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004, p. 525 - 550.

KUBOTA, N. F. L. **Okinawanos e não okinawanos em Campo Grande/MS**: relações e famílias. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos (SP), 2015.

LEAL, L F. Imagens e sons da Coreia do Sul em espaços transnacionais. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 54, n. 3, set/dez 2018, p. 294-304.

LESSER, J. **A invenção da brasilidade**: Identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

LESSER, J; REIN, R. Laços finais: novas abordagens sobre etnicidade e diáspora na América Latina do século XX: os judeus como lentes. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S.l.], v. 42, dez. 2011.

LOPES, C. M. S. **Direito de imigração**: o Estatuto do Estrangeiro em uma perspectiva de direitos humanos. Porto Alegre: Núria Fabris Editora, 2009.

LOURENÇÃO, G. V. **Identidades, práticas e moralidades transnacionais**: etnografia da esgrima japonesa no Brasil. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos (SP), 2009.

LOURENÇÃO, G. V. O Caminho da Espada como máquina de operação da japonesidade. In: MACHADO, Igor J. R. (Org.). **Japonesidades Multiplicadas**: novos estudos sobre a presença japonesa no Brasil. São Carlos, SP: EDUFSCar, 2011. p. 27-58.

LOVE Code: dramas e cultura asiática. [Brasil]: 2020. *Website*. Disponível em: <https://lovecode.com.br>. Acesso em: 23 set. 2020.

MACHADO, I. J. R. **Japonesidades Multiplicadas**: sobre a presença japonesa no Brasil.

In: MACHADO, Igor J. R. (Org.). **Japonesidades Multiplicadas**: novos estudos sobre a presença japonesa no Brasil. São Carlos, SP: EDUFSCar, 2011. p. 13-26.

MACHADO, I. J. R. Movimentos e Parentesco: Sobre as especificidades dos deslocamentos. **Campos**, vol. 15, Nº 2, 2014 (publicado em 2017). p. 27-42.

MACHADO, I. J. R. Introdução: Maquinários diferentes, objetificação e aceleração. In: MACHADO, Igor J. R. (Org.). **Deslocamentos e Parentesco**. v. 1. São Carlos: Edufscar, 2015. p. 9-24.

MARTINS, I. de L. Imigração no Brasil: os ideais de branqueamento na longa duração. In: MARTINS, I. de L.; HECKER, A. (Orgs.). **E/imigrações**: questões, inquietações. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2013.

MASIERO, G. A Economia Coreana: Características Estruturais. In: SEMINÁRIO SOBRE BRASIL E COREIA DO SUL, out. 2000, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: IPRI do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, 2000. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/geap/artigos/art6.PDF>. Acesso em: 20 set. 2019.

MAZER, R. M. Breve panorama histórico da imigração no estado de São Paulo e o fluxo migratório boliviano na região. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 2014, Natal - RN. **Anais [...]**. Brasília: Kiron, 2014.

MERA, C. Diáspora coreana en América Latina. In BONILLA, J. J. R. **Transiciones coreanas: permanencia y cambio en Corea del Sur en el inicio del siglo XXI**. México, D. F.: El Colegio De Mexico, 2009, p 303-334. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/j.ctv3dnpz5.16?seq=3#metadata_info_tab_contents. Acesso em: 25 jun. 2019.

MERÇON, M. Imigrantes bolivianos no trabalho escravo contemporâneo: análise do caso Zera a partir das Rq. s. **Periódico do Centro de Estudos em Desenvolvimento Sustentável da UNDB**, n. 2, v. 1, mar.-jul. 2015, semestral. Disponível em: <http://www.undb.edu.br/ceds/revistadoceds>. Acesso em: 25 jun. 2019.

MINISTRY OF CULTURE, SPORTS AND TOURISM. **K-Pop: A New Force in Pop Music**, Korean Culture, nº2. Seul: Korean Culture and Information Service, 2011.

MONTEIRO, D. S. M. **A onda coreana e a representação do passado em "Reply 1997"**. 2014. Trabalho de Conclusão (Curso de Estudos de Mídia) - Universidade Federal Fluminense, 2014.

MORRIS-SUZUKI, T. War without end: Cold war Ideology, POWs and the unfinished Korean War [online]. **Agora**, v. 51, n. 2, jun. 2016, p. 18-24. Disponível em: <https://search.informit.com.au/documentSummary;dn=101529504611529;res=IELHS> S. Acesso em: 15 ago. 2019.

NAPUTANO, M. **Identidades culturais em imigrantes de segunda geração – “os filhos de Pedrinhas”**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis (SP), 2012.

OLIVEIRA, H. A. de.; MASIERO, G. Estudos asiáticos no brasil: contexto e desafios. **Revista Brasileira de política internacional**, n 48, v. 2, dez. 2005, p. 5-28.

PAPO Coreia. [Brasil]: 2019. *Website*. Disponível em: <http://papocoreia.com.br>. Acesso em: 23 set. 2020.

PARK, H. North Korean POWs seeking last chance to return home after decades in exile. **The Conversation**, 2 Jul. 2017. Disponível em: <https://theconversation.com/north-korean-pows-seeking-last-chance-to-return-home-after-decades-in-exile-79929>. Acesso em: 20 ago. 2018.

PERELMUTTER, D. Marcas presenças e ecos imigratórios: o bairro do Bom Retiro. *In*: MAGALHÃES, V. B. de (Org.). **História Oral e Migrações**: método, memória, experiências. São Paulo: Letra e Voz, 2017. p. 127 - 144.

PEREIRA, R. A. Estudos Asiáticos no Brasil. *In*: Guimarães, Lytton L. (org.). **Ásia, América Latina, Brasil**: a construção de parcerias. Brasília: NEASIA/CEAM/UnB, 2003, p. 105-124.

PEREIRA, S. M. "Ser italiano" no Brasil ou como viver entre dois mundos. *In*: MARTINS, I. de L.; HECKER, A. (Orgs). **E/imigrações**: histórias, culturas, trajetórias. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2010.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PRADO, L. C. D.; EARP, F. S. O "milagre brasileiro": crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973). *In*: FERREIRA, J.; DELGADO, L. A. N. (Orgs). **O tempo da ditadura**: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 207-242.

PRIORI, A.; POMARI, L. R.; AMÂNCIO, S. M.; IPÓLITO, V. K. A Ditadura Militar e a violência contra os movimentos sociais, políticos e culturais. *In*: **História do Paraná**: séculos XIX e XX. Maringá: Eduem, 2012. p. 199-213.

RAMOS, E. H. C. dá L. Os museus da imigração como espaços da memória. *In*: MARTINS, I. de L. HECKER, A. (Orgs). **E/imigrações**: histórias, culturas, trajetórias. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2010.

RIBEIRA, F. **Sexy & Cool**: o exótico domesticado e a homossexualidade nipo descendente. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos (SP), 2010.

ROGANTI, M. A. **A imigração Coreana**: o processo de fixação e ascensão social dos imigrantes e descendentes no bairro do Bom Retiro. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - UNESP, Araraquara, 2003.

SABBAGA, J. K-Pop: O que é o fenômeno e por que ele não para de crescer. **OMELETE**, 07 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/musica/k-pop-o-que-e-o-fenomeno-e-porque-ele-nao-para-de-crescer>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Prefácio de Pierre Bordieu. São Paulo: USP, 1998.

SANTOS, J. L. **O que é Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SÃO PAULO. **Palácio dos Campos Elíseos vai abrigar centro de economia criativa**. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/palacio-dos-campos-eliseos-vai-abrigar-centro-de-economia-criativa-do-sebrae-sp/>. Acesso em: 19 dez. 2018.

SAKURAI, C. **Os japoneses**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

SANSONE, L. O Estado e o multiculturalismo. **Ciência e Cultura**, v. 57, n. 3, p. 4-5, São Paulo, set. 2005.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SEYFERTH, G. Os estudos da imigração no Brasil: notas sobre uma produção multidisciplinar. *In*: SEYFERTH, G. et al. **Mundos em movimento: Ensaio sobre migrações**. Santa Maria: Editora UFSM, 2007.

SOUCHAUD, S. A confecção: nicho étnico ou nicho econômico para a imigração latino-americana em São Paulo?. *In*: BAENINGER, R. (org.). **A imigração boliviana no Brasil**. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

SHEFFER, G. **Diaspora Politics: At Home Abroad**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2003.

SILVA, J. L. **O que é cultura?** São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILVA, S. A. Bolivianos em São Paulo Dinâmica cultural e processos identitários. *In*: BAENINGER, R. (org.). **A imigração boliviana no Brasil**. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

SILVEIRA, F. A. B. O K-pop é a vela que ilumina o caminho do hip-hop coreano? *In*: BUENO, A. CREMA, E. ESTACHESKI, D. NETO, J. M. (orgs.) **Extremos Orientes**. União da Vitória/Rio de Janeiro: APHIS/UNESPAR, 2018. Edição Especial Sobre Ontens.

SUWWAN, L. Sonhos bolivianos viram pesadelos no Brasil. **O Globo**, 3 nov. 2011. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/sonhos-bolivianos-viram-pesadelos-no-brasil-2671499>. Acesso em: 25 jun. 2019.

SWEDEN Laundry. Direção: Jung Hwan-suk; Kim Seung-il; Noh Ji-hye. Coreia do Sul: MBC, 2014.

TOMANIK, E. **O olhar no espelho: conversas sobre a pesquisa em ciências sociais**. Maringá (PR): Eduem, 2004.

TOUSSAINT, E. O Mito da Coreia do Sul: não, ela não se desenvolveu com livre mercado. **Voyager**, 25 fev. 2017. Disponível em: <https://voyager1.net/economia/o-mito-sul-coreano/#nb12>. Acesso em: 05 ago. 2018.

TRUZZI, O. Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 28, p. 143-166, fev. 2001. ISSN 2178-

1494. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2144>. Acesso em: 01 out. 2018.

UEBEL, R. R. G.; RÜCKERT, A. A. Aspectos gerais da dinâmica imigratória no Brasil no século XXI. **Confins**: Revista Franco-brasileira de Geografia, nº 31, 2017. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/11905>. Acesso em: 19 dez. 2018.

URBANO, K. Entre japonesidades e coreanidades pop: da Japão-Mania à Onda Coreana no Brasil. *In*: 40º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Curitiba, 2017. **Anais [...]**. Curitiba (PR): Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017.

URBANO, K.; ARAÚJO, M. Os novos modelos de distribuição e consumo de conteúdo audiovisual asiático nas redes digitais: o caso dos doramas de TV na Netflix BR. *In*: 40º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, Curitiba, 2017. **Anais [...]**. Curitiba (PR): Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017.

VENCESLAU, P. Doria quer revitalizar e mudar nome de bairro para 'Bom Retiro Little Seul'. **O Estadão**, São Paulo, 12 abr. 2017. Disponível em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,doria-quer-revitalizar-bom-retiro-e-mudar-nome-para-bom-retiro-little-seul,70001736986>. Acesso em: 18 dez. 2018.

VISENTINI, P. G.; F. PEREIRA, A. D.; MELCHIONNA, H. H. **A Revolução Coreana: o desconhecido socialismo zuche**. 1ª edição. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

VISENTINI, P. G. F. O regime militar brasileiro e sua política externa. *In*: MARTINS FILHO, J. R. (org.). **O golpe de 1964 e o regime militar: novas perspectivas**. São Carlos: Edefscar, 2006. p. 143-160.

WRONG, D. H. **La población**. 2ª edição. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1968.

YANG, E. M. **A "geração 1.5" dos imigrantes coreanos em São Paulo: identidade, alteridade e educação**. 2011. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. DOI:10.11606/T.48.2011.tde-04072011-083935. Acesso em: 11 out. 2018.

ZARPELLON, J. C. **Interações, Sentidos e Riscos no Atacado de Moda do Bom Retiro, São Paulo: A Diferenciação da Rua Aimorés**. Dissertação (Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

